

<b>FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2</b>	
<b>Nome da Pasta</b>	QUESTÕES_CRISTÃS_À_RELIGIÕES_TRADICIONAIS_RE61.2
<b>Autor/Instituição</b>	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
<b>Número de Documentos</b>	1
<b>Quantidade e tipo de documentação</b>	1 caderno que contém recortes de jornais e páginas sobre o cristianismo no Brasil. Total de páginas: 135
<b>Dia/ Mês/Ano</b>	1982
<b>Formato</b>	Ofício
<b>Resumo</b>	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde este caderno reúne a continuação do caderno “Questões Cristãs à Religião Tradicional RE61.1” a partir do sétimo capítulo da tese de licenciatura e catequese e Pastoral de Adriano Langa, apresentada no Instituto “Lumen Vitae” sob a promoção do Professor Paul Lubeau.
<b>Palavras-Chave</b>	Cristianismo; Religião; Tradicional; Catequese.
<b>Notas explicativas</b>	-

Bibliothek

Questões cristãs à religiões tradicionais

CECIM

Institut für Brasilienkunde

RE 61.2

Bibliothek

14.06.11

METTINGEN



## CAPITULO 7

## QUESTÕES CRISTÃS À RELIGIÃO TRADICIONAL

A descrição do fenómeno da religião tradicional que acabamos de fazer é suscetível de suscitar interrogões de todo o género e em todo o ouvinte ou leitor. O cristão que ouvisse a descrição feita não ficaria sem perguntas a se pôr a si mesmo e à própria religião tradicional. Ao longo deste capítulo nós vamos pôr algumas destas questões. Será como se um cristão interrogasse àquela religião sobre aquilo que esse cristão julga importante numa religião equilibrada, segundo a concepção. Trata-se, portanto, de questões elementares ou básicas.

No entanto, não se trata de fazer "comparações" entre o cristianismo e a religião tradicional. Com efeito, estamos de veras persuadidos de que nos estudos "comparativos" das religiões tem-se cometido um erro metodológico: muitas vezes tomam-se duas ou mais religiões determinadas para as "comparar" e uma dessas religiões serve de padrão ou "modelo" de comparação, como se fossem dois desenhos entre os quais se procura encontrar semelhanças e dessemelhanças e, então, procura-se fazer traduções de conceitos, símbolos, etc. Nós consideramos que um tal trabalho está votado ao fracasso, fracasso este expresso pela rejeição de uma das religiões e a religião dominante é que sempre triunfa. A História no-lo ensina e a própria escola das religiões comparadas já se deu conta e isto, sobretudo, graças à contribuição da antropologia e da etnologia.

É que não há duas religiões geometricamente iguais mesmo entre as mais vizinhas. Assim acontece porque cada religi



ão é veiculada por uma cultura da qual ela faz parte (cultura ou subcultura) e cada cultura assenta sobre uma filosofia e cosmovisão particulares. Ora sabemos como os valores variam segundo a cosmovisão e filosofia subjacente. Assim, tomar uma religião como padrão é uma boa maneira de empobrecer uma tal religião ao colocá-la num estado de superioridade, auto-suficiência e perfeição que muitas vezes não tem. Por exemplo, no que diz respeito ao cristianismo, devemos distinguir entre o cristianismo e a Mensagem evangélica de Jesus. Esta é perfeita mas o mesmo não se pode dizer do cristianismo, que é a forma como o Evangelho foi e continua a ser posto em prática no Ocidente ou no mundo ocidentalizado. Esta forma não isenta de erros e pontos negativos e se é assim, não podemos tomá-la como modelo, sobretudo como modelo absoluto e nem ela mesma deve reclamá-lo.

O que nós procuramos aqui não é a equivalência de conceitos, imagens, símbolos, etc. da religião tradicional e do cristianismo. Trata-se de entrarmos no interior da religião tradicional, munidos com a Mensagem cristã e ver aquela religião à luz desta Mensagem e como é que ela reage face aos princípios que esta Mensagem cristã considera como absolutos e, por consequência, inalienáveis.

A nossa reflexão girará à volta de quatro axes principais :

- 1 - A questão sobre o Deus da revelação cristã.
- 2 - A questão da mediação
- 3 - A questão da pessoa humana.
- 4 - A questão da comunidade

A

#### A RELIGIÃO TRADICIONAL E O DEUS DA REVELAÇÃO

Depois de vermos os rotos descritos atrás, II parte, entre muitas das perguntas que se podem pôr à religião tradicional figura em primeiro lugar, julgamos nós, a pergunta sobre a di-



vindade ou divindades que estão no seu centro, como objecto de culto ou veneração. Para simplificar as coisas, nós falaremos em divindade (no singular), aliás uma outra questão que se pode pôr é a do monoteísmo. Com estas premissas, podemos formular a pergunta deste modo : Qual é o lugar do Deus da Revelação na religião tradicional, será ele objecto de culto ?

1 - O SILENCIO A RESPEITO DO NOME DE DEUS. O silêncio em relação ao nome de Deus é uma constatação imediata quando se analisa o culto prestado pela religião tradicional. Com efeito, vendo os seus diferentes ritos e olhando para as diversas fórmulas de orações não há uma referência, ao menos explícita, a Deus e o Seu nome é completamente posto à margem ou entre parêntesis, se, por acaso ele é pronunciado. A pergunta sobre o "destinatário" do sacrifício que nós formulamos a cada rito que nós descremos teve sempre como resposta : nguluve ou xikw/tchikw.

Esta possível "ausência" de Deus ou a sua não menção explícita do nome de Deus tem custado caro às religiões tradicionais, sobretudo as africanas. Com efeito, a divindade invocada é decisiva para uma religião e constitui o elemento essencial para abordar e apreciar uma tal religião (veja-se que todas as religiões são nomeadas ou pelo nome da respectiva divindade ou pelo nome do seu fundador ou profeta principal).

Se o que figura nas orações do culto tradicional são os nomes dos tinguluve e dos swikw/sikw isto significa que aqueles mimoyas são tidos como divindades ? Não há nenhuma outra divindade que seja objecto de culto ? Suponhamos que a resposta a estas perguntas fosse : os tinguluve e os swikw / sikw são tidos como divindades e não há nenhuma outra divindade venerada fora daquelas. Neste caso seria de perguntar o que é feito do Deus que é designado por sete nomes, como vimos no início da segunda parte deste trabalho. Por outras palavras, o Deus supremo, criador, etc. estará, realmente, ausente do culto e da veneração dos changano-chopes ? O que é que e

(1) L. S. ... p. 127.



les pensam deste Deus nomeado sete vezes diferentes ? É facto é e tranho e esta estranheza obriga-nos a interrogarmos nos mais profundamente sobre o culto que se presta aos swikw /sikw, é o que vamos fazer no parágrafo seguinte.

2 - O CULTO TRADICIONAL E A SUA RELAÇÃO COM DEUS. O silêncio em relação ao Deus único, criador é, como já dissemos, a grande característica das religiões africanas ou da maior parte delas e o facto não passou tão despercebido aos estudiosos, ao menos nos últimos tempos, no período que podemos chamar de pos-colonial. É que seria realmente estranho que milhões de seres humanos não conhecesse Aquelle que toda a criação proclama. que significa, pois, este silêncio africano e, por consequência, também changa no-chope ? Quanto a nós o silêncio é aparente que real, facto que pode ser explicado e compreendido sob dois ângulos :

a) A TRANSCENDECIA DIVINA - A característica não especulativa do africano em matéria da religião impede-nos de ver e apreciar a sua concepção de Deus e da sua natureza. No entanto, temos uma base suficiente para apreciar o aspecto transcendente de Deus, transcendência que se vê bem ilustrada no esquema que procura representar a cosmovisão do africano tradicional. Nesse esquema vê-se que entre o mundo dos homens vivos e Deus se interpõe o mundo dos homens mortos. Esta representação não vaiem consequências ao nível da relação entre o homem vivo e Deus. Vejamos o que a escassa ou mal conhecida literatura religiosa africana nos diz a propósito da transcendência divina, através de mitos :

" Na origem, Deus, a abóbada celeste, estava tão próxima da terra que se lhe podia tocar com a mão e havia felicidade, paz e abundância. Mas, um dia, uma mulher peul trazendo na cabeça um molho de lenha que tocava a abóbada, pediu a Deus com humor para se elevar um pouco. Deus acedeu ao seu desejo, subiu muito alto e, desde então, deixou os homens entregues aos poderes inferiores, sem mais intervir na vida deles. " (1)

(1) L.-V. THOMAS et R. LUNEAU. o. c., t. I, p. 127.



Este mito é um exemplo de muitos outros e se bem que não sejamos tetemunhas da existência de mitos deste género na sociedade changano-chope, não se exclui a hipótese da sua existência quer agora quer em tempos recuados. Se transcrevemos este texto foi para mostrar que o afastamento de Deus atormenta também o homem africano. Há quem veja neste afastamento de Deus um efeito da falta da reflexão filosófico-religiosa do africano ou a ignorância da Revelação divina tal como é concebida no interior do cristianismo ou outras religiões que reivindicam uma revelação. Para nós semelhante conclusão não passa de uma meia verdade, pois, o tema da transcendência anda de par com o tema da majestade, onnipresença, omnipotência divina, etc. Bastará abrir a Sagrada Escritura, sobretudo o livro dos Salmos, para nos darmos conta desta realidade. Há mesmo autores cristãos, para não irmos para longe, que apresentam o tema da transcendência divina como um teste ou critério da veracidade de uma religião. Um desses autores cristãos é V. Messori que, reflectindo sobre este tema e citando Pascal escreve :

" Deus, portanto, se existe, está escondido; e nem a ciência da natureza nem as filosofias são instrumentos válidos para todos atingirem o mistério. O que aparece no mundo não indica nem a exclusão total nem a manifesta presença duma divindade. Mas antes a presença dum Deus que se oculta. Um Deus a quem o homem não pode chegar sem a via do dom, duma revelação. Desta situação objectiva, Pascal extrai uma conclusão fundamental e indiscutível : "pois que Deus, se existe, está escondido, toda a religião que não afirma que Deus está escondido não pode ser verdadeira." (2)

Que lemos nós na Bíblia ? Já o profeta Isaías exclamara :

" Vere tu es Deus absconditus"  
 " Tu és na verdade um Deus escondido, Deus de Israel Salvador." (3)

A expressão contida no primeiro extracto do texto de Messori, " presença de um Deus que se oculta " é do mesmo tipo que a expressão muito frequente nos autores africanos ou africanistas " presença e ausência de Deus ", ou ainda : "Deus lon-

(2) V. MESSORI, Hipóteses sobre Jesus, Porto, edições ale-sianas, 1980, p. 31.

(3) IDEM , p. 32, citando Isaías, 45,15.

Las personas de esta índole...  
 to é o termo e esta expressão...  
 nos esta profundamente sobre o...  
 Vais, é o que temos...  
 a) A TRANSCENDÊNCIA DIVINA - A caracterização...  
 Javira do sistema...  
 ria da...  
 de Deus e da sua natureza...  
 este para apreciar o aspecto transcendente de Deus...  
 dência que se dá por...  
 presença e...  
 na vés que...  
 que o...  
 consequências...  
 Vais...  
 as...  
 através da...  
 " Em...  
 xias de...  
 havia...  
 mulher...  
 que...  
 se...  
 deu...  
 frequentes...  
 na vida... (1)

(1) I. V. THOMAS et al. LUMINA, p. 127.



giquo e próximo".

Portanto, o tema da transcendências divina é um tema anti- go e comum a todas as religiões que se orientam em direcção a um deus supra mundano. Não é só as religiões africanas que su- blinha bastante este tema nem só o cristianismo mas há ainda outras religiões que são mais radicais neste ponto, com tere- mos ocasião de verificar ao longo desta nossa reflexão. Pode- mos ver este tema da transcendência divina como uma das causas do aparente silêncio da religião changano-chope, um silêncio a roçar as fronteiras do escândalo. Ela, a transcendência divina paralisa o crente changano-chope e todo o africano tradicio- nal. Para eles Deus é inacessível para o homem e Ele é imensa- mente grande que ninguém é digno de o invocar.

Que dizer, então ? Há uma interpelação a fazer à religi- ão tradicional para que ela reduza a sua distância e veja um Deus não tão longíquo e "a-histórico", isto é, um Deus que ausen- te na História mas um Deus que se interessa pelo homem e pelo mundo que Ele criou. Ele está tão interessado deste mundo e deste homem a ponto de se revelar, de se mostrar de diferentes maneiras mas sobretudo na Incarnação do Verbo.

No entanto, este silêncio da religião tradicional não dei- xa de ser uma interpelação para nós tanto cristãos como dou- tras religiões reveladas ou que se reclamam como tais, pois, a nossa fé num Deus tão próximo do homem e do mundo muitas vezes reduz este Deus a qualquer coisa que é faz-tudo, substituto do homem, um Deus transformado em prisioneiro. Uma fé que quando e confrontado com o "deserto" espiritual que até chega aa tomar formas concretas na doença, na morte e outras infelicidades hu- manas que são inevitáveis, pois, esta fé não raras vezes desmo- rona dantesdestas provas. É um silencio que nos é necessario e que põe em relevo a livre vontade de Deus que nos cumula de benefícios de todo o género mas não como fruto dos nossos mé- tos e da "nossa oração". Uma fé exagerada na historicidade e na humanidade de Deus é uma forma do orgulho humano que quer o homem igual a Deus. Uma tal fé não honra a Deus, homilha-O.

que se obriga-nos a procurar o significado e a natureza do ser humano em profundidade nos processos psicológicos e espirituais.

Este mito é um exemplo de muitos outros e as suas varia- ções testemunham da existência de mitos deste género em to- das as sociedades humanas. Não se exclui a hipótese de que este texto foi para mostrar que o afastamento de Deus agra- da também o homem africano. Há para ver neste afastamento de Deus um efeito da falta de reflexão filosófica-religiosa do a- fricano ou a ignorância da revelação divina tal como é cono- cida no interior do cristianismo ou outras religiões que rei- vindicam uma revelação. Para nós, a transcendência divina não é de uma natureza verdade, pois, o tema da transcendência divina par com o tema da manifestação, empurra para o lado do a- to. Basta abrir a Bíblia e ler o livro de Gênesis e o livro de Salmo, para nos dar uma conta desta realidade. Há mesmo auto- res cristãos, para não falar dos africanos, que apresentam o tema da transcendência divina como um tema ou símbolo da vertor- dade de uma religião. Um desses autores africanos é V. MESSORI que, reflectindo sobre este tema e citando textualmente:

Deus, portanto, ao existir, está encoberto e por a co- nhecimento humano não consegue alcançar a sua realidade. É que os africanos para todos os efeitos e mistérios, o que aparece no mundo não indica nem a existência total nem a manifestação plena da divindade. Mas, entre a presença de Deus que se oculta. Há Deus a quem o homem não pode chegar por a via do ser, duas revelações, há uma situação objectiva, Pascal exprime uma con- clusão fundamental e incontestável: "pois que Deus se existe, está escondido, toda a religião que não se- tinge que Deus está escondido não pode ser verdadeira". (2)

Que Jesus não se revela e se oculta é o que a Bíblia ensina. "Veio tu em Deus escondido". "Tu és na verdade um Deus es- condido, Deus de Israel" (1)

A expressão contida no primeiro extracto do texto de Pa- scal, "presença de um Deus que se oculta" é de grande im- portância para a expressão da presença divina no mundo que a expressão "presença e ausência de Deus", ou ainda "Deus con- cedido". (2)

(1) V. MESSORI, *Religions africaines*, Paris, 1958, p. 11. (2) IDEM, *op. cit.*, p. 11.



... tipos e práticas...  
 Portanto, o tema da transcendência divina é um tema muito  
 go e comum a todas as religiões que se orientam no sentido  
 um Deus único mandante. Não é só as religiões africanas que se  
 divina constante para não se orientarem para os outros  
 outras religiões que são esta realidade neste ponto, mas  
 sua ocasião de verificar ao longo desta nossa reflexão.  
 mas ver este tema de transcendência divina como um dos  
 do aparente silêncio da religião africana-chapé, um silêncio  
 rogar as fronteiras do escândalo. É a transcendência divina  
 detalhes o grande desafio-chapé e não o silêncio tradicional  
 nel. Para eles Deus é inaccessível para o homem e Ele é  
 muita grande que ninguém é digno de o invocar.

... Que dizer, então? Há uma interposição entre a religião  
 do tradicional para que ela reduza a sua distância e veja  
 Deus não é o ídolo "e-histórico", isto é, um Deus que  
 te na história que se faz que se faz para o homem e pelo  
 mundo que Ele criou. Ele está tão interessado neste mundo  
 desta forma e não se revela, de se mostrar de diferentes  
 maneiras por ocasião da incarnation do Verbo.

... No entanto, este silêncio da religião tradicional não é  
 de ser uma interposição para não tanto cristãos como con-  
 suas religiões reveladas ou que se revelam como tais, pois  
 nossa fé em Deus é a prática do homem e do mundo muitas vezes  
 reduzir este Deus a qualquer coisa que é ter-lhe, substituto de  
 homem, um Deus transformado em cristianismo. Uma fé que quando  
 confrontado com o "deus" espiritual que até chega ao total  
 formas concretas na doutrina, no culto e outras instituições  
 manas que são inevitáveis, pois, este é o mesmo Deus de-  
 rous distantes provar. É um silêncio que nos é necessário  
 e que não em relação a livre vontade de Deus que nos curam de  
 benefícios de todo o gênero mas não como fruto das nossas at-  
 tes e da "nossa oração". Um silêncio na história e  
 na humanidade de Deus é uma forma de orgulho humano que quer  
 o homem igual a Deus. Uma fé não honra a Deus, honra-o.

b) MOTIVOS CULTURAIS - Ao problema da transcendência e da invisibilidade de Deus acres- centam-se motivos culturais. Descrevendo os diversos ritos, ti vemos ocasião de nos interrogar sobre quem tomava a iniciati- va para que um rito tivesse lugar e a última resposta foi sem pre : nguluve ou xikw/tchikw, mesmo nos ritos regulares previs- tos no 'calendário' não se realizem, verificamos nós, sem a con- firmação destas entidades. Nessa altura pusemos a pergunta se não havia sacrifícios espontâneos, o que respondemos afirmati- vamente, isto é, sim, não há sacrifícios espontâneos, rigorosamen- te falando. Ora, transportemos esta concepção do culto e veja- mos o que pode acontecer em relação a um culto a Deus.: algu- ma vez Deus pediu um sacrifício? Ele está sempre calado que nem um advinho sabe o que Ele quer e deseja; como é Ele dese- ja que se lhe ofereça um sacrifício ou culto?

Para nós que estamos marcados pela Sagrada Escritura es- tas perguntas são pueris, infantis. Nós não imaginamos suficien- temente que um tal tipo de raciocínio passa ter consequênci- as deste tamanho.

É verdade que esta atitude de esperar que uma divindade peça um sacrifício constitui um paradoxo surpreendente, pois, segundo a cultura africana nunca se pergunta se uma pessoa precisa ou não de comida, mas oferece-se-lhe e se ela não pre- cisar de comer di-lo-á. Esta é uma etiqueta importante para a hospitalidade africana que ainda é observada muito largamente. Será, então, para vermos nisto uma contradição? Nós achamos que seria uma precipitação afirmá-lo assim de ânimo leve porque :

- 1º A atitude africana face a Deus está de acordo com a a sua visão cosmológica, que como já vimos sublinha bas- tante a transcendência divina, assim com as outras qua- lidades do mesmo Deus. Já o salmista dizia que se ele oferece um sacrifício a Deus este não o aceita porque prefere o sacrifício de um coração contrito e numilde
- 2º Antes de considerar o facto como contradição cremos que ele obriga-nos a procurar o significado mais pro- fundo dos sacrifícios oferecidos aos tinguluve ou aos



swikw/sikw bem como o seu alcance. E também ocasião de nos in-  
terrogarmos se os momentos do oferecimento dos sacrifícios são  
os únicos momentos em que o homem changano-chope se volta pa-  
ra o transcendente em atitude de adoração. Por outras palavras  
qual é a extensão da religiosidade do homem changano-chope ?  
Na alínea seguinte nós tentaremos uma resposta a estas ques-  
tões que nos pomos aqui.

c) DEUS E A VIDA PROFANA. Todos os autores africanistas  
deram-se conta de que a reli-  
giosidade do africano não conhece fronteiras convencionais i-  
dentificadas com termos tais como "vida religiosa" e " vida  
profana". Escutemos um desses autores que testemunham o carác-  
ter global da religiosidade do negro, ou melhor, o carácter u-  
nificado da vida global do africano :

" Encontra-se entre os metos um fenómeno, à primeira  
vista esquisito; que enquanto há claramente uma  
consciência e uma experiência de " Nluku " ( Deus ),  
não haja serviço litúrgico oficial e público só a  
" Nluku ". Ele é sempre venerado, pelos menos pública  
e oficialmente, em conexão com o culto dos antepassa-  
dos e até ao mesmo tempo e lugar que ele..

.....  
Só por meio de pessoas intermediárias e medianeiras  
é possível dirigir-se oficialmente a " Nluku " .(4)

Neste texto figura uma expressão que nos parece particu-  
larmente importante para a nossa reflexão : "em conexão com os  
antepassados e até ao mesmo tempo e lugar que ele. Nós citamos  
atrás uma outra expressão: " loko xikwembu xi psilava " (= se  
Deus quiser ), expressão esta que ouvimos muitas vezes da boca  
dos changano-chopes em diversas circunstâncias da vida, sobre-  
tudo nos grandes momentos de reflexão e de interioridade mui-  
to intensa: um pai diante do gandzelo/gandelo (altar); um n'  
anga diante de um doente a quem ele deve curar; um indivíduo  
que traz consigo uma preocupação ou um desejo cuja solução ul-  
trapassa as suas capacidades e possibilidades; etc. Tudo isto  
significa, entre outras, que não obstante o emprego e o recurso  
de todos os meios possíveis, ao seu alcance, para resolver cer-

(4) G. CUPPEN, o. c., p. 56.



tos problemas da vida, inclusive a mediação, ele sabe que Deus tem a última palavra porque dele tudo depende.

Para designar esta religiosidade do africano, uma religiosidade não compartimentada, característica das sociedades de tipo primitivo, muitos autores falam de "pensamento mítico" ou "pensamento mágico". (5) Esta religiosidade não é apenas a emanação do culto dos tinguluve e dos swikw/sikw e não se detém neles mas ultrapassa-os para ir desaguar em Deus criador e Supremo. O culto dos tinguluve e dos swikw/sikw podem, pelo contrário, ser considerado como a emanação deste culto devido a Deus.

Por outro lado, muito autores nos mostram alguns fenômenos que são sintomas da presença silenciosa de Deus na vida do africano :

" As tradições africanas, salvo raríssimas exceções, constataam os autores, não fazem deste Deus "afastado longínquo" um deus estrangeiro a vida do homem. Ele aparece estranhamente presente na vida quotidiana. A frequência de nomes teofóricos o atesta." (6)

Portanto, existe na vida do africano fenômenos que têm um valor de culto porque são um reconhecimento a Deus como Alguém que é importante para o homem e a quem este deve homenagem. Que é um culto senão isto ? A religiosidade do africano na se limita nem se resume a alguns gestos culturais mas estende-se por toda a sua existência concreta.

Podemos assim concluir dizendo que não obstante a não existência de um culto explícito a Deus, Este é venerado e adorado de diversas maneiras tais como a mediação dos tinguluve e dos swikw/sikw, que são objecto de um culto, como já vimos, e através de uma vida toda ela impregnada de um sentimento religioso permanente.

(5) Cfr E. EVANS-PRITCHARD, La religion des primitifs, Paris, Payot, 1971. pp.55-25.

(6) N. OSSAMA, " Valorisation de la foi culturelle africaine", em Civilisation noire et Eglise catholique, (colloque d'Abidjan, 1977) Paris, Présence Africaine, 1978, p. 182.



nos problemas de vida, inclusive a meditação, o que cada um tem a dizer sobre o assunto.

Para designar esta religiosidade africana, uma religião não convencional, caracterizada pelas sociedades de tipo primitivo, muitos autores falam de "pensamento mítico" ou "pensamento mítico". (2) Esta religiosidade não é apenas a emanção do culto dos *tinguluve* e dos *swikw/sikw* e não se dá nos meios das *tinguluve* ou para ir descer em Deus criados e *swikw*. O culto dos *tinguluve* e dos *swikw/sikw* pode, pelo contrário, ser considerado como a manifestação desta crença devida a Deus.

Por outro lado, muitos autores nos mostram alguns pontos nos que não há autonomia de presença alheia em Deus na vida do africano :

" As tradições africanas, salvo raras exceções, consideram os autores, não seres deuses " estranhos " locais " um deus estrangeiro a vida do homem. Ele aparece estranhamente presente na vida quotidiana. A frequência de nomes próprios é estranha. " (3)

Portanto, apesar da vida do africano fundamentada por um valor de culto porque não um reconhecimento a Deus como AI - guês que é importante para o homem e a quem este deve honrar. Que é um culto sem Deus? A religiosidade do africano na se limita por se tratar de alguns gestos cultuais que se - tendem-se por toda a sua existência concreta.

Podemos assim concluir dizendo que não obstante a não existência de um culto explícito a Deus, este é venerado e adorado de diversas maneiras tais como a meditação dos *tinguluve* e dos *swikw/sikw*, por não objeto de um culto, como já vimos, através de sua vida toda eis impregnada de um sentimento religioso permanente.

(2) Cf. S. EVANS-FRANKLAND, *La religion des primitifs*, 1911, pp. 22-23.  
(3) H. DUBOIS, " Valorisation de la foi culturelle africaine ", em *Études africaines*, 1971, pp. 101-102.

Depois de tudo isto, podemos dizer que a religião tradicional tem uma deficiência no que respeita ao culto a Deus. No entanto, a nossa interpelação à religião tradicional não está isenta de uma forma de conceber Deus e o culto. Se podemos dirigir esta interpelação àquela religião não é verdade também que nós temos a aprender esta unidade integrante da vida humana para que as diferentes dimensões não sejam sobrepostas mas articuladas; para que estas dimensões se compenetrem e se informem mutuamente. É preciso que o confessemos, nós os crentes "modernos" e das ditas "grandes religiões" sofremos senão do dualismo ao menos da dualidade muito aguda, a dualidade que faz de nós homens de duas faces : uma face religiosa e outra profana.

B

A MEDIAÇÃO

A nossa reflexão na última alínea lança-nos para uma outra reflexão. Na verdade, nós vimos que Deus é adorado de muitas maneiras, entre as quais a mediação, isto é que o culto prestado aos *tinguluve* e aos *swikw/sikw* não termina nestas entidades espirituais mas que se estende até Deus e este aparece, no fundo, como a origem desse culto. Sera bom, portanto, ver um pouco de perto este aspecto da mediação na religião tradicional. Vamos abordar o assunto em três momentos: 1º A existência dos intermediários; 2º A sua natureza; 3º A sua função, tudo isto numa perspectiva de uma possível integração de Jesus Cristo

1 - A EXISTENCIA DE MEDIADORES. Tendo bem presente a visão cosmológica do africano tradicional, a imagem de Deus que daí resulta e a forma hierárquica que aí se depreende, a mediação aparece inevitável. Na verdade, como ultrapassar o mundo dos mortos para se atingir a um Deus que ninguém o viu; em que linguagem abor



dá-lo ? Se mesmo o antepassado, que foi um homem como nós, para se lhe falar e ouvi-lo nós necessitamos de intermediários que será desse Deus jamais visto ? Mas se o homem africano está sempre embebido em Deus, havia que encontrar um meio para se aceder a este Deus que se esconde sempre, há que abordá-lo, ainda que indirectamente. Portanto, a medição em relação a Deus é algo que se impõe pelo carácter do próprio Deus e conforme a concepção que se tem do mesmo.

Que esta medição exista na religião changano-chope não é segredo nem uma novidade, já vimo-lo e pode ser conhecida por 'religião de mediadores'. Diremos até que todas as religiões africanas pecam pelo excesso neste aspecto, de tal maneira que há quem veja nos tinguluve e nos swikw/sikw não intermediários mas sim divindades acabadas que usurparam o lugar a Deus. Mas esta questão exige que se precise a natureza dos tinguluve e dos swikw/sikw e esperamos fazê-lo no parágrafo seguinte; quanto ao ter ou não ter mediadores constate-se que tal é uma necessidade que se impõe e a religião tradicional tem-nos. A este proposito o P. Boka tem algo para nos dizer :

" Deus não é o criador da vida ? No entanto, não é dos nossos pais que, concretamente, a recebemos ? É Deus quem nos sustenta na existência. No entanto, não é do Cosmos que nós devemos a conservação da vida ? Cessai, por exemplo, de respirar, de comer, de beber; não ides imediatamente cessar de viver ? Não é, em suma, o Cosmos que prove todo o homem em vida e em saúde ? " (7)

Como se vê, não é só o homem é que precisa de mediação para se aproximar de Deus; utilizando esta mediação o homem apenas segue e recapitula o mesmo percurso utilizado por Deus em primeiro lugar para vir até ao homem de uma forma concreta. Assim, o problema não está em ter ou não ter mediadores mas sim na sua natureza e na sua função. Quase todas as religiões utilizam a mediação a diferença está apenas na natureza e na função exercida por tais mediadores.

(7) B. LONDI, " A propos des religions populaires d'Afrique subsaharienne", na *Lumen Vitae*, vol. 32, nº 4, 1978, p. 401.



2 - A NATUREZA DOS MEDIADORES. Já sabemos que, na religião tradicional, a mediação é feita pelos tinguluve e pelos swikw/sikw; já sabemos também que uns e outros são resultantes de pessoas mortas, isto é, são almas humanas. A nossa pergunta neste momento é, então, a de saber se os tinguluve e os swikw/sikw conservam ou não as suas características humanas e se sim, em que grau conservam elas tais qualidades humanas e, por fim, a nossa pergunta será de saber se aquelas entidades adquiriram o estatuto de divindade com as características inerentes. Para começarmos vejamos o que nos dizem os etnólogos a propósito deste assunto :

" 1º São "divinos". Quando um velho decrepito, homem ou mulher, morre, prontamente se torna um deus : entrou no domínio do infinito.

.....  
 2º Por outro lado, "jamais passam de humanos." Não são seres transcendentais, perante os quais tremem e aos quais dirigem preces os miseráveis pecadores... Esta natureza humana dos deuses revela-se claramente em dois factos : o seu poder é limitado e falta-lhes o carácter moral. O domínio em que exercem o seu poder é limitado: é, apenas, "o da sua própria família"; sabem o que respeita aos seus descendentes, abençoam-nos ou punem-nos, mas são absolutamente indiferentes aos outros homens e não se ocupam mais das suas questões do que quando estavam vivos sobre a terra." (8)

Que valem estas afirmações ? Elas contêm uma boa dose de verdade. Entretanto, nós fazemos questão de sublinhar o segundo ponto ou aspecto, relativizando o primeiro. Na verdade, atrás já tivemos ocasião de nos insurgir contra a expressão da criação de Junod de " antepassado-deus ", com a qual ele designa o antepassado(nguluve). Mas é chegada a ocasião para explicarmos o porquê do nosso desacordo : se traduzirmos "antepassado" por "nguluve" (como temos vindo fazendo) e "espírito" por xikw/tchikwembu ( com "x" minúsculo, como temos também vindo fazendo), não vemos a necessidade de acrescentar em qualquer um destes termos em português a palavra "deus", mesmo sob o pretexto de distinguir um antepassado(nguluve) do espírito possessivo(xikwembu).

(8) A. Junod, o. c., t. II, pp. 387-388.

de-ia? Se não o antepassado, que foi um homem vivo, não se pode falar de "antepassado-deus". É preciso, portanto, que se fale de "antepassado-deus" e não de "deus-antepassado".

Que esta mediação existe na religião tradicional, não há dúvida. Já vimos-lo e pode ser comprovado por 'religião de mediadores'. Diferença está que todos os mediadores são seres humanos que morreram e não seres divinos que não morreram. Mas esta questão exige que se fale de "antepassado-deus" e não de "deus-antepassado".

Como se vê, não é só o homem que cria o espírito, mas também o espírito que cria o homem. É uma criação mútua e recíproca.

Como se vê, não é só o homem que cria o espírito, mas também o espírito que cria o homem. É uma criação mútua e recíproca.

(7) B. LONDRI, "A origem das religiões populares d'Africa", *Revue africaine*, vol. 32, n.º 127, p. 401.



Para ver melhor traduzamos o bínómio "antepassado-deus" , do português para as duas linguas moçambicanas que temos vindo a empregar(changana e chope) :

- 1º Traduzindo o primeiro termo do binómio temos : antepassado = nguluve (o que está correcto).
- 2º Traduzindo o segundo termo do binómio temos : deus = xikwembu/tchikwembu; Dèus = Nungungulu ; Deus = Nkulukumba (o que está correcto).
- 3º Tentemos formar um binómio (traduzindo a expressão de Junod) utilizando os termos moçambicanos : antepassado-deus = nguluve-xikwembu; antepassado-deus = nguluve-Nungungulu; antepassado-deus = nguluve-Nkulukumba.

Pois bem,todas as expressões em linguas changana e chope, que traduzem fielmente a expressão em português são ininteligíveis. Um bom velho do Sul de Moçambique ficaria de boca aberta diante destas expressões,sem saber o que pretendem elas exprimir,pois,as expressões associam coisas ou seres de naturezas diferentes,para não dizer opostas(falamos em "velho"por que os velhos têm melhor conhecimento da lingua).

O outro inconveniente desta expressão de " antepassado-deus" é que ela pode despistar o leitor que não esteja suficientemente informado sobre o culto dos antepassados,em particular a religião changano-chope,pois,pode levar a pensar que o antepassado é uma divindade no sentido puro e não um mediador.

A expressão deixa,por outro lado,ver que o autor não conseguiu encontrar termos que designam as duas categorias de espíritos(nguluve e xikw.) se o autor teve conhecimento destes termos ele não encontrou os seus correspondentes em português o que não é provável e a prova é que o autor conhecia o termo xikwembu(que ele escreve "chicuembo").

O que parece mais certo é que o autor estava convencido de que os Tongas tomam os antepassados como divindades,mas se é assim que ele pensava,como parece ser o caso segundo algumas passagens da sua obra,se é que ele pensava,como diziamos,então,alguma coisa da mentalidade Tonga lhe escapou,ao menos



da região changano-chope. Os bantos(vanhu) do Sul de Moçambique não precisam deste artifício para distinguirem as duas categorias de espíritos e cremos também que mesmo a língua portuguesa não precisa dessa junção de "deus" ao termo "antepassado"(9).

Nós toleramos o termo "deus" para designar o nguluve(antepassado)desde que ele ocorra numa designação analítica,isto é,como tentativa de explicação e caracterização do nguluve. Mais adiante veremos como é nestas circunstâncias que os autores africanos empregam o termo "deus" para designar o antepassado.

Feitas estas observações podemos recolher outro testemunho sobre a natureza dos antepassados, testemunho que adquire interesse e valor por vir de um autor africano e que vem,além disso,confirmar o que acabamos de dizer nas linhas precedentes,ei-lo:

" A sua condição é a mesma que aquela que eles tinham sobre a terra : o homem permanece homem,a mulher permanece mulher,o rei permanece rei,o pobre continua pobre... Uma vez as exéquias e o luto terminados,toda a escuridão da morte apagada com a brancura da alegria da vida,fica a tarefa de cumprir,em relação ao morto,deveres d piedade filial,de fraternidade,de hospitalidade... Com efeito,ele(o morto) permanece entre os seus,é a convicção gerla,não sómente pela sua recordação mas a sua presença real." (10)

Achamos que os textos citados são suficientemente esclarecedores quanto à natureza dos tinguluve e dos swikw/sikw : estes são intermediários,são homens ou almas de seres humanos e não têm nada ou quase nada de divino(a ausência do discurso sobre Deus faz com que Este não seja muito caracterizado como o é na cultura ocidental). Os intermediários são superiores e mais poderosos que os homens,é verdade,mas isto não significa que superior ao homem seja um deus,pois,entre Deus e o homem

(9) Já mostramos em que circunstâncias se pode empregar o termo "Nkulukumba" e "Nungungulu"(Deus)para designar um homem,vivo ou morto,mas não é o caso de Junod.

(10) V. MULAGO, "La religion traditionnelle élément central de la culture Bantu" em Religions africaines comme source de valeurs de civilisation,Paris,Présence Africaine,1972,pp.127-128.



há muito terreno.

É verdade que a etnografia tem revelado como entre os bantos meridionais a ideia de Deus é bastante abstracta e que os intermediários ocupam um lugar muito preponderante. Ora a região changano-chope faz parte desta região geográfica.

A psicologia revela-nos, também, como um mediador ou um símbolo pode endurecer, tornando-se um ídolo, 'con riscando' assim o lugar da divindade que ele devia mediar. (11) Mas isto é um desvio, desvios que são sempre presentes e possíveis em qualquer religião. Entretanto, este endurecimento dos mediadores ainda não chegou ao ponto de eles serem tomados como deuses.

3 - A FUNÇÃO DOS MEDIADORES. Se os mediadores na religião changano-chope não são divi-

dades há que precisar a sua função no interior desta religião. Em que consiste a sua mediação? Continuemos com o texto que citamos ultimamente, pois, tal texto leva-nos à resposta da pergunta que nos pomos neste momento :

" Por seu lado, o chefe de família (morto) vê o seu interesse na fidelidade estrita no cumprimento de ritos tradicionais, pois, no seu pensamento, o antepassado é o "anjo", patrono protector, o deus tutelar da sua família : é ele quem tem o cargo de fazer frutificar o pomar, favorecer o aumento do rebanho, de tornar fecundas as esposas, de afastar da casa os fantasmas estrangeiros e hostis." (12)

Depois destes textos todos que citamos achamos inúteis muitos comentários. A questão é clara e cremos que mesmo em relação aos europeus os tinguluve nunca foram considerados como divindades, salvo raras excepções (dizemos que "mesmo em relação aos europeus" porque estes povos também praticaram a religião dos antepassados). De resto, podemos colleccionar uma infinidade de testemunhas para verificarmos que, na realidade, aqueles mediadores foram compreendidos sempre como protectores.

(11) Cfr A. VANESSE, " Les symboles religieux " Notes du séminaire de psychologie religieuse à Lumen Vitae, Bruxelles, 1981, pp. 1-2.

(12) V. MULAGO, o. c., p. 128. Os parêntesis são nossos. Chamamos a atenção sobre o termo "deus" que ocorre nas circunstâncias referidas atrás, isto é, uma caracterização do antepassado.



da unio terrano... E verane que a etnografia tem revelado como entre os povos...

3 - A FUNÇÃO DOS MEDIADORES... de os mediadores na religião...

...de que protelar a sua função no interior desta religião... para que conheça a sua mediação? Continuem com o texto que...

Depois destes textos todos que citamos achamos... muitos semelhantes. A questão é clara e simples que mesmo em...

(11) Cfr. A. VANESSER, "Les symboles religieux", Notes de l'Institut de psychologie religieuse... (12) V. WILSON, op. cit. p. 118. Os perfeitistas são aqueles...

RESUMO E INTERPELAÇÕES. Depois de tudo o que acabamos de ver sobre a mediação o que é que a Mensagem cristã tem a dizer sobre o assunto ?

Enquanto se trata da mediação em si, há pontos comuns entre esta Mensagem e a religião dos tinguluve e dos swikw/sik. Com efeito, o tema da mediação atravessa de uma ponta à outra a religião cristã; esta é uma religião de medição e podemos falar de uma cadeia de mediadores que vai de Abraão até Cristo e que se prolonga através de muitas figuras e personagens entre as quais estão incluídos os presidentes da liturgia das nossas Comunidades cristãs actuais. Entretanto, a mediação cristã particulariza-se em alguns pontos : a natureza e a primazia do mediador. Que isto quer dizer ?

a) A PRIMAZIA DE CRISTO MEDIADOR - O tema de Cristo Mediador originou e é contado pelos textos dos mais belos da Sagrada Escritura. Vistos à luz do Novo Testamento, os patriarcas são os anti-tipos de Cristo é o que nos diz, por exemplo, Pedro no seu discurso :

" Ele vos enviará, então, Aquele que vos foi destinado, o Messias Jesus, que deve permanecer no Céu até ao momento da restauração de todas as coisas, de que Deus falou outrora pela boca dos seus santos profetas. Moisés disse : " O Senhor Deus suscitar-vos-á um profeta como eu dentre os vossos irmãos. Escutá-lo-eis em tudo quanto vos disser. Quem não escutar-se se Profeta será exterminado no meio do povo. E, por outro lado, todos os profetas que falaram, a partir de Samuel e dos outros sucessores, anunciaram igualmente estes dias."(13)

Isto é falando do passado mas, falando do presente, os responsáveis actuais da Igreja universal e local são representantes de Cristo, estão ordenados a Cristo. Quer dizer que há uma convergência em Cristo, Este é o Tipo, o verdadeiro Mediador. Aqui o termo " verdadeiro " é sinónimo de " pleno " , de "plenitude". Donde lhe vem esta plenitude ? Da sua natureza. É o que vamos tratar na alínea seguinte.

(13) Act. 3, 20b-24.

(14) Jo. 14, 11.



b) A NATUREZA DE CRISTO MEDIADOR - É o proprio Jesus quem nos revela a sua natureza em diversas circunstâncias da sua actividade e vida apotólicas e a mais flagrante declaração foi quando Ele respondeu a uma pergunta, bem pertinente, de Filipe :

" Disse-lhe Filipe : " Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta." Disse-lhe Jesus : " Estou há tanto tempo convosco e não Mes conheceis, Filipe ? Quem Me vê, vê o Pai. Como é que tu dizes : mostra-nos o Pai ? Não crês que Eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que Eu vos digo, não as digo de Mim mesmo mas o Pai que está em Mim é que faz as obras. Acreditaí que estou no Pai e o Pai em Mim : crede-Me ao mesmo por causa das mesmas obras." (14)

Quais são as consequências desta filiação divina de Jesus? Não é questão de desenvolver aqui uma teologia da Incarnação e seus consequentes, pois, não temos espaço e tempo e não vem muito a propósito. Entretanto podemos, em forma de flash e em relação ao nosso assunto, dizer que a primeira consequência ou uma das primeiras consequências é que, pela pessoa de Jesus, Deus tornou-se visível e cada homem pode entrar em relação com Ele, numa relação directa e histórica. O Deus transcendente, invisível e temível tornou-se visível, histórico e muito próximo do homem, como advogado e guia. Paulo consagrará a esta realidade o seu belo cântico cristológico, que nós não resistimos em citá-lo :

" Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que n'Ele nos escolheu antes da constituição do mundo para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos. Predestinou-nos para sermos seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, por sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, pela qual nos tornou agradáveis em Seu amado Filho. É n'Ele que temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça que abundantemente derramou sobre nós, com plena sabedoria e discernimento dando-nos a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito que n'Ele de antemão estabelecera, para ser realizado ao completarem-se os tempos: reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há no Céu e na terra. N'Ele é que fomos escolhi -

(14) Jo. 14,8-11.



... A NATUREZA DE CRISTO MEDIADOR - É o primeiro passo para se compreender a natureza divina de Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

... A natureza divina de Jesus Cristo é a base de sua autoridade e poder. Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

Qual é a natureza divina de Jesus Cristo? Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

... A natureza divina de Jesus Cristo é a base de sua autoridade e poder. Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

... A natureza divina de Jesus Cristo é a base de sua autoridade e poder. Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

... A natureza divina de Jesus Cristo é a base de sua autoridade e poder. Ele é o Filho de Deus, o Verbo encarnado, que veio ao mundo para salvar a humanidade. Sua natureza divina é a base de sua autoridade e poder.

(14) Jo. 1, 1-14.

dos,predestinados conforme o desígnio d'Aquele que tudo opera segundo a decisão da Sua vontade, para servir à celebração da Sua glória,nós,que,desde o começo,tinhamos esperado em Cristo. Foi n'Ele que vós também,depois de terdes ouvido a Palavra da verdade - o Evangelho da vossa salvação,no qual acreditastes - fostes marcados com o selo do Espírito Santo,que tinha sido prometido,o qual é penhor da herança,enquanto esperamos a completa redenção daqueles que Deus adquiriu para o louvor da sua glória." (15)

A natureza divina do Homem Jesus faz d'Ele o primogênito de toda a criação. Ele é a Criatura por exceleência e n'Ele a criação atingiu o cume da perfeição e da harmonia : Cristo pléroma da Criação.

Mas se toda a criação está reunida e resumida em Cristo, conclui-se,com a força da lógica,que toda a humanidade se encontra ali,tomando parte no todo formado por essa Criação da qual Cristo é a Cabeça. Mas,também,ali a humanidade encontra o espaço para formar uma unidade da espécie,a espécie humana. Forma-se,assim,um Povo capaz de uma solidariedade entre os seus membros. Isto quer dizer que em Cristo há a possibilidade de se formar um Povo,não definido pelos laços sanguíneos mas a partir de Cristo e das suas características.

Portanto a natureza divina de Jesus faz d'Ele o príncipe dos Mediadores e esta natureza confere uma eficácia à Sua Mediação,eficácia que o autor da carta aos Hebreus resume assim :

" Entrou uma só vez no Santo dos Santos,não com o sangue dos cordeiros ou dos bezerros, mas com o Seu próprio sangue, tendo obtido uma redenção eterna."(16)

Por tudo quanto acabamos de ver podemos dizer que a religião tradicional é interpelada a partir das duas características de Cristo : a Sua natureza divina e seus consequentes; a unicersalidade da mediação cristã e seus consequentes,pois,destas duas características e seus consequentes infere-se que:

(15) Ef. 1,3-14.

(16) Heb. 9,12.



dos profetas... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

A natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

Mas na toda a criação... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

Por tanto a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

Então não se vê no texto dos... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

Por tudo quanto sabemos de ver... a natureza divina de Jesus... a criação... a natureza divina de Jesus... a criação...

(17) Et. 1. 1. 14.  
(16) Hoc. 0. 12.

Se Cristo é o Redentor de toda a Criação, tal implica que Ele é também o Redentor dos tinguluve e dos swikw/sikw; se Cristo é o Mediador por excelência de todo o Cosmos e em relação ao qual estão ordenados os antigos patriarcas, profetas, etc., tal implica que os tinguluve e os swikw/sikw estão, também, ordenados a este Grande Mediador, o Mediador de toda a Criação. Falando assim estaremos na linha de pensamento de Santo Agostinho que estendia a justificação até ao justo Abel, significando por isso que toda a Humanidade esperou e está ordenada a Cristo de quem espera a Redenção prometida.

O tema que merece maior insistência na evangelização entre os changano-chopes e entre todos os africanos tradicionais é, na nossa opinião, o tema da Encarnação. Com efeito, este tema é susceptível de pôr mais problemas de compreensão do que o tema da Ressurreição que, na mentalidade africana tradicional, pode até parecer supérfluo: porque falar-se tanto na Ressurreição, como sendo uma realidade extraordinária quando não é? Os mortos não deixaram de existir, apenas mudaram a forma de existir, eles aí estão ao nosso lado e solicitam toda a nossa atenção em muitos sentidos. Mas não se pense que esta 'ressurreição' e 'existência' post mortem são pensadas de uma maneira fisicista como muitos cristãos pensam a Ressurreição de Cristo.

Por conseguinte, o africano acredita na "ressurreição" antes que lhe seja pregada e ela não é um privilégio para alguns mas uma 'característica' ou atributo de todo o ser criado... Mas a história de um filho de Deus, nascido sem a intervenção de um pai carnal, isso é outra coisa sobre a qual o anunciador de uma tal notícia deve explicar-se bem.

C

A PESSOA HUMANA NA RELIGIÃO TRADICIONAL

A atitude e a visão que uma religião tem em relação à pessoa humana constituem algumas das pedras de toque que definem e caracterizam tal religião. Embora de maneira muitíssimo bre-



ve,nós vamos tentar descobrir qual é a visão de Homem e qual é a atitude da religião tradicional em relação a este Homem e face à vida. Entretanto,falar de Homem e da vida é tocar um assunto extremamente carregado de subjectividade e de filosofia,por isso lembramos que o"ponto de observação"(cultura,filosofia,etc.) sobre o qual o observador ou o orador se coloca conta muito e é decisivo no resultado final. Daí o interesse em identificar o dito ponto de observação.

O nosso princípio e decis de entrarmos no interior da religião tradicional para a interrogar diz-nos que,seja no interior da mesma religião ou cultura que nós devemos procurar a sua visão de Homem. Portanto,não se trata de dizer aqui lo que nós pensamos do Homem mas sim como é que o Homem é concebido,visto e tratado nesta religião,ou melhor, no sistema cultural do qual faz parte a religião tradicional.

1 - SEM DUALISMO NEM PESSIMISMO. Entre as chamadas"grandes religiões" são muito poucas aquelas que não comportam uma visão dualista do Homem e um pessimismo em relação à vida. Por exemplo o tema central da pregação budista,ou um dos seus temas centrais é :

" Tudo é dor e tudo é efêmero." (17)

Toda a pregação budista parte deste princípio e se alimenta dele,desenvolvendo-o de diferentes maneiras,segundo a filosofia do tempo e do lugar. Eis um exemplo de como um discípulo tardio de Buda explicita a máxima do mestre :

" O corpo é dor,porque ele é o lugar da dor; os sentidos,os objectos(dos sentidos),as percepções são sofrimentos por que eles levam ao sofrimento. " (17)

Esta corrente de pensamento é comum ao budismo,ao bramismo e ao induísmo,aliás,o bramismo compara o homem de paiões como alguém que foi raptado e levado para longe da sua

(17) M. ELIADE, Histoire des croyances et des idées religieuses, Paris, Payot, 1981, nº 135, p. 48.



casa de olhos vendados e que deve libertar-se e regressar pa-  
ra casa. Sankara Explicita esta imagem :

" Os ladrões (raptos) são as falsas ideias "mérito,  
desmérito, etc." . Os seus olhos estão vendados com a  
venda da ilusão, e o homem está entravado pelo dese-  
jo que ele experimenta pela sua mulher, pelo seu fi-  
lho, seu amigo, seus rebanhos, etc. : " eu sou filho de  
X, eu sou feliz ou infeliz, eu sou inteligente ou es-  
túpido, eu sou piedoso etc. Como é que eu devo viver?  
Onde está a minha salvação ?" É assim que ele ra-  
ciocina, preso numa rede monstruosa até ao momento em  
que ele encontra aquele que é consciente do verda-  
deiro SER [Brahman-âtman], que está livre da escrava-  
tura, feliz e, por outro lado, cheio de simpatia pelos  
outros. Ele aprende daquele a via do conhecimento e  
da fragilidade do mundo. " (18)

Não há dúvida nenhuma que neste texto está reflectida u-  
ma visão bastante pessimista da vida e de toda a realidade  
que a constitui, aliás, o budismo chega até ao extremo de negar  
a existência do próprio sujeito pensante e das coisas. O bu-  
dista pode dizer : eu não existo, apenas é uma ilusão que eu  
tenho de que eu existo !

Face a esta ilusão de existência e ao mundo, que é também  
uma ilusão, nada mais resta senão procurar libertar-se dessa  
ilusão da existência e do mundo. Como consequência, as religi-  
ões que partilham e professam esta visão da vida vão propor  
aos seus adeptos técnicas ou caminhos que conduzem a liberta-  
ção, como o nirvana do budismo. Este propõe como meio :

" As quatro Nobres Verdades  
e o caminho do meio" (19)

Desde da sua génese, o cristianismo não foi sempre imacula-  
do em relação a esta corrente de pensamento, como já o vimos  
ao tratar a questão da alma humana. Podemos, portanto, concluir  
dizendo que os temas da "fragilidade humana" e da necessidade  
de "libertação" são interdependentes, comuns às "grandes reli-  
giões" e falar na necessidade de libertação em relação ao mun-  
do e ao próprio homem é instaurar o ascetismo e este, não ra -

(18) M. ELIADE, o. c., t. 2, nº 136, p. 50. Os parêntesis  
são nossos.  
(19) IDEM, nº 156, p. 90.

ve, não vamos tentar descobrir qual é a verdade sobre a qual  
é a atitude da religião tradicional em relação a esta questão  
face à vida. Entretanto, falar de homem e da vida é falar em  
assunto extremamente complexo de subjectividade e de filosó-  
fia, por isso lembremos que o "ponto de observação" (situação, li-  
sonda, etc.) sobre a qual o observador ou o autor se coloca  
conta muito e é decisivo no resultado final. Há o interesse  
em identificar o dito ponto de observação.

O mesmo princípio é deca-  
da religião tradicional para a interpretação das suas doutrinas, seja no  
interior da mesma religião ou cultura que nos devemos propor  
ter a sua visão de homem. Portanto, não se trata de dizer aqui  
fo que não pensamos do homem mas sim como é que o homem é cog-  
nido, visto e tratado nesta religião, ou melhor, no sistema  
cultural do qual faz parte a religião tradicional.

SEM DUALISMO SEM PESSIMISMO. Entre as doutrinas "grandes"  
das religiões não há  
to poucas doutrinas que não comportem uma visão dualista de ho-  
mem e um pessimismo em relação à vida. Por exemplo o tema cen-  
tral da tradição budista, ou em dos seus temas centrais é :

" Tudo é dor e  
tudo é efêmero  
tudo é sem eu "

Toda a tradição budista parte deste princípio e se aumen-  
ta dele, desenvolvendo-o de diferentes maneiras, segundo a li-  
sonda de tempo e de lugar. Eis um exemplo de como um disci-  
pulo também dá uma explicação explícita a máxima do mestre :

" O corpo é dor, porque ele é o lugar da  
dor; os sentidos os objectos (os senti-  
dos), os processos são sofrimentos por  
que eles levam ao sofrimento. " (17)

Esta corrente de pensamento é comum ao budismo, ao brahma-  
nismo e ao hinduísmo, aliás, o brahmanismo considera o homem de pel-  
xões como alguém que foi raptado e levado para longe da

(17) M. ELIADE, *Introdução das doutrinas de dez ideias reli-  
giosas*, Paris, Payot, 1961, nº 136, p. 50.



caso de filhos vendidos e que deve libertar-se e libertar-se  
na casa, Semelhante explicita esta frase.

"Os filhos (vendedores) são os filhos da terra, vendidos  
necessário, etc." Ou seja, filhos da terra, vendidos  
venda de filhos, e o homem está entretido pela venda  
to que ele experimenta pela sua mulher, pois não há  
que não seja, seu trabalho, etc. " ou seja, filhos  
e, se não há filhos ou filhos, em sua família, ou  
filhos, em seu trabalho, etc. Como é que se deve viver  
onde está a minha esposa? É assim que se dá  
filhos, para que não se vendam, etc. e assim se  
que ele encontra aquele que é conhecido de verdade -  
deixe-se [Freudman - Freud], que está livre de todos  
sua, filha e, por outro lado, não de todas as  
outros. Ela aparece depois a via do conhecimento  
de fragilidade do mundo." (19)

Não há dúvida nenhuma que neste texto está reflectida  
na visão de mundo que se vê de toda a realidade  
que a realidade, aliás, o homem chega até ao extremo de negar  
a existência de próprio sujeito pensante e das coisas. O  
dista pode dizer: eu não existo, apenas é um livro que  
tenho de que eu existo!

Face a esta visão de existência e ao mundo, que é também  
uma visão, não há nada que não seja procurar libertar-se  
livre de existência e do mundo. Como consequência, as coisas  
ões que pensam e vivem esta vida de vida não propo  
com uma técnica ou técnica que conduza a liberta-  
ção, como o mundo de budismo. Este propõe como meio

"As quatro Nobres Verdades  
e o caminho do meio" (19)

Desde da sua gênese, o cristianismo não foi sempre  
do em relação a esta corrente de pensamento, como já o vimos  
no tratar a questão de alma humana. Podemos, portanto, concluir  
dizendo que os temas de "fragilidade humana" e de "necessidade  
de "libertação" são interdependentes, como as "grandes tradi-  
ções" e deixar na necessidade de libertação em relação ao  
do e ao próprio homem é instaurar o ascetismo e este, não há

(18) M. ELIADÉ, op. cit., t. 2, p. 136, p. 50. Os parênteses  
são nossos.

(19) IDEM, op. cit., p. 50.

ras vezes aniquila o Homem, aliás, é precisamente este aniquila-  
mento que muitas vezes se procura, um aniquilamento que seria  
proporcional à felicidade que se busca através dele.

Não é questão para criticar todas essas vias e não é, tam-  
bém questão de analisarmos estes temas mas apenas fazemos uma  
constatação dizer que tais temas assentam numa visão de Homem,  
do mundo e da vida, uma visão que se não é sempre dualista, é,  
ao menos, pessimista e a reserva face ao ser humana não é camu-  
flada.

Em relação a religião tradicional changano-chope não pos-  
suiamos textos susceptíveis de uma análise mas, observando os in-  
divíduos na prática, não deparemos com um ascetismo espiritua-  
lizante, sublinhamos o termo "espiritualizante" pois, na ética a-  
fricana encontramos, de facto, um ascetismo mas este não tem mo-  
tivações místicas com o fim de subjugar o corpo para o bene-  
fício da alma. O ascetismo africano tem um sentido e rinalida-  
de antropológicos impossíveis de serem desenvolvidos aqui e a-  
gora, mas, para tomar um só exemplo que parece simples, vejamos  
a abstinência sexual a quando das grandes cerimónias ou outros  
acontecimentos muito importantes. Um tal gesto não visa a per-  
reição individual nem significa que o acto sexual seja mau ou  
menos bom, ele é uma das dimensões do ser humano muito impor-  
tante, tão importante que o seu impacto repercute-se em TODO o  
Cosmos, nos homens e nos outros seres. A uma pessoa que teve  
relações sexuais diz-se que "está quente", tão quente que mes-  
mo os animais selvagens sentem este "calor" à distância e ro-  
gem ou tornam-se mais ferozes e agressivo. nestas  
condições arrisca a sua vida e a dos seus companheiros, ele  
nem pode armar um laço, pois nenhum animal se aproximara desse  
laço. Eis uma das razões porque um homem deve-se abster de re-  
lações sexuais nas vésperas duma caçada, uma das razões, eviden-  
temente.

Para merecer a vida do além o changano-chope e todo o ne-  
gro-africano em geral não precisa de fazer privações de tudo  
o que é bom e lícito, ou melhor, não precisa de fazer renúncias  
para poder alcançar a vida do além, pelo contrário, o bem estar  
e o prazer lícito são tidos como um sinal da bênção de Deus e



o contrário como sinal de maldição, tal como o pensamento semi- ta, precisamente. Perseguir o prazer e o bem-estar é perseguir a santidade, diríamos na nossa linguagem. O P. Tempels expri- miu esta concepção da vida do africano na sua famosa obra "La philosophie Bantue".(20)

Reconhece-se, já o dissemos, que o homem muitas vezes é per- verso na sua busca do bem-estar mas esta perversidade não é ontológica, segundo o pensamento negro-africano. O homem pode ser corrompido porque impelido por forças ocultas, exteriores e superiores a ele ou porque ele, o homem, perdeu o senso e, nes- te último caso, o homem está fisicamente doente e o problema resolve-se clinicamente.

Os mimoya(nguluve e xikw/tchikw) não trabalham precisamen- te para o bem-estar do clã e a própria felicidade do antepas- sado ou do xikw/tchikw não depende de cá de baixo, dos seus descendentes vivos ? Assim, a felicidade do além depende gran- demente da situação concreta dos seus protegidos e o antepas- sado ou xikw/tchikw sentir-se-á contente e honrado com a pros- peridade da família e isto é visto como o resultado do traba- lho daqueles mimoya. Quando alguém está numa infelicidade, mui- tas vezes costuma-se dizer "nguluve ya wena yiku furailelile", o que quer dizer : o teu antepassado voltou-te as costas.

Como se está vendo, na base desta maneira de raciocinar es- tá a própria maneira de conceber o além; na maneira de conce- ber o antepassado; de conceber o homem e o próprio Deus, numa palavra, está a maneira de ver o mundo na sua totalidade, uma visão unitária e integradora, não dualista. Eis um testemunho:

" Os fenómenos de possessão, tais como os concebiam os judeus, eram devidos aos espíritos maus, agentes diabólicos que atormentavam a pobre humanidade e e- ram expulsos pela potência do verdadeiro Deus. O dualismo estava na base destas concepções religio- sas. Esta noção "falta completamente" nas crenças Tongas."(21)

(20) Cfr P. TEMPELS, *La philosophie Bantue*, Elisabethville, Lovania, 1945, pp. 73-83.

(21) A. JUNOD, o. c., t. II, p. 461.



... e ao homem se levado a mui -

Este olhar positivo à vida e ao homem tem levado a muitos pensadores a concluir que as religiões africanas são "amoraís", isto é, que elas não comportam regras de conduta de um indivíduo. Nós somos um pouco cépticos diante de tal conclusão. Na verdade, uma tal afirmação não será o fruto da "comparação" de religiões africanas com as outras religiões "codificadas" e "compartimentadas"? Não se esqueça que os critérios de moralidade variam de um sistema para outro. As normas sociais já são normas religiosas no sistema cultural africano :

" É frequente ouvir-se dizer que os negros não distinguem o bem do mal... A moral banta relaciona-se com a essência das coisas, compreendidas segundo a sua ontologia...

Nós podemos concluir que um acto, um hábito será, antes de tudo, qualificado de "ontologicamente bom" pelos Bantos e que ele será por isso estimado moralmente bom..."

...Ao inverso, as normas do mal são, evidentemente, para elas. Todo o acto, todo o comportamento, toda a atitude e todo o hábito humano que atenta contra a força vital ou contra o crescimento e contra a hierarquia so "muntu" é mau."(22)

Achamos que estas considerações são suficientes para despertar-nos e fazer-nos tomar consciência, afim de que não sejamos rápidos nas nossas conclusões sobre o assunto. Tudo isso veio a propósito da visão africana do Homem da vida e de todo o Cosmos, uma visão optimista e que corre o risco de ser considerada como materialista ou existencialista. Haveria muito aí a discutir mas não é nosso propósito, no entanto, fazemos lembrar que hoje em dia o pensamento geral tende nesta direcção, sobrerudo graças ao desenvolvimento da psicologia e da psicanálise e da filosofia do indivíduo.

2 - A CENTRALIDADE ANTROPOLOGICA. Se analisarmos cada uma das práticas religiosas como as que descrevemos mais atrás constata-se que o que está no centro da preocupação da religião tradicional é o Homem. O seu objectivo pode se resumir nisto : para que o Homem viva e tenha uma vida forte em todos os sentidos, na li-

(22) P. TEMPELS, o. c., pp. 91-96. ...  
Paris, L'Harmattan, 1980, p. 132.

o contrário como sinal de malícia, tal como o pensamento bant...

... e a vida do indivíduo...

... e a vida do indivíduo...

... e a vida do indivíduo...

... e a vida do indivíduo...

(50) Cf. P. TEMPELS, La religion bantoue, Missionnaires...

(51) A. J. BURROUGHS, o. c., p. 131.



nha do P. Tempels, enfim, para que o homem se sinta feliz, viva; seja no mundo do além seja neste mundo. Por causa deste antropocentrismo alguns pensadores chegaram a ver na religião tradicional um pragmatismo que degenera em feiticismo e idolatria :

" Está-se longe dos deuses do raio e do vento, tem-se o sentimento de uma degradação. No entanto, o feiticismo, lá onde aparece(...), responde a uma necessidade do homem concreto que, no meio dos seus conflitos e ameaças que são o quinhão da vida quotidiana, tende a multiplicar em volta de si as protecções que a sua segurança exige..." (23)

Se bem que este texto não seja um elogio às religiões africanas, entre as verdades que ele possa conter está o facto da centralidade do homem que ele assinala. Este, o Homem, está na convergência de todas as práticas religiosas de tal maneira que podemos dizer que tudo quanto o africano faz, religiosamente, tem alguma coisa a ver com a pessoa humana de uma maneira concreta e histórica : as cerimónias, a adivinhação, e outros ritos. Este pragmatismo pode ser censurável, certo, mas é verdade também que o nosso olhar muitas vezes não ultrapassa a superficialidade, sem descer ate ao fundo das coisas e motivações e olhamos a estas muito de cima ou de lado. Sempre que se fala de "sacrifícios aos antepassados" não vemos neles outra coisa senão espíritos encolerizados, famintos de mimos e de adoração. Com o nosso espírito marcado pelo Direito e pela lógica aqueles gestos não passam, para nós, de obrigações a porrecidas ou, então, um acto "comercial" no qual há uma troca de serviços entre o antepassado morto e os seus descendentes vivos, e pronto, a nossa compreensão não passa disto. Utilitarismo.

Mas uma tal visão das coisas é, realmente, muito pobre, curta e enganadora. Com efeito, nós estamos persuadidos de que a coisa mais dura para um moribundo é a consciência e a certeza que ele tem do seu desaparecimento físico que arrastará consigo o apagamento progressivo mas inevitável da sua memória sobre a terra : ele sabe que, com a morte, ele será reduzido ao nada, esquecido e não mais ou muito pouco se falará dele, o seu próprio túmulo progressivamente cairá no esqueci

(23) L.-V. THOMAS et R. LUNEAU, La terre Africaine et ses religions, Paris, L'Harmattan, 1980, p. 132.



mento e no aninmato e por fim desaparecerá, sem mais ninguém que saiba onde está esse túmulo. Não será isto, entre outros motivos, o que custa ao moribundo ? Desaparecer e ser esquecido ! Que sentimos nos quando nos sentimos ou quando nos julgamos esquecidos e abandonados pelos amigos ou familiares, ainda que seja um só ? Cada um pode perguntar à sua própria experiência sobre este assunto

Ora o mguluve e o xikw/tchikw, pedindo um sacrifício, não estarão a pedir outra coisa senão um gesto de lembrança e recordação por parte dos seus descendentes e aos demais vivos que, absorvidos pelos problemas da existência quotidiana são susceptíveis de se esquecerem daqueles que partiram para o além e que esperam algum gesto simbólico. Os ritos que se realizam em honra dos mortos (xikw/tchikw ou nguluve) não são simbólicos? Quem mata as vítimas sacrificiais ? Que medida é a da comida que se deposita nos 'altares' e quem é que consome esta comida? Enfim, seria preciso ver todo o desenrolar de um rito para nos darmos conta do seu simbolismo.

Visto sob este ângulo, que é o verdadeiro, o antropocentrismo das religiões africanas adquire um outro valor e significado que se lhe recusa quando visto à distância, um significado bem nobre e cheio de piedade que não é só é indigno da reprovação mas mesmo digno da imitação.

3 - A LIBERDADE HUMANA. Falando da gênese da religião ou da religiosidade num indivíduo e da estrutura da experiência religiosa, a psicologia e a psicanálise mostram como é difícil falar-se em "liberdade" religiosa a nível interior do indivíduo. Na verdade, as investigações da psicologia mostraram como o sentimento religioso é, até certo ponto, a reacção subjectiva ao encontro entre o homem e o mundo exterior (24); que a criança manifesta uma atitude reli-

(24) Cfr A. VERGOTE, Psychologie religieuse, Bruxelles, Charles Dessart, editeur, 1966, pp. 33-94.

... de P. Tempels, Essai sur l'ontologie africaine, Paris, 1959, p. 112.

"... de longe dos deuses do tipo e do véter, talvez o sentimento de uma deidade. De acordo com a religião, há uma entidade... (1959) p. 112.

... de longe dos deuses do tipo e do véter, talvez o sentimento de uma deidade. De acordo com a religião, há uma entidade... (1959) p. 112.

... de longe dos deuses do tipo e do véter, talvez o sentimento de uma deidade. De acordo com a religião, há uma entidade... (1959) p. 112.

(15) J.-V. THOMAS et R. LUYBAU, La terre africaine et son développement, Paris, I'Harmattan, 1960, p. 112.



giosa típica e que é a idade dos 4 anos a idade de "ouro" para o despertar do sentimento religioso num indivíduo(25).

Se lançarmos um olhar sobre as ciências sociais, para ouvir a sua opinião sobre a génese da religião num indivíduo encontramos tais posições que nos aconselham à prudência, fazendo-nos pensar e cair na conta de como a "liberdade" interior de um crente é precária ou, ao menos dialética.(26)

Outro facto ainda, é que na apreciação da liberdade religiosa, no interior de uma religião, entra em acção o sistema cultural do apreciador e, assim, apreciar uma religião é o mesmo que apreciar uma cultura. Com isto não queremos dizer que não se deve pôr este problema da liberdade interior do crente e nós aqui o pomos em relação à religião tradicional changano-chope, simplesmente apontamos um obstáculo que representa a reflexão ou melhor, apontamos para uma das dificuldades que a reflexão comporta. A liberdade religiosa interior individual é algo de dialético.

Nós sabemos como as sociedades africanas são descritas pelos ocidentais como sendo eminentemente gregárias, onde o indivíduo não entra muito em conta e se dissolve na massa anónima. Esta afirmação é partilhada por um bom número de psicólogos. Assim sendo, numa sociedade de predominância religiosa "teocrática" teríamos indivíduos "irremediavelmente" religiosos, naturalmente religiosos. E se a sociedade changano-chope tem alguma coisa de teocrático, o homem changano-chope seria fatalmente religioso, ainda que o fosse inconscientemente.

Assim pensando, o homem changano-chope e todo o africano tradicional não seria verdadeiramente livre nas suas crenças e práticas religiosas porque ele seria um arrastado pela corrente até junto do gandzelo/gandelo(altar) dos tinguluve e ou dos swikw/sikw. Mas a psicologia e a psicanálise muito têm a

(25) Cfr A. VERGOTE, o. c., pp. 293-308.

(26) Cfr E. EVANS-PRITCHARD, o. c., pp. 26-93.

mento e no animismo e por um despertar, sem mais condições que nada mais está em causa. Não são, portanto, os motivos, o que conta no momento de despertar e ser despertado? Que razões nos quando nos sentimos ou quando nos sentimos espantados e estupefactos pelas coisas da existência, ainda que seja em nós? Cada um pode perguntar à sua própria experiência sobre este assunto.

Ors e agulha e o xiw/chiw, pedindo um sacrifício, não está em pé, ou seja, não há um gesto de liberdade e de coragem por parte dos seus descendentes e dos seus vivos que, associados pelas profecias de extrínsecos, são susceptíveis de se esquecerem daqueles que partiram para o além e que separam algum gesto simbólico. Os ritos que se realizam em nome dos mortos/xiw/chiw ou ngulwey, não são sacrificios? Quem mata as vítimas sacrificiais? Que motivos e as razões que se encontram nos "sacrifícios" e quem é que os comemora? É claro, seria preciso ver todo o fenómeno de um rito para nos dar uma conta do seu simbolismo.

3 - A LIBERDADE HUMANA. Falando de género de relações de liberdade e religiosidade num indivíduo e da estrutura da experiência religiosa, a psicologia e a psicologia mostram como é difícil falar-se em "liberdade" religiosa e a nível interior do indivíduo. Na verdade, as investigações da psicologia mostram como o sentimento religioso é, em certo ponto, a resposta subjectiva ao encontro entre o homem e o mundo exterior (24); que a crença manifesta uma atitude reli-

(24) Cfr A. VERGOTE, *Psychologie religieuse*, Bruxelles, Changeux, éditeur, 1966, pp. 33-34.



dizer-nos sobre este assunto(27); de resto, não nos é possível desenvolver aqui este tema como seria de desejar. Mas tenhamos conta que este problema toca a todas e a qualquer religião ou outra crença não importa em quê.

Nesta linha da liberdade religiosa e no que se refere à religião tradicional que estamos a estudar, o fenómeno de kuyakeliwa/kuyakelwa ('possessão') de que falamos mais atrás, é o que pode levantar problemas por causa de certos gestos e princípios "bizarros", susceptíveis de não pouca ambiguidade. No entanto, uma grande parte da estranheza que rodeia este fenómeno é reflexo da distância cultural que separa o observador e o contexto social onde o fenómeno tem lugar, uma distância que pode ser apenas mental, pois, um indivíduo autóctone pode estar culturalmente distante da sua própria cultura ou daquela que deveria ser a sua cultura (desenraizamento) o que hoje é um facto palpável não só na sociedade changano-chope mas em toda a África moderna.

Tenha-se bem presente, contudo, que um indivíduo não passa a viver todas as experiências que o fenómeno proporciona sem uma aprendizagem não só de curto prazo, uma aprendizagem próxima, mas uma aprendizagem remota à qual todo o membro da sociedade está também sujeito. Esta iniciação genérica e a iniciação específica atenuam o choque que se imagina à distância e que repugna e assusta o estranho.

Esta iniciação é, também, uma das vias para evitar uma adesão inconsciente. É verdade que poder-se-á argumentar dizendo <sup>que</sup> a aprendizagem "anestesia", criando um conformismo. Não negamos que isso aconteça ou possa acontecer. Mas isto acontece com qualquer religião e as religiões sempre se debateram com este problema, no entanto ele está longe de estar resolvido, se é que algum dia será resolvido (veja-se, por exemplo o problema do baptismo das crianças). Mas também, por outro lado, o problema da liberdade na adesão afecta não só as religiões mas afecta toda a existência humana: acontece em

(27) Cfr A. VERGOTE, o. c., pp. 244-262.



religião como acontece na ciência, arte, ideologia e nas decisões mais pessoais tais como casar com este ou aquele sujeito, nesta ou naquela idade, escolher esta ou aquela carreira profissional, quais são as motivações profundas que entram em jogo em todas estas circunstâncias e situações? Não é fácil dizê-lo porque quando se julga que está tudo dito e explicado, há ainda todo um mundo de motivações inimagináveis do próprio sujeito implicado...

Por outro lado, quando se fala de 'possessão' e seus consequentes, é preciso não perder de vista a sua gênese. Já disse-mo-lo, a 'possessão' é uma questão de prestação de contas, ora, na prestação de contas predomina a justiça e menos se fala em liberdade, senão para encontrar o culpado.

Fora da fase inicial, que é pontual, não vemos nada que vá directamente contra a liberdade pessoal e contra a dignidade humana. De resto, tudo se joga ao nível cultural que determina a visão das coisas mas, então, é preciso reconhecer que aí estamos num terreno "escorregadio", impregnado de subjectividade.

Ao descrevermos as diversas cerimónias, referimo-nos à afluência de participantes que acorrem e emprestam ao ambiente um ar de festa, ora, pergunta-se: tudo isto será um atentado contra a liberdade e contra a dignidade humana? Mesmo se fosse só para comer, beber e dançar, segundo a ironia de alguns etnologos, já seria suficiente para não classificar o fenómeno como um atentado contra a dignidade humana. Ao menos o homem está lá contente, recreando, esquecido de todos os problemas existenciais que o acabrunham no seu dia-a-dia. Na oração, ele tem a ocasião de desabafar e de partilhar com os outros as angústias da vida bem como as suas alegrias.

Por conseguinte, uma fé não exclui conflitos entre o "eu" e o objecto da fé, pelo contrário, supõe-os e ela, a fé, não é mais do que um compromisso entre esse "eu" e o tal objecto da fé. A história das conversões no-lo mostra: a quantos a conversão não é uma autêntica rendição? Um "eu" vencido porque cercado e assediado pela realidade transcendente, realida-



de esta personificada, até certo ponto, pela cultura, instituições, meio ambiente físico e humano.

O HOMEM EM COMUNIDADE

No contexto changano-chope esse transcendente está também personificado nestas realidades socioculturais que acaamos de mencionar e o homem changano-chope vive esse conflito da 'conversão' de uma maneira que lne é própria e cada indivíduo deve vivê-lo também vivê-lo também à sua maneira. para terminar escutemos o que nos diz Vergote a propósito :

" Ao psicólogo, a conversão religiosa aparece como a desagregação de uma síntese mental e a sua substituição por uma nova síntese; a conversão é uma restauração da personalidade." (28)

"Restauração", "desagregação", são termos bem expressivos que não mistificam nem escondem a realidade da crença religiosa : o sofrimento de ter que renunciar às "posições" anteriores, às atitudes, às convicções intelectuais, para as substituir por outras, talvez as anteriormente combatidas (vejamos São Paulo). Movimento que ameaçada a liberdade, a personalidade, a dignidade humana ? Ou um questionamento pessoal sobre convicções e princípios muitas vezes julgados absolutos e inabaláveis mas que um acontecimento sem precedentes no-los faz descobrir que eles não passam de monumentos erigidos com a areia da praia ?!

No caso da 'possessão' ou de toda a crença nos tinguluve o conflito da 'conversão' não é só pessoal mas colectivo: toda a família, todo o clã e mesmo toda a sociedade em volta vivem o conflito de alguém que tem que aceitar uma nova situação, resultante de uma eleição por um xikw/tchikw. É toda uma família ou todo um clã que se 'convertem'. Sendo assim, se esta 'conversão' significa perda de liberdade, uma alienação, então, é toda a família ou clã. que perdem essa liberdade e que se alienam.

(28) A. VERGOTE, o. c., p. 232.



D

O HOMEM EM COMUNIDADE

Neste subcapítulo, nós queremos abordar o aspecto comunitário da religião changano-chope. Para tal, começemos por nos pôr a seguinte pergunta : Será que os homens desta sociedade partilham concretamente a sua crença ou esta é uma questão individual, que cada um procurara resolver à sua maneira, fechado e isolado dos outros.

As teses que podiam servir para negar a liberdade pessoal na religião tradicional seriam óptimos exemplos para demonstrar a "comunitariedade" desta religião e de todas as religiões africanas em geral. Todos os que se dedicam ao estudo destas sociedades ficam impressionados com o sentido comunitário que eles aí descobrem; mesmo os autores mais reacionários e denigradores do homem africano não resistem em atribuir esta qualidade ao mesmo africano (melhor diremos que eles reconhecem a qualidade e não lha atribuem). Eis um desses elogios que se podem recolher através dos manuais :

" Na família banta não impera a noção de justiça social como a obrigação de socorrer os membros necessitados com o supérfluo : quando uma parte está enfraquecida, a outra vai favorecê-la, mesmo à custa de privações." (29)

De resto, todo este nosso trabalho (sobretudo a descrição de ritos) é uma resposta afirmativa de que o culto tradicional é um culto comunitário, eminentemente comunitário a tal ponto que quando se trata de práticas individuais estas aparecem simplificadas até ao mínimo.

Descrevemos ritos a nível clânico e familiar onde ocorrem não só os familiares mas muitos outros estranhos e aí tomam parte de uma forma não menos activa.

(29) J. RIBEIRO e G. BRENTARI, Da vida africana à vida religiosa, Quelimane (Moçambique) c. p. 29/.1967, pp. 28

(31) vfr A. JUBIN, op. cit., p. 136.  
(32) vfr 1962.  
(33) vfr L. BOFF, op. cit., pp. 7-57.



Face à Mensagem cristã, talvez a única interpelação a fazer a religião tradicional seria a falta, isto é, a ausência de estruturas coordenadoras que asseguram a unidade... Mas este reparo não está isento de uma maneira de conceber não só a organização social mas, sobretudo, a organização religiosa, a estrutura eclesial. Neste sentido, perguntamos com Gustave Thils se nós não temos tendência a impor o nosso modelo idealizado da Igreja. Tal modelo será o mais perfeito? (30)

Entretanto, quando se fala em estruturas será bom voltarmos o nosso olhar para o passado para constatar que a religião tradicional possuía uma estrutura que lhe era própria. Na verdade, o chefe político acumulava também as funções de chefia política e as de chefia religiosa, por exemplo o sacerdócio (na descrição de ritos vimos-lo a presidir a estes). Além do chefe político havia também escolas de circuncisão (31) havia escolas de tin'anga/tinyanga para diversos fins tais como a iniciação dos outros tin'anga/tinyanga (32).

Tudo isto formava uma estrutura de controle, de centralização e unidade, mas não só: era também uma estrutura simbólica, pois, a hierarquização que esta estrutura podia simbolizar, de e mesmo a unicidade da crença e a mediação de cuja o chefe era a figura suprema. Se hoje esta estrutura ruiu, que se pergunte aos ocidentais, pois, foram eles ou foi sob a sua influência que fizeram desaparecer a tal estrutura.

Mas como é o presente que conta diremos, concluindo, que a religião é interpelável devido à atomização que ela manifesta nas suas 'comunidades'. Mas é preciso saber em que nível estamos e se põe o problema: é uma questão de modelo de organização e a tal atomização não é só um defeito a reprovar mas também uma interpelação ao cristianismo para lhe dizer que outras formas de organização eclesial são possíveis. Hoje não estamos muito longe disto com as nossas comunidades eclesiais de base (33).

(30) Cfr G. THILS, Propos et problèmes de la théologie des religions non chrétiennes, Tournai, Casterman, 1966, p. 156.

(31) Cfr A. JUNOD, o. c., t. 1, pp. 80-97.

(32) Cfr IDEM, o. c., t. II, p. 449.

(33) Cfr L. BOFF, Eglise en genèse, Paris, Disclée, 1978, pp. 7-57.



CAPITULO 8

A RELIGIÃO TRADICIONAL À LUZ DA PARAPSICOLOGIA

Até aqui temos tomado a religião tradicional como qualquer fenómeno religioso e os seus elementos e principios como sendo universalmente admitidos, sem termos em conta dos problemas que ele levanta ao nível científico. Numa palavra, a reflexão que acabamos de fazer foi um diálogo entre religiões ou inscreve-se nesta perspectiva. Entretanto e como já o dissemos na introdução desta terceira parte, outro tipo de reflexão é possível e a reflexão a que nos propomos neste momento situa-se ao nível das ciências humanas. Ahamos que não podemos omiti-la, embora seja nas suas linhas gerais. Com efeito, a religião tradicional é testemunha e professa fenómenos que são discutíveis, sobretudo hoje, num mundo dominado pela técnica e pela ciência animadas por uma vocação totalitária de tudo explicar.

No domínio das ciências do espírito, se escolhemos a parapsicologia é porque, até ao presente, só ela foi capaz de descer assim tão fundo para escutar o mundo que as ciências clássicas não só não foram capazes de de o explorar suficientemente como também tentaram e ainda tentam justificar o seu cenocismo negando a sua existência. Entretanto, a nossa reflexão não pretende ir para além da recolha de opiniões fornecidas pelo estado actual das pesquisas parapsicológicas. Por outro lado, não temos grandes ilusões de querer e esperar fundamentar ou negar o culto dos antepassados e as crenças sobre as quais ele assenta. Na verdade, se esta religião comporta alguma fé no supra-humano, no supra-terreste, alguma coisa ficará por explicar por escapar a toda a espécie de manipulação científica, incluindo a a própria especiação intelectual.

Faça a mensagem crítica, talvez a única interpretação a ser feita a religião tradicional seria a feita, talvez, a nível das estruturas coordenadoras que asseguram a unidade... Mas este reparo não está livre de um aspecto de concepção... não a organização social mas, sobretudo a organização religiosa... a estrutura social. Nesta questão, porém, com o cargo de Talia se não temo tentado a fazer a mesma coisa... deslizado de Igreja. Tal coisa está a ser feita? (20)

Entretanto, quando se fala em estruturas não se trata de estruturas rígidas e fixas e sim de estruturas que se vão formando... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá... Na verdade, o chefe político acumulava também em si... de chefe política e de chefe religioso, por exemplo... a descrição de ritos visíveis e ocultos... A religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá...

Tudo isto revela uma estrutura de concepção, de centralização e unidade, mas não de uma forma ou estrutura rígida... a hierarquia que esta estrutura possui... de uma unidade de concepção e a mediação de chefe... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá... a religião tradicional possui uma estrutura que lhe dá...

Assim como é o presente que conta história, especialmente por a religião a tradição é a história que se vai formando... as suas "comunidades". Mas é preciso saber ao que nível esta... nos e se não o problema: é um questionamento de ordem de organização e a tal organização não é de um detalhe a ser pormenorizado... uma interpretação ao cristianismo para lhe dar um outro... forma de organização social não possível. Não se trata... nos cujo longo histórico com as nossas comunidades escolares de...

(10) Cf. G. THIER, *Prophet et prophète de la religion des m...*  
 (11) Cf. A. JUNG, *op. cit.*, p. 11, pp. 80-81.  
 (12) Cf. JUNG, *op. cit.*, p. 11, pp. 80-81.  
 (13) Cf. L. BOURG, *Essai sur l'histoire de la religion...*, pp. 1-27.



A nossa reilexão terá três momentos : No primeiro momento reflectiremos sobre a comunicação entre os vivos e os mortos; no segundo momento a nossa reilexão incidirá sobre a existência ou não dos poderes ocultos; no terceiro momento falaremos da adivinhação. Esta nossa escolha justifica-se por estes temas constituírem as bases principais da religião changano-chope.

1 - OS VIVOS E OS MORTOS COMUNICAM ? A religião tradicional changano-chope responde-nos afirmativamente e com ela todas as religiões africanas. Esta crença é a base primeira e principal da 'possessão' e de todo o edifício religioso.

Para um changano-chope e para todo o africano tradicional em geral, morrer não é deixar de existir mas sim mudar a forma de existir, como já o dissemos algures. É por isso que, segundo a crença, um morto pode, de um momento para outro, tomar uma forma concreta e visível : uma cobra inofensiva, um insecto ou outro animal, um arbusto, uma sombra, uma brisa que movimento as plantas e os objectos, enfim, uma pessoa viva que entra em transe. Eis o morto que comunica com os vivos. Será isto verdade e possível ?

Antes de avançarmos será preciso notar que nesta crença está implícita uma certa concepção da morada dos mortos: onde é que se localiza esta mansão dos mortos ? Enquanto predominar a tendência universal de localizar a mansão dos mortos fora da terra, do mundo dos vivos e apontar para o firmamento ou para os abismos da terra e enquanto predominar a ideia da alma como sendo esta algo de imaterial, separável e irreductível ao corpo, a crença na comunicação entre os vivos e os mortos aparecerá ainda mais estranha e bizarra. Portanto, a concepção do além (céu ou inferno) e a concepção da alma são decisivas e elas constituem a grande encruzilhada onde se verifica a grande dispersão das culturas e a direcção escolhida ou tomada vai determinar e caracterizar o sistema cultural em muitos dos seus aspectos. Não vamos tratar



A nossa reflexão terá três momentos : No primeiro momento...

1 - OS VIVOS E OS MORTOS COMUNICAM ? A religião trata...

Para os chamados-chops e para todos os outros indivíduos...

Antes de avançarmos para a análise das ideias que nesta obra...

aqui este tema, apenas assinalamo-lo e chamamos a atenção para a sua existência e importância.

Voltemos ao nosso assunto e procuremos saber o que a ciência pode nos dizer a esse respeito. Entre os diversos sectores da parapsicologia o que parece ser o mais indicado será a secção do "Conhecimento extra-sensorial"(psigamma ou PG) e mais precisamente o capítulo da telepatia. Eis o que se pode colher como informação a respeito do nosso assunto :

" Pela sugestão telepática(ST), não raramente se realiza de modo paranormal o desejo(telebulia) de comunicação entre o agente e o percipiente, especialmente quando o consciente está "obnubilado". A ST, mal interpretada, tem contribuído muito à superstição espírita, pois, os casos que comunicam alguma morte são especialmente frequentes. As comunicações de mortes não se devem na realidade aos "desencarnados", mas a outros factores : a ST é facilitada pela maior emotividade e pela agonia ou estado entre a morte aparente e a real; a ST pode por precognição, adiantar-se à morte e é mais frequente a ST retrocognitiva; outras vezes pode ser ST antiga, captada inconscientemente, que só algum tempo após a morte do ser querido surge ao consciente do percipiente; a notícia pode provir, sem que o percipiente se dê sempre conta, de uma terceira pessoa; etc. O inconsciente tanto do agente como do percipiente pode dramatizar o conteúdo telepático." (1)

Retomemos alguns termos do texto e analisemo-los : temos duas pessoas: "A" e "B", que se conhecem mas que num dado momento se encontram separadas uma da outra. A pessoa "A" esta para morrer e tem um forte desejo de ver e falar à pessoa "B" mas, dada a distância em que se encontram uma da outra, é impossível fazê-lo directa e pessoalmente, diríamos : fisicamente. A parapsicologia diz que pode-se estabelecer uma comunicação 'misteriosa' entre as duas pessoas (sugestão telepática, ST) sobretudo se a pessoa destinatária (a "B") estiver em repouso. A notícia pode ser captada e ser registada inconscientemente e ser percebida muito mais tarde, diz a parapsicologia.

(1) O. QUEVEDO, A face oculta da mente, Braga, Apostolado da Oração, 1978, p. 364.

(2) O. QUEVEDO, A face oculta da mente, t. II, Apostolado da Oração, 1977, p. 415.



... a sua existência e importância. ...  
 ... a respeito da natureza da vida. ...  
 ... a respeito da natureza da vida. ...

"Fala a respeito da telepatia (3), não se trata de uma  
 ligação de modo paranormal e desajeitado (telepatia) de uma  
 natureza física e química e o perceptivo, especialmente  
 é quando o indivíduo está "consciente".  
 ... a natureza da telepatia. ...  
 ... a natureza da telepatia. ...

... a natureza da telepatia. ...  
 ... a natureza da telepatia. ...  
 ... a natureza da telepatia. ...

(1) O. QUEVEDO, *A face oculta da mente*, Brasília, Quetzalcoatl  
 Edições, 1976, p. 354.

Que vale uma tal teoria em relação à transe e à 'possessão'? Ela é muito interessante e poderá explicar muitas circunstâncias. No entanto e por aquilo que sabemos a respeito da 'possessão' e da transe no contexto changano-chope, ela tem algumas lacunas importantes que a metem entre parêntesis. Na realidade, a teoria refere-se à simples comunicação entre vivo e um moribundo (não completamente morto, portanto). A segunda lacuna que nos parece muito importante é que a notícia transmitida e recebida limita-se à simples informação sobre a ocorrência da morte (sem mesmo precisar as causas, muitas vezes). A terceira importante lacuna é que a comunicação é pontual e caduca, isto é, pouco duradoura, é coisa instantânea: uma vez recebida a notícia, o receptor não sente os efeitos, está livre.

Ora a 'possessão' é um fenômeno mais forte e que dura toda a vida do sujeito paciente ou quase toda a vida. Igualmente, o paciente da 'possessão' pode não ter conhecido o agente da 'possessão' ainda em vida, aliás, outra diferença importante a assinalar é que o espírito 'possuidor' não é de um homem recém-falecido, cujo cadáver ainda se encontra no leito da sua morte, a 'possessão' verifica-se muitos anos depois da morte, segundo a crença. Enfim, haveria outras observações a fazer mas estas que enunciamos aqui são suficientes para mostrar a relatividade da teoria.

Outra teoria que vai na mesma linha da 'possessão' e transe é a da "transfiguração". Ei-la:

"Outra série de casos famosos confirma a existência da transfiguração. E confirma também as qualidades da transfiguração. A "aparição" é o próprio médium transformado e disfarsado com ectoplasma. É impossível na transfiguração ver simultaneamente médium e aparição. Uma mesma "aparição" pode acidentalmente variar de aspectos como efeito da ideoplastia, isto é, da diversa ideia inconsciente que se plasma exteriormente.  
 A teoria da materialização não se encaixa nos casos de "aparições" reais, sólidas, vivas...: dos casos não fraudulentos. A transfiguração deve ser classificada entre os fenômenos extranormais." (2)

(2) G. QUEVEDO, *As forças físicas da mente*, t. II, Apostolido da Oração, 1977, p. 415.



Esta teoria se fosse aplicada à possessão e, sobretudo à manifestação desta (transe) tais fenômenos seriam falsos, segundo esta teoria, pois que seria o próprio medium ('possesso') que se transforma e se distíngue com o plesma (uma substância 'ontológica' possuída por certos dotados). Assim, a 'possessão' é falsa porque o 'possesso' e o espírito que ele incorpora são uma só e mesma coisa; portanto, há uma unidade e não dualidade, não há dois seres mas sim um só ser que se transforma. Uma espécie de mimetismo.

Tal como é apresentada aqui, esta teoria seria mal aplicada à transe, tal como é compreendida no contexto changanocnope. Na verdade, nesta sociedade, a 'possessão' e a transe não são compreendidas em termos fisicistas. Nunca é afirmado que o corpo do medium (3) em transe fosse o corpo do xikwembu /tchikw. em termos físicos e reais. O desdobramento, se é que há desdobramento, não se verifica ao nível físico, corporal mas sim num nível mais profundo, que designariamos, talvez, por termos como "consciência" e "personalidade". A teoria nada diz sobre as aparições a uma pessoa que se encontra completamente sôzinha. Uma alucinação? É bem possível. Esta teoria bloquearia a investigação, se fosse aplicada ao fenômeno da transe, pois, esta seria pura e simplesmente falsa, uma vez que não é a materialização do morto.

Entretanto o texto que acabamos de citar fala em aparições "reais" "vivas". Que significam tais termos? São possíveis tais aparições? Em que circunstâncias? Entretanto o texto admite a existência de transfigurações, embora estas não sejam materializações reais... vê-se que aqui se abre um campo e um terreno para uma discussão e a porta não está completamente fechada para uma resposta afirmativa sobre a transe.

(3) O termo "medium" designa a pessoa que incorpora a realidade do além, por exemplo, um morto ou o espírito deste que se incorpora no 'possesso'. Numa palavra, é o termo técnico para designar aquilo que se chama vulgarmente um "possesso". O termo medium seria preferível porque não está carregado de preconceitos que o termo possesso

Esta teoria se fosse aplicada à possessão e, sobretudo à manifestação desta (transe) tais fenômenos seriam falsos, segundo esta teoria, pois que seria o próprio medium ('possesso') que se transforma e se distíngue com o plesma (uma substância 'ontológica' possuída por certos dotados). Assim, a 'possessão' é falsa porque o 'possesso' e o espírito que ele incorpora são uma só e mesma coisa; portanto, há uma unidade e não dualidade, não há dois seres mas sim um só ser que se transforma. Uma espécie de mimetismo.

Tal como é apresentada aqui, esta teoria seria mal aplicada à transe, tal como é compreendida no contexto changanocnope. Na verdade, nesta sociedade, a 'possessão' e a transe não são compreendidas em termos fisicistas. Nunca é afirmado que o corpo do medium (3) em transe fosse o corpo do xikwembu /tchikw. em termos físicos e reais. O desdobramento, se é que há desdobramento, não se verifica ao nível físico, corporal mas sim num nível mais profundo, que designariamos, talvez, por termos como "consciência" e "personalidade". A teoria nada diz sobre as aparições a uma pessoa que se encontra completamente sôzinha. Uma alucinação? É bem possível. Esta teoria bloquearia a investigação, se fosse aplicada ao fenômeno da transe, pois, esta seria pura e simplesmente falsa, uma vez que não é a materialização do morto.

Entretanto o texto que acabamos de citar fala em aparições "reais" "vivas". Que significam tais termos? São possíveis tais aparições? Em que circunstâncias? Entretanto o texto admite a existência de transfigurações, embora estas não sejam materializações reais... vê-se que aqui se abre um campo e um terreno para uma discussão e a porta não está completamente fechada para uma resposta afirmativa sobre a transe.

(3) O termo "medium" designa a pessoa que incorpora a realidade do além, por exemplo, um morto ou o espírito deste que se incorpora no 'possesso'. Numa palavra, é o termo técnico para designar aquilo que se chama vulgarmente um "possesso". O termo medium seria preferível porque não está carregado de preconceitos que o termo possesso



Entre as teorias parapsicológicas, do nosso conhecimento, as duas que acabamos de mencionar são as mais susceptíveis de serem aplicadas como explicativas dos fenómenos da 'posseção' e da transe, pois no que se refere aos fantasmas, há ou - tras teorias que entram em acção.

2 - OS PODERES OCULTOS. O wuloyi existe ? Já sabemos que "wuloyi" significa feitiçaria, ou seja, o poder que uma pessoa possa ter de se transformar num outro ser, tonar-se invisível, realizar acções à distância, magicamente, etc. Mas a grande característica de wuloyi, segundo a mentalidade changano-chope, é a de prejudicar o outro, por ódio. Será que o homem é possuidor deste poder ? Vejamos aqui o que nos diz a nossa ciência :

" Numerosas observações e experiências já na época da Metapsíquica demonstraram inegavelmente, se analisadas sem preconceitos, no seu conjunto e no seu mundo comum, a emissão da telargia por parte dos dotados. embora geralmente invisível a telargia é uma torça física. Pode ser dirigida pela vontade. A análise dos fenómenos de efeitos físicos, nos capítulos a seguir, será a melhor confirmação da existência da telargia. A emissão da telargia é um fenómeno extranormal de libertação e transformação da energia física, corporal." (4)

"Energia física, corporal", "força física", "invisível"... São expressões muito interessantes e preferíveis aos termos velhos, e vagos de "magia", "feitiçaria", etc., termos estes que têm uma conotação extática, facto que é contrário à concepção changano-chope e africana, em geral, das coisas. Na verdade, um changano-chope distingue o wuloyi e a malombelwa. Esta é uma força momentânea e emprestada.

Isto quer dizer que a teoria que acabamos de enunciar vai ao encontro da crença popular (só popular ?), pois, segundo esta crença, o nloyi/inloyi não emprega objectos exteriores a ele mesmo, em princípio, e se os emprega, fá-lo graças a um poder pessoal que lhe permite dominar tais objectos e utilizá-

(4) G. QUEVEDO, o. c., t. I. p. 58.



Assim, o wuloyi é um poder intrínseco à pessoa de tal maneira que ele é transmissível hereditariamente.

Entretanto, talvez a teoria telárquica seja a base principal que explicaria um certo número de fenómenos. Dizer "base principal" é admitir a existência doutras bases ou princípios, o que não é menos provável e a própria parapsicologia confirma-o, pois, outros dos seus diversos capítulos dão-nos mais teorias explicativas :

" Deve-se classificar a maioria dos movimentos de objectos como telecinesia, por força de vários argumentos, entre os fenómenos extranormais, E. N., material. A gaiola de Faraday constitui obstáculo intransponível à telecinesia. A telecinesia, como fenómeno físico, está submetida aos limites físicos de espaço e força. É fenómeno que se deve ao próprio homem. A psicobulimia ou opsiquismo inconsciente, dirige as telecinesias. Há simbolismos perfeitamente analisáveis."(5)

Mais uma vez o caracter dinâmico das forças ocultas é afirmado, ao insistir sobre o "homem" embora intervenha o "inconsciente". A intervenção deste "inconsciente" no texto faz eco à pergunta que não tem tido uma resposta satisfatória, e continua sem tê-la: será que o nloyi/inloyi é consciente dos seus poderes extraordinários ou extranormais ? O nosso texto responde que não, regra geral. Ora a resposta negativa deixa outras perguntas sem resposta: se tais poderes estão descontrolados, porque entregues ao inconsciente, como é que o nloyi/inloyi "selecciona" as suas vítimas e o seu wuloyi não aparece como uma força desgovernada ? Controla-o inconscientemente, também ? Se sim, porque é que vai exercer esses poderes contra os estranhos e nunca ou quase nunca contra a sua própria família ? Como é que ele se reconhece quando apanhado pelo n'anga/nyanga no rito de kufemba ?

Na segunda parte de este nosso trabalho falamos de xigono / tchigono (fantasma?). A este respeito, a fantasmogénese (capítulo da parapsicologia que trata da produção de fantasmas) declara:

(5) G. QUEVEDO, o. c., t. I, p. 218.



"Fantasmogénese é o fenómeno da produção ectoplas-  
mática de um fantasma, ao menos aparentemente inte-  
ro, de pessoa, animal ou coisa. O fantasma tem certa  
consistência material, embora seja mais ou menos té-  
nue, transparente, com pouquíssimo peso em relação ao  
modelo reproduzido. Dispensável é dizer que ocorrem  
fraudes e tentativas de engano, o que deu maior mé-  
rito à comprovação dos fenómenos autênticos. A forma-  
ção do fantasma é um fenómeno da ideoplastia, plasti-  
ficação externa da imagem inconsciente que tem o me-  
diu, e dependente deste em tudo : peso, matéria, movi-  
mento, sensibilidade, etc. Este fenómeno está, portan-  
to, classificado entre os extranormasi." (6)

A teoria concentra a sua preocupação na objectividade e  
materialidade do fantasma, o que é normal para uma ciência e  
vemos que essa preocupação é relativamente satisfeita. No en-  
tanto a concepção changano-chope do xigono/tchigono é relati-  
vamente satisfeita também. O xigono/tchigono é concebido não  
de uma maneira fisicista mas espiritual. Ninguém pensa poder  
tocar um xigono/tchigono embora este possa incarnar-se em al-  
gum objecto ou pessoa e mesmo num animal mas não se confunde  
com o ser que serve de veículo e o próprio xigono/tchigono. Numa  
palavra, o xigono/tchigono pertence à mesma categoria que es-  
pirito no sentido changano-chope e antepassado. A diferença  
está na função. A teoria fantasmogenética corresponderia me-  
lhor à concepção changano-chope de "nyaluhwè", que é visível  
mas fisicamente intocável porque fugaz.

Antes de terminar este parágrafo da fantasmogénese reco-  
lhamos um testemunho interessante e importante de Jung, cita-  
do por Quevedo a respeito do assunto que nos ocupa :

"A prvenção que reina em muitos lugares contra os facto  
verdadeiros que aqui presenciemos mostra todos os sin-  
tomas de primitivos medos de fantasmas. Mesmo pessoas  
estudiosas que deveriam ter conhecimentos a este res-  
peito, usam ocasionalmente argumentos sem sentido, tor-  
nam-se ilógicos e negam o testemunho dos seus próprios  
sentidos." (7)

O interesse deste testemunho está no facto de que Jung  
é um dos mais eminentes e categorizados psicólogos da actua-  
lidade. Ora, sabe-se bem a luta surda existente entre a psi-

(6) G. QUEVEDO, o. c., t. I, p. 352.  
(7) IDEM, t. II, p. 328.

Assim, o xigoni é um poder intrínseco à pessoa da qual se  
neira que ele é transmissível hereditariamente.

Entretanto, talvez a teoria tchigoni seja a mais correta  
que explica um certo número de fenómenos. "Mas, como  
principal" é admitir a existência de outros seres ou entidades  
o que não é menos provável e a psicologia parapsicológica  
ma-o, pois, outros dos seus diversos aspectos são os que se  
outras explicações :

"Deve-se classificar a maioria dos movimentos de ob-  
jectos como telecinésis, por força de vários argu-  
mentos, entre os fenómenos extranormais. A. N. Carter, A.  
psicologia de Bergson, constitui o estudo intrínseco  
à telecinésis. A telecinésis, como fenómeno físico,  
é sustentada nos limites físicos de espaço e tempo.  
É fenómeno que se deve ao próprio homem. A telecinésis  
é o fenómeno inconsciente, dirigido ao telecinésis  
há simbolismos pertencentes à análise." (8)

Mais uma vez o carácter dinâmico das forças psíquicas é a-  
firmado, ao instalar sobre o "homem" outros intervenientes e "in-  
conscientes". A intervenção destes "inconscientes" na vida física  
é o fenómeno que não tem uma resposta satisfatória, e  
continua em "latência" até que o xigoni/tchigoni é consciente dos  
seus poderes extrínsecos ou extranormais ? É nesse facto  
responde que não, trata-se de uma resposta negativa de  
outras perguntas em resposta: se tais poderes estão des-  
truídos, porque estranhos ao inconsciente, não é que o xigoni  
"xigoni" "telecinésis" ou suas vítimas e o seu xigoni não ap-  
rece como uma força desorganizadora ? Controla-o inconsciente -  
mente, também ? Se sim, porque é que vai exercer esses poderes  
contra os estranhos e nunca ou quase nunca contra a sua pró-  
pria família ? Como é que ele se reconhece quando é chamado  
pelo nome "nyaluhwè" no rito de kabalé ?

Na segunda parte deste nosso tratado falamos de xigoni  
tchigoni (fantasma). A este respeito, a telecinésis, capiti-  
lo da parapsicologia que trata da produção de fantasmas, de-  
clarar :

(8) G. QUEVEDO, o. c., t. I, p. 318.



cologia e a parapsicologia. Jung assistiu e participou diretamente no contrôle de experiências parapsicológicas e ele não resistiu.

3 - A ADVINHAÇÃO. Outro fenómeno muito afirmado pela religião tradicional é o da adivinhação do futuro, presente e, sobretudo, do passado. Será que esta adivinhação seja possível? Claro que o termo "adivinhação" é vago e o próprio fenómeno também é vastissimo.

Pensando no "acaso", o fenómeno é admitido por toda a gente: adivinhar é uma questão de sorte, um pouco de intuição e de psicologia... Mas nós referimo-nos à adivinhação profissional, como arte visando um conhecimento extra-humano mas seguro, infalível da realidade concreta ou abstracta e da história, no passado, presente e no futuro. Nisto, há já reticências e cepticismos.

Como dissemos, a adivinhação conhece várias gradações e os métodos da sua realização são numerosos, para não dizer infinitos. Para o provar basta notar a extensão da parapsicologia a que se ocupa deste fenómeno, que se subdivide em vários compartimento ou subsecções. Não nos perderemos nesta vastidão, evidentemente e vamos nos limitar à citação de alguns princípios elaborados, fruto e conclusões de investigações feitas até ao presente.

Notamos que existem dois grandes níveis onde se pode situar a adivinhação: sensorial (= com a intervenção dos sentidos ou corpo humano); extra-sensorial (= sem a intervenção dos sentidos e do corpo humano, ao menos directamente). A nossa reflexão vai seguir esta ordem.

1º CONHECIEMNTO SENSORIAL - Tecnicamente também chamada "Hiperstesia". Eis uma das suas teorias:

- (8) G. SUEZDO, o. c., p. 57.
- (9) IDEM, p. 63.
- (10) IDEM, p. 140.

(p) G. SUEZDO, o. c., p. 128.  
(Y) IDEM, o. c., p. 128.



biologia e a parapsicologia. Uma realidade e parapsicologia...  
tente no controle de experiências parapsicológicas e em  
não restar.

3 - A ADIVINHAÇÃO. Como fenômeno muito antigo...  
liga a tradição e a ciência. O futuro, presente e passado...  
vinação seja possível? O que é o termo "adivinhação"?  
e o próprio fenômeno também é viciado.

fenômeno no "acaso", e também é admitido por toda a gen-  
te: admitir é uma questão de sorte, um pouco de intuição e  
de psicologia... Mas não restam-nos à adivinhação profana  
nel, como arte visando um conhecimento extra-sensível, mas  
to, inalcançável de realidade concreta ou abstrata e da vida -  
na no presente, presente e no futuro. Não há de restar  
e cetera.

Como adivinhação e adivinção ocorrem várias situações e as  
situações de sua realização são numerosas para não dizer in-  
finitas. Para o provar basta ler a extensa obra parapsicológica  
e que se ocupa desta ciência, que se encontra em vários vol-  
volumes ou fascículos. Não nos podemos meter nestas questões,  
evidentemente e vamos nos limitar à citação de alguns pontos  
proposições, fatos e conclusões de investigações feitas e  
de no presente.

Notamos que existem hoje grandes níveis onde se pode ad-  
tuar a adivinhação: sensorial (com a intervenção dos sentidos -  
do ou corpo humano); extra-sensorial (sem a intervenção dos  
sentidos e do corpo humano, os meios diretos). A nossa  
reflexão vai seguir este ordem.

1º CONHECIMENTO EXTRA-SENSORIAL - Veremos agora...  
tudo "hiperestesia".  
uma das suas teorias:

"Somos capazes de perceber, por meio dos nossos sen-  
tidos (ao menos inconscientemente), os estímulos míní-  
mos e inclusive de "exagerá-los". Esta extraordi-  
nária capacidade de sensações chama-se, tecnicamente,  
"hiperestesia". (8)

E ainda:

"A psicologia moderna e a parapsicologia formula-  
ram a existência e extensão de movimentos involuntá-  
rios e inconscientes que acompanham toda a ideia ou  
imagem, segundo a Lei de Bain: "Todo o facto psí-  
quico determina um reflexo fisiológico e esse refle-  
xo irradia-se por todo o corpo e cada uma das suas  
partes."  
É múltiplo o reflexo fisiológico externo dos actos  
psíquicos.  
Podemos, pois, dizer que pensamos, que sentimos, imagi-  
namos com todo o corpo, traindo as nossas experiênci-  
as internas por mais secretas que as julgamos." (9)

A este nível o adivinho é um autêntico leitor das reac-  
ções fisiológicas que reflectem o que se passa no interior  
do indivíduo. Este assemelha-se a um analfabeto que, é incapaz  
de ler uma carta que lhe é dirigida ou a um surdo que não é  
capaz de ouvir a mensagem que lhe dirigem os outros homens e  
todo o mundo à sua volta.

2º O CONHECIMENTO EXTRA-SENSORIAL - A adivinhação sem a  
intervenção dos sen-  
tidos - Esta forma de adivinhação chama-se também e tecnica-  
mente "conhecimento extra-sensorial" ou simplesmente "PSIGA-  
MA", (E.S.P.) ou (PG). Aqui está uma das suas teorias:

"Somemos agora os milhares de casos espontâneos re-  
colhidos nos inquéritos e revistas científicas, as  
experiências no gabinete do médico magnetista ou hip-  
notizador, bastantes observações e experiências dos  
metapsíquicos, os milhões de experiências dos para-  
psicólogos... Poucas verdades da física e da biologi-  
a estarão tão demonstradas como esta de que existe  
no homem uma faculdade de conhecimento diferente de  
quanto a ciência pode atribuir aos sentidos. Esta faculda-  
de tem sido cientificamente demonstrada e cientifi-  
camente reconhecida. Como nome científico oficial  
dessa faculdade de conhecimento paranormal, nova na  
ciência, pode-se usar: "Percepção extra-sensorial" ou  
a sua sigla "ESP" mas, perfeitamente, "psi-gamma ou PG" (10)

(8) G. QUEVEDO, o. c., p. 57.

(9) IDEM, p. 65.

(10) IDEM, p. 198.



É verdade que o texto apenas admite a existência do conhecimento extra-sensorial mas não explica como é que isso é possível e se passa. Para sabê-lo seria preciso ler todo o capítulo donde ele foi extraído. Mas para quem é conhecedor do assunto ou, ao menos, quem está nele iniciado, a expressão "psigamma" explica muita coisa ou quase tudo. Para quem é inexperiente e leigo no assunto, será preciso dizer-lhe que o conhecimento extra-sensorial divide-se em : clarividência e telepatia. Estes dois fenômenos obedecem às mesmas leis da telebulia de que falamos ao tratar da comunicação entre um vivo e um moribundo.

Mais precisamente, a comunicação à distancia deve-se, segundo esta ciência, à excitação do inconsciente da pessoa dotada que, com o inconsciente assim excitado, ela torna-se "visionária", vendo as coisas (objectos) e distâncias que podem ser enormes - é o que se chama clarividência. O "visionário" pode também apreender o conteúdo da mensagem (sem ver objectos materiais). Ele começa, diríamos numa outra linguagem, a 'profetizar' sem bases aparentes - é o que se chama Telepatia.

Entretanto, estes fenômenos (clarividência e telepatia) podem produzir-se em forma de uma cadeia de comunicação, por exemplo : entre as pessoas "A", "B" e "C". "A" pode ser uma pessoa ou um acontecimento que excita o inconsciente de "B", mas este, não sendo uma pessoa dotada, não é capaz de se aperceber da mensagem que "A" lhe dirige e não pode interpretá-la. "C", sendo uma pessoa dotada, vai dar-se conta do que se passa no inconsciente do "B", captando a mensagem interpreta-a e explica-a ou revela-a ao destinatário que é "B". Diríamos numa linguagem laica, que "A" funciona como um posto emissor, "B" como o ouvinte e "C" como um transistor receptor. Em parapsicologia, este complexo de comunicação chama-se "TIE" ou "HIE" a três, o que significa: Telepatia do inconsciente excitado ou Hiperestesia do inconsciente excitado. Escusado será dizer que as coisas passam-se, geralmente, inconscientemente mesmo para "C". Tecnicamente e em parapsicologia "C" chama-se "medium". Termo que muito bem sugere a função medianeira que ele desempenha neste complexo de comunicação.

(8) G. CUEVAS, o. c., p. 57.  
(9) IDEM, p. 52.  
(10) IDEM, p. 138.



CONCLUSÃO : De todas as teorias que acabamos de citar nós tiramos três conclusões gerais para a nossa reflexão :

1ª As teorias parapsicológicas como estas são interessantes e contêm algo de verdadeiro mas não podem pretender ser a última palavra sobre os diversos assuntos e aspectos aos quais elas se referem. Com isto queremos dizer que elas não podem ser aplicadas cega e dogmaticamente às situações e realidades como as do contexto changano-chope para as explicar. Na verdade, elas, as teorias comportam importantes lacunas em relação à crença e prática populares, lacunas tão importantes que não podem ser pura e simplesmente desprezadas por serem "populares". É verdade que o povo tende a dramatizar e mistificar mas, também, não é preciso fazer "tabua rasa" a estas mistificações, sobo risco de a ciência cair no reducionismo demagógico, negando-se a si mesma.

O contexto sociocultural, as características individuais são muito determinantes e pensamos mesmo que os fenómenos observados e que deram como resultado as presentes teorias podem ser diferentes àqueles que se observam no contexto changano-chope ou a semelhança pode não passar de exterior e, por isso, uma "exportação" irreflectida de teorias pode tornar-se acientífica, o que tem acontecido muitas vezes e em muitas circunstâncias e domínios, infelizmente, com prejuízos de todo o tipo.

2ª Do ponto de vista científico, as teorias guardam o seu valor mas, para nós, este valor em elas serem "pistas" a serem exploradas sobre o terreno, pois, se os fenómenos humanos resistem à generalização arbitraria, pseudo-científica, os fenómenos especificamente espirituais são, ainda, mais resistentes e refractários a tais generalizações, pois, além das causalidade, estão em interacção com muitos outros factores refractários e mutáveis : temperamento, clima, contexto sociocultural, etc., que muito fogem à pura causalidade mecânica.



A ciência tem o seu direito e obrigação de uma observação rigorosa, no entanto, se esta não fôr discreta e moderada pode "desnaturalizar" os fenómenos, podendo torná-los mesmo artificiais, aliás, o autor que temos vindo a citar sobre este assunto reconhece este facto várias vezes em muitas passagens da sua volumosa obra (três volumes), dizendo que a vigilância cerrada tem conduzido a muitos pacientes a cometerem fraudes. Este pormenor não deve ser negligenciado numa avaliação final e numa perspectivação. Não acontece que um desportista obtenha recordes prodigiosos em treinos, no seu cantinho de preparação, ou num ambiente familiar mas fracassando miseravelmente em provas oficiais sobretudo internacionais? Porquê tudo isto? O medo de fracassar, a consciência do rigor das regras, a presença de muitos olhares suspensos e voltados para ele... enfim, tanta "bagagem" ele tem sobre si que acaba mesmo por succumbir debaixo do seu peso. Isto passa-se no domínio das experiências parapsicológicas, também.

Por outro lado, estas teorias são um covinte às ciências clássicas para que saiam um pouco do seu crispamento reaccionário e dogmático em relação a tudo o que é do domínio do invisível. As invetivas tais como: "é mentira", "superstição", "obscurantismo", etc., podem camuflar uma ignorância crassa e obtusa e podem ser sintomas de imaturidade científica ou de medo de se curvar diante da objectividade e evidência científicas.

3ª Em relação a religião tradicional, as teorias parapsicológicas dizem mais respeito as swikw/sikw e fenómenos subjacentes ou inerentes e menos aos tinguluve. A adivinhação aparece relativamente confirmada mas é preciso que o conteúdo desta seja precisado. Nada está confirmado e nada está negado. Há todo um discernimento e discussão a levar a cabo, caso por caso.

Se as ciências humanas (profanas) devem prestar atenção aos fenómenos como os que acabamos de nos referir, muito mais obrigação terá a teologia de fazê-lo também e isto



por duas razões, senão mais: primeiro porque ela professa o "invisível" o "transcendente" e o "fisicamente inatingível"; segundo, porque ela deve ser uma reflexão de um homem que se interroga na sua fé, a teologia deve ser uma fé que se interroga. Interrogar-se sobre quê? Certamente não imaginamos que este intrrogar-se seja uma ginástica intelectual ou um círculo vicioso mas sim que deve ser uma busca de compreensão do mistério da fé, do seu objecto e, sobretudo uma busca de respostas a problemas concretos que se põem ao homem na sua existência e em todas as dimensões desta existência. Ora, um dos problemas que se põem ao changano-chope, ao moçambicano, ao africano é o culto dos tinguluve e dos swikw/sikw e este culto baseia-se nos fenómenos como os que acabamos de abordar.

Se o agente pastoral conhecer estas teorias pode expô-las "pedagogicamente" mas a explicação ou exposição, não deve ultrapassar os limites de "hipoteses", sem formulações sentenciosas e demagógicas que bloqueiam todo o diálogo ulterior, aliás a "exposição" deve assentar num diálogo prévio e, sobretudo ela deve inscrever-se numa "caminhada" e não como um foguete que estoura de repente e uma só vez. Isto significa que para abordar estas teorias o agente pastoral deve estar minimamente preparado, pois, um certo aprofundamento lhe será exigido, o que é normal entre as pessoas que buscam.

Todas estas últimas considerações introduzem-nos na quarta parte na qual trataremos da reflexão teológica e prática pastoral.

De relação ao culto dos swikw/sikw, que está no centro da religião tradicional, trataremos na quarta parte do livro. Ao nível do culto dos swikw/sikw, que é o ponto de partida para a compreensão do culto dos swikw/sikw, trataremos na quarta parte do livro. Entre os swikw/sikw, que são os pontos de partida para a compreensão do culto dos swikw/sikw, trataremos na quarta parte do livro.



Xikhova/tchikova: ave temível, a sua presença é tida como a presença certa e visível do nloyi/inloyi (feiticeiro). Parece que todos os povos nunca simpatizaram com esta ave, desde de antiguidade, salvo raras excepções...







outros valores existenciais, a solidariedade entre os Homens; mais do que semeadas de defeitos elas são portadoras de valores positivos que o Cristianismo deve aprender. Interpelação mútua, portanto.

ESBOÇO DE UMA PSICOLOGIA DA INCULTURAÇÃO

Dado que a Religião Tradicional está assente sobre princípios e fenómenos que são discutíveis a diversos níveis, não quisemos passar em silêncio este aspecto polémico. Foi por isso que consultamos um dos ramos do saber humano que mais directamente se ocupa e se interessa dos fenómenos professados pela Religião Tradicional. Vimos que, segundo a parapsicologia, entre os múltiplos fenómenos testemunhados por esta religião há algo de verdadeiro e isto significa que há aí todo um trabalho de investigação a fazer. Face à complexidade do terreno e do assunto a pastoral terá de se conduzir sem precipitações nem demagogia seja no sentido de aceitar seja no sentido de negar os factos e os fenómenos.

\* \* \*

Os Anjos. Seres doutro mundo que só os privilegiados podem ver e comunicar com eles. Alimentaram discussões muito animadas na Idade Média: era questão de saber o sexo destes seres, entre outras.



Essa se adaptação e inculturação significa a adaptação de valores religiosos a uma cultura que os recebe e os interpreta de modo diferente. É a adaptação de valores religiosos a uma cultura que os recebe e os interpreta de modo diferente.



### IV PARTE

#### ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO E PERSPECTIVAS PASTORAIS

Quando se ouvem descrições etnográficas como as que acabamos de fazer ao longo deste nosso trabalho até aqui realizado ou quando se tem uma simples conversa sobre as culturas dos povos não ocidentais sempre se ouve dizer : "como é maravilhoso !", " é muito interessante..." ,etc. E, então, nos meios ocidentais, sobretudo aqueles organismos que se dedicam à cooperação e ao desenvolvimento instalou-se a consciênça da "diferença" e da personalidade desses povos exóticos, personalidade incarnada pelas culturas respectivas e a consciênça do valor humano dessas culturas ganha cada vez mais o terreno. Por causa disso é muito frequente ouvir-se dizer : é preciso respeitar e preservar as culturas tradicionais e evitar a sua destruição e desaparecimento. Por causa disto o desenvolvimento e a cooperação dá lugar às investigações sociológicas de todo o tipo.

Nos meios religiosos este movimento faz-se sentir, aliás, ele deve muito a sua origem a esses meios religiosos. Nestes meios, a consciênça da necessidade e mesmo do dever de respeitar e preservar tais culturas tem suscitado não menos preocupação, sobretudo nos homens que se dedicam à evangelização e, por exemplo nas alas católicas, termos tais como "adaptação" e "inculturação" ganharam um lugar de honra no seu vocabulário.

Mas se adaptação e inculturação significam a identificação ou a encarnação da mensagem evangélica a e numa determinada cultura dum povo, que problemas teóricos e práticos representa tal empresa ? Nesta quarta parte da nossa reflexão va-





IV PARTIE

ESPÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO

PERSPECTIVAS PASTORAIS

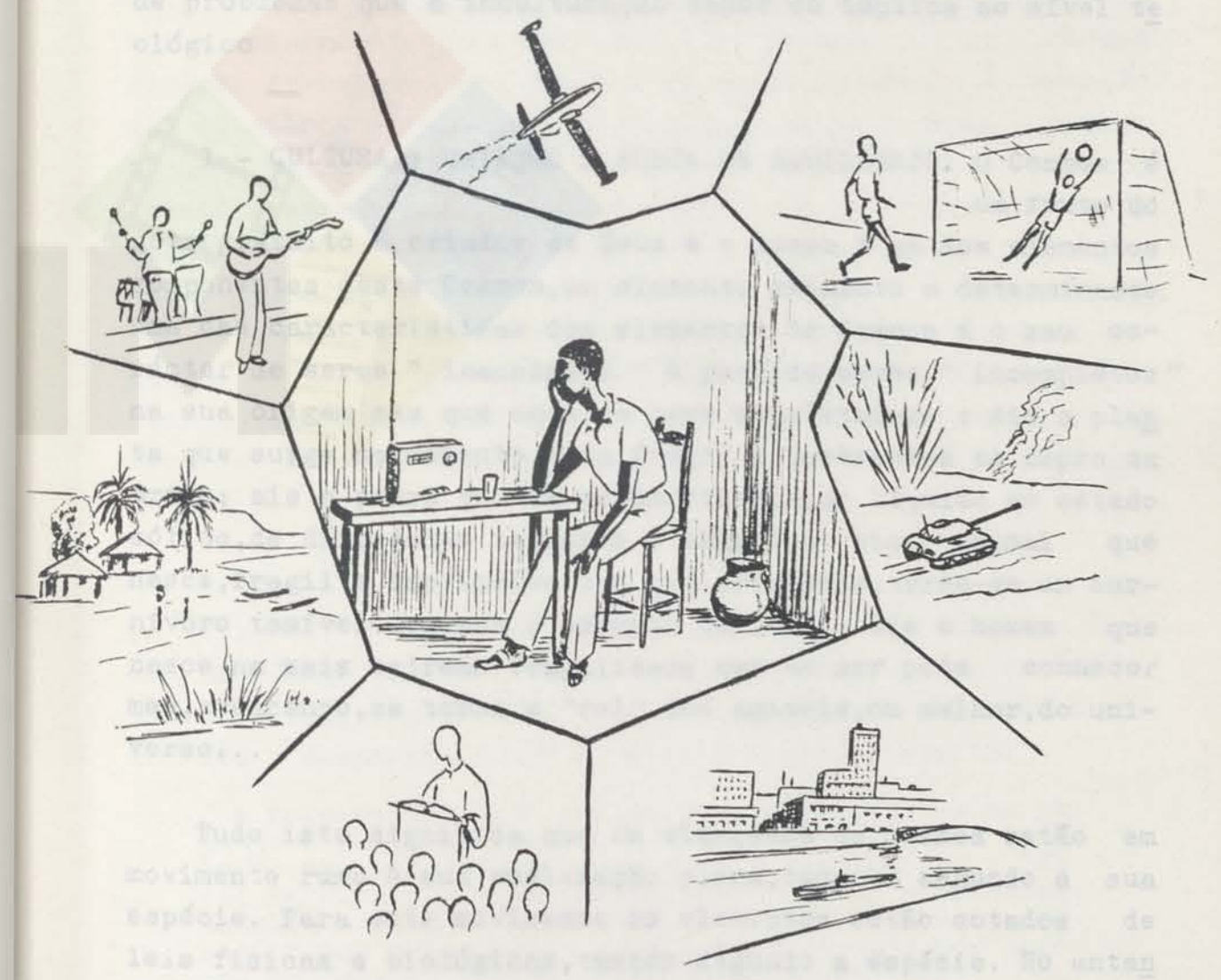
Quando se ouve descrições etnográficas como as que nos  
 damos de fazer ao longo deste livro, talvez até para reali-  
 zado ou quando se tem uma simples conversa sobre as culturas  
 dos povos não ocidentais sempre se ouve dizer: "como é estran-  
 vário!", "é muito interessante...", etc. E, então, nos relatos  
 ocidentais, sobretudo aqueles organizados que se dedicam à co-  
 operação e ao desenvolvimento, insistem-se a conscientizar da  
 "diferença" e da personalidade dessas povos estranhos, person-  
 lidade insuportável pelas culturas respectivas e a conscientizar  
 do valor humano dessas culturas, cada vez mais o termo  
 no. Por causa disso é muito frequente ouvir-se dizer: "é pre-  
 ciso respeitar, preservar as culturas tradicionais e evitar  
 a sua destruição e desaparecimento. Por causa disso o desen-  
 volvimento e a cooperação de lugar há investigações socio-  
 ciais de todo o tipo.

Por mais reflexões este movimento faz-se sentir, aliás,  
 ele deve muito a sua origem a causas mais religiosas. Nestas  
 culturas, a consciência da necessidade e mesmo do dever de res-  
 petar e preservar tais culturas tem estado não raras pre-  
 ocupações, sobretudo nos homens que se dedicam à evangelização  
 e, por exemplo nas alas católicas, termos tais como "adaptação"  
 e "inculturação" ganharam um lugar de honra no seu vocabulá-  
 rio.

mas se adaptação e inculturação significam e idealiza-  
 ção ou a incorporação de mensagens evangélicas e não de ideias  
 da cultura dum povo, que problemas teóricos e práticos repre-  
 senta tal expressão? Neste quarta parte da nossa reflexão va-

mos tentar reflectir sobre esta questão que nos pomos neste momento.

A nossa reflexão terá dois momentos principais : no pri-  
 meiro momento tentaremos fundamentar teoricamente (teologica-  
 mente) a ideia da "inculturação" ou "adaptação", ao mesmo tempo  
 que esboçaremos a resposta de alguns problemas levantados pe-  
 la "inculturação". No segundo momento reflectiremos sobre a  
 praxis, propondo algumas pistas de acção concreta, reflexão  
 que subdividir-se-á em dois momentos : perspectivas pastorais  
 a curto prazo, isto é, propostas de atitudes imediatas, face  
 ao fenómeno; e perspectivas pastorais a longo prazo.



Tudo isto está em  
 movimento. Para  
 depois. Para  
 leis físicas e sociais e sociais  
 tanto de coisas a serem a serem. No entanto  
 a realidade é um campo de forças em constante movimento  
 para a criação de novas estruturas e organizações



## CAPITULO 9

## ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO

Como já o anunciamos na introdução da IV quarta, nós vamos tentar, neste capítulo, esboçar uma teologia da inculturação. Trata-se de ver alguns aspectos teológicos da inculturação quer sob o aspecto da fundamentação quer sob o aspecto de problemas que a inculturação impõe ou implica ao nível teológico.

1 - CULTURA : CRIAÇÃO E BUSCA DE EQUILIBRIO. O Cosmos é um fruto do acto gratuito e criador de Deus e o homem é um dos elementos componentes deste Cosmos, um elemento eminente e determinante. Uma das características dos elementos do Cosmos é o seu carácter de seres " inacabados " à partida, seres " incompletos " na sua origem mas que cada um deve completar-se : eis a planta que surge da semente toda frágil e quebradiça ao sopro da brisa; eis a pedra que se metamorfoseia, de líquido ao estado sólido, de diferentes tamanhos e espécies; eis o animal que nasce, frágil e inofensivo mas que, crescendo, torna-se um carnívoro temível (tomando o exemplo do leão); eis o homem que nasce na mais extrema fragilidade que um ser pode connecer mas, crescendo, se torna o "rei" dos animais, ou melhor, do universo...

Tudo isto significa que os elementos do Cosmos estão em movimento rumo à sua realização plena, cada um segundo a sua espécie. Para este movimento os elementos estão dotados de leis físicas e biológicas, também segundo a espécie. No entanto, o dinamismo interno de cada ser isolado não é suficiente para assegurar o êxito da sua marcha em direcção à sua plenitudi

(1) GELAN, MARIE, op. cit., p. 202.



tude. É por isso que os elementos do Cosmos são interdependente uns dos outros a diversos graus e níveis, assim um ser está em estreita relação, directa e indirectamente, com todos os outros seres do universo criado, de modo especial com os da sua espécie. Como exemplo desta interdependência cósmica tome-se a cadeia alimentar. Portanto, falar do Cosmos é falar de um todo unificado e dinâmico, organizado e interrelacional.

O homem participa plenamente destas três características (dinamismo, interrelação e organização). Ele é animado pelo dinamismo que o impele à sua realização plena como homem e ele é marcado pela necessidade de relação e, por sua vez, esta relação impele-o a organizar-se. Esta relação desenrola-se a dois níveis (para começar) : 1º relação com os outros homens; 2º relação com o resto do mundo criado. A relação com os outros seres humanos é assegurada pelo grupo humano no qual um indivíduo vive e a relação com o resto do mundo criado é assegurada pelo meio físico. Se na relação Homem/ambiente físico é o homem quem toma toda a iniciativa, na relação homem/homem todas as partes são responsáveis e cada homem deve dar um passo em direcção ao outro homem através de gestos de todo o género. E, assim, estabelece-se um circuito fechado de comunicação em dois sentidos ou dimensões : um homem está em comunicação com os outros homens e com o seu meio físico.

Esta comunicabilidade realiza-se através de gestos, como já dissemos, e os gestos decantam-se, porque repetidos, e formam um código de comunicação do qual a língua é um dos elementos constituintes. Eis a cultura que nasce. Vejamos o que nos diz o documento final de Puebla a este respeito:

" A palavra "cultura" indica a maneira particular segundo a qual, num povo, os homens cultivam a sua relação com a natureza, entre eles e com Deus (... ) de tal maneira que eles possam chegar a um "nível verdadeira e plenamente humano. É o estilo de vida em comum" que caracteriza os diversos povos; é por isso que se fala de "pluralidade de culturas." (1)

(1) CELAM, Puebla, nº 386. Cfr também GS, nº 53.



Entre as muitíssimas definições da cultura que enchem muitos compêndios, nós, neste momento, escolhemos esta porque ela contem um elemento novo que nos interessa e que nós omitimos propositadamente quando falamos das dimensões em que se desenrola a comunicação do homem : a referência a Deus. Mais a diante retomaremos este aspecto.

Dizer que a cultura é fruto da relação entre um determinado povo e o seu meio físico (natureza) é dizer que a cultura é ou pode ser um sistema fechado de tal maneira que um homem de um outro grupo ou povo e de um outro contexto físico pode não compreendê-lo e será preciso iniciá-lo no novo código de comunicação, na nova cultura. Tocamos aqui um dos aspectos da cultura que é fonte de dificuldades na relação intercultural.

Por tudo o que acabamos de afirmar compreende-se que a cultura é uma criação humana. Ela é o resultado de uma busca de equilíbrio do homem na sua relação com o meio ambiente, e entre os homens, reciprocamente e na sua relação com Deus. Assim, por outros termos, a cultura aparece como um pacto a três: os homens, a natureza e Deus. Nesta criação do homem, Deus solidariza-se com o Homem e este torna-se o braço de Deus prolongado(2). Desta forma, a cultura é duplamente sagrada : 1º porque ela significa a aliança do Homem com a Natureza (a natureza humana incluída); 2º porque ela é sancionada por Deus.

Entretanto, os homens ao entrarem em relação com o seu meio físico e entre si, na sua busca de equilíbrio, podem cometer excessos. Isto acontece quando se ultrapassa a busca indispensável do equilíbrio para se buscar a satisfação das pseudo-necessidades - é a perversão da cultura, que nós preferimos chamá-la "alienação cultural".

O carácter particular pode conduzir ao auto-fechamento de uma cultura e a sua possível perversão ou alienação. A consciência desta possibilidade cria um espírito de desconfiança

(2) Cfr CELAM, o. c., nº 391.

... E por isso que os elementos da cultura são...

O homem participa plenamente desta realidade...

Esta comunicação realiza-se através de gestos...

" A palavra "cultura" indica a maneira particular...

(1) CELAM, Puebla, nº 386. Cfr também 83, nº 23.



... entre as culturas. Eis a "doença" congênita das culturas, que vai revelar-se sob três formas na relação intercultural: intolerância mútua; complexo de superioridade ou de inferioridade, principalmente.

2 - DEUS COMUNICA COM O HOMEM. A definição da cultura que o documento de Puebla e GS nos propõem particulariza-se, sobre as demais, pela menção de Deus que intervem, intervenção que pode ser recebida positiva ou negativamente pelo homem, significa que a dimensão relacional do Homem não é só horizontal nem puramente histórica mas é também vertical e meta-histórica, embora, como já dissemos, o Homem possa rejeitá-la, ou melhor, possa negar a reconhecê-la mas este gesto da recusa do reconhecimento não deixa de se reflectir na própria cultura em causa. Com efeito, o reconhecimento de Deus ou a sua exclusão numa cultura não é indiferente para uma tal cultura. Isto é lógico, pois, um pacto a do is não é o mesmo que o feito a três(3)

Se na relação Homem/Natureza é o Homem quem toma a iniciativa dando o primeiro e o maior passo e na relação Homem/Homem são as duas partes que têm igual obrigação de dar o passo, na relação Homem/Deus é Este último quem dá o maior passo se bem que o Homem deve fazer o mínimo que lhe cabe. Esse grande passo Deus deu-o na Incarnação do Verbo :

" Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de tudo e por Quem igualmente criou o mundo. (4)

Que quer isto dizer ? Muita coisa. Mas entre essa muita coisa está o facto de que se, para se comunicar, o Homem precisa de um código(cultura), o Homem-Deus teve de adoptar este código para Ele poder comunicar-se com o Homem e isto vai na li

(3) Cfr CELAM, o. c., nº 389.

(4) Heb. 1, 1-2.

entre as culturas. Eis a "doença" congênita das culturas, que vai revelar-se sob três formas na relação intercultural: intolerância mútua; complexo de superioridade ou de inferioridade, principalmente.

2 - DEUS COMUNICA COM O HOMEM. A definição da cultura que o documento de Puebla e GS nos propõem particulariza-se, sobre as demais, pela menção de Deus que intervem, intervenção que pode ser recebida positiva ou negativamente pelo homem, significa que a dimensão relacional do Homem não é só horizontal nem puramente histórica mas é também vertical e meta-histórica, embora, como já dissemos, o Homem possa rejeitá-la, ou melhor, possa negar a reconhecê-la mas este gesto da recusa do reconhecimento não deixa de se reflectir na própria cultura em causa. Com efeito, o reconhecimento de Deus ou a sua exclusão numa cultura não é indiferente para uma tal cultura. Isto é lógico, pois, um pacto a do is não é o mesmo que o feito a três(3)

Se na relação Homem/Natureza é o Homem quem toma a iniciativa dando o primeiro e o maior passo e na relação Homem/Homem são as duas partes que têm igual obrigação de dar o passo, na relação Homem/Deus é Este último quem dá o maior passo se bem que o Homem deve fazer o mínimo que lhe cabe. Esse grande passo Deus deu-o na Incarnação do Verbo :

" Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho, a Quem constituiu herdeiro de tudo e por Quem igualmente criou o mundo. (4)

Que quer isto dizer ? Muita coisa. Mas entre essa muita coisa está o facto de que se, para se comunicar, o Homem precisa de um código(cultura), o Homem-Deus teve de adoptar este código para Ele poder comunicar-se com o Homem e isto vai na li

(3) Cfr CELAM, o. c., nº 389.

(4) Heb. 1, 1-2.



nha paulina que diz que o Homem-Deus assumiu a condição humana excepto o pecado.(5)

Qual é a mensagem que Jesus veio trazer ? Sem nenhuma pretensão de querer resumir numa só palavra a Mensagem cristã, achamos, no entanto que o próprio Jesus resumiu-a em certas passagens dos seus discursos e entre estas passagens está aquela da oração sacerdotal, que João conservou a memória e a fixou por escrito:

" Que te conheçam a ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste, Para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.(6)

Entretanto, Jesus, Deus feito Homem, nasceu num determinado povo com uma determinada cultura, passível de todas as limitações, como todas as demais culturas. Podemos ver neste facto, de "escolher" um povo e uma cultura, uma pedagogia divina : um meio para que o homem se abra ao outro homem; um povo ao outro povo; uma cultura à outra cultura, quebrando assim a tentativa do auto-fechamento. Assim e transferindo um pouco as coisas, se a Igreja é um movimento missionário, como muito bem o diz Paul Tihon (7), ela é também um movimento de abertura do Homem, da cultura, de um povo.

É precisamente nesta fase "missionária" ou de encontro e de abertura em que cada cultura vai experimentar as suas limitações congénitas, cujas cicatrizes vão-se abrir em chagas profundas (identificação da mensagem cristã com uma cultura, intolerância, desconfiança mútua, alienação, etc.), e isto desde da primeira hora missionária :

" Alguns que tinham descido da Judeia ensinavam aos irmãos: " Se não vos circuncidardes de harmonia com o uso herdado de Moisés, não podereis ser salvos" (8)

(5) Cfr Fil. 2,5-11.

(6) Jo. 17,3b.21.

((7) P. TIHON, Théologies de l'Eglise après Vatican II (notes sur l'ecclésiologie) Lumen Vitae, 1980

(10) IDEM, n.º p. 12.

(8) Act. 15,1.



Aqui temos o primeiro exemplo da identificação da Mensagem cristã a uma cultura, facto que se repetirá ao longo de toda a História até aos nossos dias. Mas qual é o problema do fundo ?

O problema do fundo é o da relação entre a Mensagem Evangélica e a Cultura ou culturas. No entanto, antes de ser um problema entre a Mensagem Cristã e as culturas é um problema da relação entre a Revelação judeo-cristã e a Revelação universal. Que relação existe entre os dois tipos de revelação ? No parágrafo seguinte nós vamos tentar uma resposta a esta pergunta.

3 - RELAÇÃO ENTRE A REVELAÇÃO UNIVERSAL E A JUDEO-CRISTÃ.

Nós não pretendemos ir para além de uma enunciação das linhas gerais do assunto e dentro de uma perspectiva histórica.

As primeiras declarações do Magistério da Igreja sobre a Revelação, ao menos as mais antigas cujo texto nós conseguimos encontrar até ao momento, datam de 1835. Elas surgiram num ambiente polémico, para não dizer de luta, suscitado pelas teorias fideistas que tinham o seu representante, na época, em Bautain(9). Desde então, os textos das declarações do Magistério multiplicaram-se até desembocarem no dogma sobre a revelação divina, proclamado pelo Concílio do Vaticano I, pela Constituição dogmática "Dei Filius", eis um extracto :

" A mesma santa Igreja, nossa mãe, defende e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com segurança através da luz natural da razão humana a partir das coisas criadas: " Desde da criação do mundo, as perfeições invisíveis deixam-se ver à inteligência, pelas suas obras" (...) Entretanto, aprova à sua sabedoria e à sua bondade de se revelar ele próprio ao género humano e de revelar os decretos eternos da sua vontade: " Deus falou outrora a nossos pais muitas vezes e de muitas maneiras pelos profetas; falou-nos nestes últimos tempos pelo seu Filho." (10)

(9) Cfr La foi catholique (DENZIGER), pp. 37-38.

(10) IDEM, números 86-87 (3004), p. 47.



Sem ignorarmos outros textos de valor diverso, podemos dar um salto no tempo para a nossa época para citarmos o Concílio de Vaticano II, que nos fala através da Constituição dogmática Dei Verbum. Este documento retoma as formulações doutrinais do Concílio precedente(11).

Todos estes textos reconhecem dois " canais " ou vias da revelação divina, vias essas <sup>podemos</sup> quevdesigná-las, o que é segundo a tradição, por revelação " universal " por um lado e revelação "especial" ou judeo-cristã. Nós não nos engajaremos na polémica que esta distinção possa suscitar. Para nós o que interessa é o reconhecimento de duas vias da revelação divina.

Com este fundo podemos responder a pergunta formulada atrás: as duas vias da revelação divina não se excluem mutuamente mas, pelo contrário, elas supõem-se e são complementares. Assim, a revelação aparece como um processo dinâmico de tal maneira que as duas formas ou vias constituem as suas fases. Sem dúvida que existe o problema de saber qual das duas formas é a mais perfeita, a mais importante. A resposta é já sabida(?) no interior do cristianismo e S. Paulo foi um dos primeiros arautos desta convicção; na verdade, através de todos os seus escritos a superioridade da revelação cristã (judeo-cristã) está inequivocamente afirmada, como já tivemos ocasião de ver ao tratarmos da mediação cristã.

No entanto, a questão não está completamente fechada para a teologia. Na verdade, o que parece uma evidência irrefutável para o cristão não o é para um não cristão, a quem a afirmação pode parecer " improvável " e, por isso, " ininteligível. Sim, por exemplo, que significa a afirmação da superioridade da revelação cristã para um muçulmano, budista, etc ? Daqui se vê que a teologia cristã não se pode dar ao luxo de se instalar nas suas " certezas " afirmando que o problema é daqueles que não reconhecem em Jesus Cristo o Deus incarnado... A teologia deve fazer suas as objecções que vêm do " exterior ", tomando-as a sério.

(11) Cfr Dei Verbum, 1-4.



Para nos convenceremos da "precariedade" das nossas con-  
vicções e "certezas" bastará notar que S. João nos diz que  
ainda não sabemos bem o que seremos, isto é, o nosso conheci-  
mento sobre a escatologia não é mais do que medíocre e que  
ele só será perfeito a quando da manifestação final. (12)

Que quer isto dizer na nossa reflexão? Se nós definimos  
a revelação como processo progressivo, com diversas fases, es-  
tamos certos de que não será difícil de reconhecer ou, ao me-  
nos, suspeitar a nossa ignorância acerca da pessoa de Deus.  
Assim, a teologia cristã deve ser capaz de se explicar dian-  
te das outras religiões e suas teologias a propósito da pri-  
mazia das vias da revelação divina.

Sem dúvida que existe uma teologia cristã sobre este as-  
sunto já elaborada mas receamos que ela não seja um monólo-  
go, ora num monólogo é fácil chegar-se a acordo... Com efei-  
to, o recurso à História (expansão "prodigiosa" e resistên-  
cia do cristianismo às vicissitudes dos tempos e ao longo  
destes) para daí se deduzir a superioridade doutrinal e es-  
piritual do cristianismo, um tal argumento não satisfaz se-  
não aos espíritos "tranquilos" mas que não se aguentaria  
de pé num ambiente de diálogo, para não dizermos de polémica  
ou luta; o mesmo se poderá dizer sobre o argumento da "si-  
gnificação teológica" (13); com efeito, qual teologia?

Não obstante o interesse da questão, não é possível segui-  
la e assim sentimo-nos obrigados a cortar o fio e dizer, em  
forma de conclusão que: a relação entre a revelação "uni-  
versal" (também conhecida por "natural" ou "cós mica") e a  
revelação "especial" (ou "sobrenatural", "particular" ou "  
judeo-cristã") é uma relação de continuidade e de comple-  
mentaridade, num dinamismo progressivo.

(12) Cfr I Jo. 3,2.

(13) Cfr G. THILS, o. c., pp. 172-185.



4 - RELAÇÃO EVANGELHO/CULTURA. Voltemos à nossa pergunta

inicial, que era de saber

que relação podia haver entre a Mensagem cristã e as cultura

O problema põe-se desde que se toca a questão de "evangelizar", do anúncio da Palavra salvadora, uma Palavra que implica a "conversão". Sim, o problema põe-se porque desde dodo princípio da evangelização, como já vimos, houve sempre a tendência de manipular a Palavra de Deus, pondo-a ao serviço de interesses particularistas senão mesmo perversos; de identificá-la pura e simplesmente a uma cultura, etc. Ora esta identificação é justa ?

Como o sabemos, já o dissemos e re-dissemos, esta tentação apareceu desde da primeira hora da difusão da mensagem cristã e foi a primeira crise que sacudiu a Igreja nascente. Como é que esta Igreja tentou resolvê-la ? Lucas conservou a memória deste acontecimento :

" E Deus, que conhece os corações, testemunhou a favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo como a nós. Não fez qualquer distinção entre eles e nós visto ter purificado os seus corações pela fé. Por que tentais agora a Deus, querendo impor aos discípulos um jugo que mesmo os nossos pais nem nós tivemos força para levar ? Além disso, é pela graça do Senhor Jesus que acreditamos que seremos salvos exactamente como eles." (14)

E Tiago vai pronunciar a decisão final que é uma conclusão perante a evidência dos factos :

" Por isso, sou da opinião de que não se devem importunar os pagãos convertidos a Deus. Que se lhes diga, apenas, para se absterem de tudo quanto foi conspurcado pelos ídolos, da impudícia das carnes sufocadas e do sangue." (14)

Sem dúvida que mesmo estes princípios ainda conservam alguma coisa de cultural e podem causar dificuldades na evangelização se não se operar nenhum discernimento : as " carnes sufocadas e do sangue ". No entanto, as bases estão lançadas, bases que ajudariam no discernimento de casos concretos. Na verdade, o discurso de Pedro (1ª parte da citação) é rico e de

(14) Act. 15,8-11. 19-20.



cisivo neste aspecto, a saber : que a nossa salvação é apenas obra do Espírito Santo que nos é concedido por Jesus Cristo e não pelo mérito das nossas obras. Falando culturalmente: Não são as prescrições culturais em si que nos fazem "mais" filhos de Deus mas sim a presença do Espírito Santo na cultura.

De tudo quanto vimos a partir do parágrafo anterior sobressaem duas conclusões :

1ª Que todas as culturas são iguais porque todas são possíveis portadoras de elementos da revelação divina, todas podem e manifestam uma determinada maneira da presença de Deus em diversos povos.

2ª Que não há culturas superiores às outras neste aspecto e que a Mensagem cristã não se confunde com nenhuma cultura, embora solidária com todas elas (precisamente por isso mesmo) mesmo com a denominada " cristã ".

Isto significa que há todo um discernimento permanente a fazer para todos e em todas as culturas e a grandeza de uma cultura medir-se-á pela sua abertura à Mensagem mas esta Mensagem muitas vezes é incarnada pela outras culturas. Sendo assim, para uma cultura, abertura à Mensagem deve ser também abertura às outras culturas, donde também lhe vem a Mensagem

O problema cultural torna-se, assim, a questão principal e tipicamente missionária. A multiplicidade de documentos do Magistério sobre este assunto prova o carácter prioritário e basilar deste problema. Eis os principais desses documentos :

- = Maximum Illud, de Bento XV, de 30 - 11 - 1919.
- = Rerum Ecclesiae, de Pio XI, de 28 - 2 - 1926.
- = Evangelii Praecones, de Pio XII, de 2 - 6 - 1951.
- = Príncipe Pastorum, de João XIII, de 2 - 11 - 1959.
- = Ad Gentes, do Concílio do Vaticano II
- = Nostra Aetate " " " " ( embora indirectamente referido à actividade missionária.
- = Evangelii Nunciandi, de Paulo VI, de 8 - 12 - 1975.

Lendo cada um destes documentos, sente-se que o problema da relação entre a Cultura e a Mensagem é um tema central ou



que predomina entre os demais assuntos:

" Com efeito, o padre indígena, pelo seu nascimento, mentalidade, impressões, ideal, tudo isto liga-o às suas ovelhas, está maravilhosamente apto a insinuar a verdade nas almas : muito melhor que qualquer outro, ele sabe escolher os meios de persuadir. É assim que tem facilidade de acesso junto de muitas almas das quais o padre estrangeiro não pode mesmo aproximar-se." (15)

Sinceras ou oportunistas, estas directivas foram inspiradas pelo papel decisivo que a cultura de um povo desempenha, de resto, elas não necessitam de muitos comentários para provar ou explicitar o seu conteúdo e a sua pertinência. Pio XI publica a sua encíclica missionária e entre os temas desenvolvidos o tema da cultura está no centro :

" Mas há mais : estes padres indígenas conseguirão perfeitamente, e para além de todas as esperanças, estender o reino de Cristo. "Com efeito, o padre indígena - para servirmo-nos das palavras do Nosso predecessor - por seu nascimento, a sua mentalidade, os seus sentimentos, o seu ideal, não faz que um só com os seus compatriotas; ele é admiravelmente qualificado para fazer penetrar a fé nos espíritos muito melhor que qualquer outro, ele sabe escolher os meios de forçar a porta dos seus corações." (16)

Citemos, para terminar, João XXIII, na sua encíclica, que diz num determinado passo, citando as suas próprias palavras proferidas aos participantes do segundo congresso mundial dos artistas e escritores negros :

" Em toda a parte onde autênticos valores de arte e de pensamento são susceptíveis de enriquecer a família humana, a Igreja está pronta a favorecer este trabalho do espírito... Mas a Igreja, plena de juventude incessantemente renovada pelo sopro do Espírito, permanece disposta a reconhecer, a acolher e mesmo a animar tudo o que é honra da inteligência e do coração humanos sobre as outras praias do mundo do que esta pacia do mediterrâneo que foi o berço providencial do cristianismo." (17)

(15) Bento XV, Maximum illud, editions SAM, p. 13.

(16) Pio XI, Rerum ecclesiae, nas Actes de S. S. Pie XI, tome III, 1926, pp. 160-161.

(17) João XXIII, Príncipeps pastorum, editions SAM, p. 9.



Enfim outros textos doutros documentos já os vimos e ainda teremos ocasião de vê-los mais adiante na altura própria mas, por tudo quanto vimos até aqui, não há dúvida nenhuma que o problema cultural preocupou sempre a Igreja. Se nos sentimos insatisfeitos com os resultados conseguidos até aqui na matéria da inculturação, não obstante os discursos como os citados aqui, é questão para nos perguntarmos sobre as causas de um tal insucesso. O Magistério deve interrogar-se se não liberalizou apenas o discurso mas permanecendo inflexível na prática, através doutros mecanismos de controle, que são diversos e subtis; os missionários, autóctones e estrangeiros, padres e leigos, devem interrogar-se sobre o que eles têm feito desta liberdade e abertura, por mínimas que elas sejam. Será que uns tiveram coragem e generosidade de "morrer" para si mesmos para que os outros vivam e será que os autóctones não tiveram medo de se pôr de pé e tomar o caminho da aventura de se descobrirem a si mesmos, de se construirem? Enfim, é preciso que uns e outros se interroguem se não ficaram paralisados perante os naturais fracassos das primeiras tentativas.

Se lançamos este olhar através do passado foi apenas para ver que a posição e os princípios tomados pelo concílio de Jerusalém foram uma senda aberta e um movimento que não se extinguiu ao longo da História da Igreja, ao menos teoricamente, e isto porque também a Igreja post-apostólica compreendeu que, olhando para as diversas culturas sem preconceitos, descobre-se em cada uma delas a presença do Espírito, que se antecipa a toda acção humana.

Assim, a relação existente entre a Mensagem cristã e a Cultura é uma relação de Mensagem/Mensageiro. As culturas são mensageiras de Deus nas diferentes culturas, isto é, elas veiculam a Mensagem divina, não obstante os contra-valores de que elas são portadoras ou são possíveis de serem portadoras. Esta relação de Mensagem/Mensageiro impede que se confunda os elementos, isto é, o Evangelho e a Cultura. A Cultura é um lugar de revelação divina mas toda a identificação da Mensagem divina com uma cultura, qualquer que seja, é injustificável.



5 - A NECESSIDADE DO DISCERNIMENTO. Afirmar que as cultu

ras são, por um lado, lugares da revelação divina e, por outro lado, que elas são ou podem ser portadoras de contra-valores não é paradoxal? A - chamamos que não. Não porque o bem se confunde com o mal. A afirmação das duas coisas sugere apenas a necessidade de um discernimento para saber e precisar o que é que representa a revelação ou a presença de Deus numa dada cultura e o que não é. Como distinguí-los um do outro e quem pode operar esta distinção.

Desde dos tempos patrísticos o discernimento foi uma preocupação que absorveu os pastores. Com efeito, dizer que "tudo o que é bom numa cultura é sinal da presença de Deus e, como tal, deve ser "assumido" pela Igreja" é dizer tudo sem dizer nada. Na verdade, depois desta afirmação falta determinar, concretamente o que é "bom" e que deve ser "assumido" e o que não é bom. Por outro lado, surge o problema de determinar os critérios da determinação do que é "bom" e de "quem" pode determiná-lo. Sobre esta questão as opiniões divergem e isto porque outros problemas de fundo se põem: a identificação da pessoa do evangelizando e de sua cultura; a definição da finalidade da missão ou evangelização. Esplanemos um pouco esta problemática:

a) A IDENTIFICAÇÃO DO EVANGELIZANDO - Nesta perspectiva existe todo um pesado preconceito herdado do passado a propósito do conceito do "pagão". Os povos não evangelizados são tidos por "pagãos" e as suas culturas "pagãs". O termo "pagão" é entendido como sinónimo de "moralmente duvidoso" ou mesmo moralmente mau.

A estranheza natural que se pode experimentar diante de uma cultura do "outro", fruto da simples diferença ou do exotismo, foi tomada pelos europeus, missionários incluídos na primeira leva, como sendo "perversão" moral. Eis um exemplo que nos é transmitido por Gustave Thils e atribuído a Aubry, a propósito da cultura chinesa:

(20) PIS 127, ... p.25.



" A civilização chinesa é, quase sob todos os pontos de vista, uma monstruosidade, não só é anti-cristã, mas anti-humana. A religião ou religiões chinesas são monstruosas, absurdas, as mais ridículas do mundo. Os bonzos são uma casta abjecta e desprezível, ignorante, podre. As artes são desconhecidas, elas jamais existiram; nos seus palácios e pagodes, algumas figuras pintadas ou esculpidas de demónios e de animais horríveis, monstruosos, fantásticos, pesados..." (18)

Que dizer ? Formidável ! Mas que pensaria quem nunca vira um chinês ou que nunca fora à China ? Tais concepções e maneiras de julgar e apresentar os povos não europeus podem parecer incompreensíveis se não se ter em conta a lentidão da difusão das ideias e se não se tem em conta o contexto da época, tão incompreensíveis porque Aubry escreve isto em 1889 ora, em 1659 a então chamada " Propaganda Fide " e hoje chamada Congregação para a Propagação da Fé, escrevia, precisamente a propósito da China :

" Não ponham nenhum zelo, não avancem nenhum argumento para convencer esses povos a mudar os seus ritos os seus costumes, os seus hábitos, aos menos não sejam evidentemente contrários a religião e moral. O que é mais absurdo que transportar a França, a Espanha, a Itália ou outro país da Europa para entre os chineses ?" (19)

Seis séculos mais tarde será o papa Pio XII que vai retomar o mesmo tema e com o mesmo vigor na encíclica Evangelii precones :

" A Igreja nunca tratou com monosprezo ou desdém as doutrinas dos gentios... Ela não só não condenou absolutamente mas santificou, até certo ponto, os usos particulares dos povos e as suas instituições tradicionais." (20)

Pois bem, estas vozes muitas vezes soaram no deserto e o exemplo de Aubry prova-o, um exemplo entre muitíssimos outros.

Mas a exegese e a teologia bíblicas bem demonstram que os termos " pagão " e " infiel " são inaptos para designar os não baptizados e suas culturas, aliás, desde que se admita a revelação universal aqueles termos ficam abalados pela base.

(18) G. THILS, o. c., p. 42.  
(19) G. MOSMANS, L'Eglise à l'heure d'Afrique, Tournai, Casterman, 1961, p. 106.  
(20) PIE XII, Evangelii precones, 1951, éditions SAM, p.25.







" A Igreja, por mais presente que ela esteja em todos os seus órgãos hierarquizados, a missão não está terminada enquanto os convertidos do país não formarem uma comunidade eucarística e hierarquicamente organizados." (22)

Evangelii Nunciandi mostra uma evolução na compreensão da missão, pois, para ela, "evangelizar consiste em :

" Evangelizar é, para a Igreja, levar a Boa Nova em todos os meios da humanidade e, por seu impacto transformar por dentro..." (23)

O documento de Puebla é ainda mais preciso :

" No quadro desta totalidade, a evangelização procura atingir a raiz da cultura, a zona dos seus valores fundamentais, suscitando a conversão, uma conversão que possa ser a base e garantia da transformação das estruturas e do meio social." (24)

Se bem que estes textos não tenham a preocupação directa de definir o objectivo da missão, não é menos verdade que eles a definem indirectamente, pois, eles dão-nos uma compreensão da mesma, o que é importante para nós, pois, afinal o que conta numa definição é a compreensão do objecto a definir. Seguindo os textos citados nota-se uma progressão : o texto da Propaganda fide reflecte uma compreensão jurídica, um pouco exterior da missão. Na verdade, a institucionalidade não está esquecida ou posta em plano secundário mas, simplesmente, ela deve ser representada e incarnada pelo pessoal autóctone.

No texto da Evangelii Nunciandi este aspecto institucional já não está tão presente, ao menos nesta passagem, o mesmo acontecendo com o texto do documento de Puebla.

Entretanto, se o primeiro texto citado pode impressionar pela sua linguagem jurídica, os outros dois textos sublinham um outro aspecto que tem muitas repercussões na cultura e, da do o nosso assunto, tal aspecto sublinhado merece uma palavra da nossa parte. O aspecto sublinhado pelo texto da Evangelii Nunciandi e o do documento de Puebla é o da " transformação".

(22) A.-M. HENRY, Esquisse d'une théologie de la mission, Paris, Cerf, 1959, p. 151.  
(23) PAULO VI, Evangelii Nunciandi, n° 18.  
(24) CELAM, Puebla, n° 388.



É verdade que a evangelização pode ter como consequência a mudança do modo de vida de uma população mas, para nós isto deve permanecer uma hipótese embora deva estar presente no espírito do evangelizador. Deve estar presente não como uma finalidade mas como hipótese e muito menos como a primeira e a mais importante finalidade e isto porque :

1º Cada um de nós tem a sua imagem da Igreja, a sua imagem ou ideia da vida cristã perfeita, etc. Nesta perspectiva a experiência bem o demonstrou e o demonstra ainda quantas vezes um evangelizador pode 'massacrar' uma comunidade tentando inculcar-lhe a " sua " imagem do cristianismo, um cristianismo idealizado. E quantas vezes, no entanto, o próprio evangelizador tinha muito a mudar e a "transformar" a sua própria cultura, a sua concepção do cristianismo e da santidade, etc. ?!

2º A insistência em "transformar" mesmo pensando numa boa pedagogia e com boas intenções, tal termo é traumatizante porque facilmente torna-se um "slogan" reduzido ao verbo "transformar", deixando na sombra o resto do conteúdo. Eis um exemplo profano e banal dos efeitos do carácter reducionista dos slogans: um soldado português experimentou uma enorme confusão que o desorientou bastante porque ao desembarcar no porto de Maputo (Moçambique) e ao desfilar pelas ruas desta cidade viu uma tal quantidade de negros que constituía a maioria esmagadora da população. Ora, durante a aprendizagem militar (em Portugal) e sobretudo nas vésperas do embarque para Moçambique e durante a viagem, tanto lhes repetiram que: "basta ver um negro é preciso abrir fogo, sem exceções, pois, todo o negro é terrorista." Tantou se insistiu nisto que a frase tornou um slogan como este: "um negro, fogo" ou "negro=fogo". Mas chegado ao Maputo e vendo tantos negros que as suas balas não chegariam para tanto, viu-os bem vestidos e inofensivos e em plena cidade e a confusão para ele foi enorme, pois, ele interrogou-se se o slogan era ou não válido, o que lhe pareceu absurdo.

Não iremos nós agora seguir os detalhes desta historietta que nos permitimos de transcrever mas podemos formular uma pergunta : que teriam realmente ensinado àquele soldado ? Foi realmente como ele percebeu e conta ? Não duvidamos da barba-

... A Igreja por sua parte...  
... (22) ...  
... (23) ...  
... (24) ...



ridade ensinada aos soldados que partiam para o ultramar mas desconfiamos que o soldado tenha simplificado a lição. Muito provavelmente lhe foram dadas as circunstâncias em que o slogan era válido mas a lei do menor esforço e o traumatismo da repetição apagaram o resto para ficar apenas o verbo "disparar" ou "abrir fogo".

Quem é que duvida que isto não pode passar e não passa e não se passou com o evangelizador com o verbo "transformar"? Aborde-se um velho missionário... É por isso que não é muito raro encontrar missionários que são extremamente hostis a todas as teorias veiculadas nos estabelecimentos do ensino, sobretudo do seu país de origem e de toda a Europa ou Ocidente em geral. Eles aprenderam que é ir de mãos vazias junto dos e vangelizandos, isto é, sem teorias de qualquer espécie e lá tudo vai se formar e nascer; ora o verbo "transformar" pode ser uma dessas teorias.

Concluindo, diremos que estamos de acordo com as definições ou com a compreensão da missão que reflectem os textos citados e não propomos outras formulações, desde que se tenha em conta o que dissemos como observações.

Entretanto, tudo quanto acabamos de dizer levanta um outro problema não menos delicado : será que se pode falar na "conversão" ? Em que consistirá ? Trataremos deste assunto mais adiante. Por enquanto vejamos outro aspeito ou assunto já enunciado mais atrás.

6 - A DETERMINAÇÃO DO QUE É "BOM". Este assunto pode parecer banal e um jogo de palavras mas, para nós, trata-se de um problema sério e o facto de quase todos os manuais de missionologia o tratarem é uma prova da sua importância. Na abordagem, as opiniões divergem. Na verdade, para uns é o missionário quem pode determinar o que é "bom" e compatível com o Evangelho numa dada cultura; para outros, é o missionário com a colaboração dos evangelizandos; outros ainda sustentam que são só os evangelizandos. Vejamos cada uma destas hipóteses.



a) É SO O MISSIONÁRIO - Com o termo "missionário" queremos também designar todo o evangelizador, autoctone ou estrangeiro. Breve "missionário" aqui é sinónimo de "agente pastoral". Os defensores desta hipótese dizendo que pois só o evangelizador conhece o Evangelho, os critérios de discernimento e possui a maturidade cristã, a sua cultura é já "cristã". Por conseguinte, o evangelizador, sobretudo o missionário, só deveria "observar" e "informar-se" para depois deliberar se uma prática é ou não é boa e compatível com o Evangelho. É isto que aconteceu, regra geral, com os primeiros missionários. Mas que resultados podem ser obtidos com este método? Atrás citamos o exemplo de Aubry, a propósito da cultura chinesa. Citemos mais um outro exemplo que vem de Moçambique, da autoria de Junod. O exemplo é ainda interessante porque é um missionário que escreve as suas próprias observações sobre o terreno. É uma descrição em primeira mão, portanto:

"E, sobretudo, à tarde, cada uma das mulheres leva-lhe a panela que cozinhou especialmente para ele. É este, para a mulher, o maior dos seus deveres conjugais. Nenhuma faltará. Guidja, senhor de seis ou sete panelas de milho temperado com molho de amendoim, banqueteiase, sacia-se todos os dias - o que não é dizer pouco, porque o estômago do Negro tem capacidades inauditas. Torna-se corpulento, gordo, todo ele reluzindo de gordura, sinal certo de riqueza, de grandeza e de nobreza na África do Sul.

.....

Conclusão : a grandeza de um Africano é, acima de tudo, uma questão de panelas. E a questão de panelas está intimamente ligada à poligamia." (25)

Que dizer diante de uma tal descrição? Junod é um dos eminentes africanistas, tomado como um marco de referência dos etnólogos e o melhor etnólogo dos Tongas até ao momento. Pois bem, consulte-se-lhe sobre a vida e o ideal máximo de um homem adulto, casado entre os Tongas e ele responderá que é uma questão de "panelas e da poligamia". Enfim, se fossemos analisar o texto de Junod teríamos muitas observações a fazer mas não é esse o nosso objectivo aqui e agora, simplesmente

(25) A. JUNOD, o. c., t. 1, pp. 127-128.

(27) A. - S. HENRY, o. c., p. 212.



te citamo-lo para mostrar que o principio segundo o qual o missionario esta capacitado para observar, analisar e deliberar, conduz a resultados desastrosos, na maioria dos casos. De resto, a Historia demonstrou-o suficientemente com numerosissimos factos e a Propanda Fide teve de intervir em 1939 nestes termos :

" Varias vezes, esta Congregacao constatou que nas revistas e livros tratando de missoes, assim como em conferencias publicas, muitas vezes se pintam de tal maneira os costumes, a cultura, o caracter e a condicao dos povos a evangelizar que se tem a impressao de querer antes fazer sobressair os seus defeitos que as suas qualidades. Nao ha margem para duvida que isto nao se faca sem intencao malevola..." (26)

"Revistas e livros tratando de missoes". Quem e que editava tais livros e revistas? Quem fornecia elementos? Quem e que dava conferencias publicas? Certamente que muitos missionarios estavam egajados directa e indirectamente neste negocio. E bem triste mas e tambem um exemplo irrefutavel de como os proprios missionarios da vanguarda e da retaguarda fossem os primeiros a sabotarem a sua propria obra, consciente e inconscientemente. Para intervir desta maneira a Santa Se e porque a coisa passaria da medida.

Por outro lado poe-se a pergunta de saber como e que seria a Santa Se tao favoravel e aberta, ela que e a "estrutura" que se preocupa com a "pureza" e pela "defesa da ortodoxia" se os proprios missionarios, testemunhas directas e vivas da realidade que se vivia nesse mundo distante do qual a Santa Se so conhecia atraves de relatorios e fotografias? Nao sera vergonhoso que um "decano" que nunca saiu do Vaticano seja o primeiro a tomar a defesa de uns desconhecidos, para ele, mas porque apoiado num sao humanismo? Terminemos com a palavra do P. Henry :

" De igual modo, com toda a sua boa vontade, os missionarios nao inveterao em si mesmos uma cultura cristã africana, ou indiana ou chinesa, ou outra; a menos que tenham sido tao assimilados por estes paises - o que e raro, difficil e longo..." (27)

(26) "Instruction sur la prudence requise en traitant des choses missionnaires" na Nouvelle Revue Theologique, tome, 67, 1940 p. 330.

(27) A.- M. HENRY, o. c., p. 212.



Enfim, há outros autores mais radicais sobre este assunto, tais como Cosmans, o que é muito significativo por se tratar de um missionário.

Nós não negamos a competência de muitíssimos missionários, competência que muitas vezes supera a de um bom número de nativos, embora este fenómeno seja explicável. No entanto, a competência do missionário no campo cultural tem certos limites de profundidade e duas coisas importantes faltam a um estrangeiro : a experiência pessoal e a estrutura mental. Quando falamos em "experiência pessoal" queremos dizer algo mais do que "presenciar" factos.

b) MISSIONARIOS E AUTOCTONES - É o princípio largamente sustentado e o mais correntemente praticado na actualidade. Para nós, o problema reside mais na maneira como o missionário ou agente pastoral se situa no interior de um grupo assim constituído, na maneira de definir ou formar esse grupo e nos objectivos a perseguir. Luzbetak utiliza o termo "catalisador" para designar o missionário assim integrado, melhor diríamos "rodeado".(28) Ora, que significa realmente este termo ? Os termos em si pouco ou nada dizem, muitas vezes. Com efeito, neste caso, não raras vezes o grupo dos nativos abdica inconscientemente das suas responsabilidades e o missionário acaba por ser ele a "alma" do grupo e, então, os outros não fazem outra coisa senão para assinarem o papel, servindo de cobertura ao missionário que "sabe tudo", e este, impellido pelo natural zelo, acabará substituindo completa e paternalmente o grupo dos seus filhinhos que ainda nada sabem fazer... Isto pode-se passar na mais insuspeita inconsciência de ambas as partes e até na mais descarada manipulação.

Quanto ao grupo em si, há que saber os critérios que orientaram a sua escolha ou composição. Será questão de escolher os "leaders" ? Sendo assim o princípio não está livre de erros e ainda porque resta saber os critérios desta liderança. São aqueles que detêm o poder ? Os mais faladores ou desembaraçados ? Qual é a relação do referido grupo com a ba

(28) Cfr L. LUZBETAK, o. c., p. 259.

te diz-lo para mostrar que a principal razão...  
missionário está capacitado para usar, analisar e definir...  
car. condiz a realidade das coisas, as coisas das coisas...  
tudo, a história da humanidade e a história das culturas...  
alunos factos e a proposta para a vida de lá fora...  
tem sempre ; sempre ; sempre ;

"...Várias vezes, esta competência...  
várias e livros tratados de história, história...  
tendências políticas, muitas vezes as coisas da história...  
nação ou costumes, a cultura e a história...  
dos povos e a história que se faz a história...  
deparar antes de tudo a realidade...  
as suas qualidades. Não há mais nada...  
to não se faz nem inventa..."

"Revistas e livros tratados de história...  
tava esta história e revistas? Que história...  
é que dava conteúdos políticos? Certamente...  
atendidos estavam agitados directos e indirectamente...  
agido. E por trás das e também um exemplo...  
no os princípios missionários da verdade e da...  
sem as palavras e a história a sua própria...  
história..."

Por outro lado, há que saber os critérios...  
que se pratica com a "pureza" e a história...  
as os princípios missionários, testemunhas directas e...  
realidade que se vive nesse mundo distante de...  
de se conhece através de relações e fotografias...  
de verificação que se "fazem" das coisas...  
le o primeiro a tomar a decisão de...  
que porque aquilo que não humano? Testemunhas...  
ve de P. Henry ;

" De qual modo, com toda a sua...  
nítidos não se tornam em si mesmos...  
estruturas, ou linhas ou outros; a...  
tenham sido tão analisadas por...  
é raro, difícil e longo..."

(28) "Instrução sobre as condições...  
doenças missionárias" na...  
tudo, 17, 1940 p. 110...  
(27) A. - L. HENRY, o. c., p. 215.



...de um indivíduo.

...do que "preservar" a cultura.

(28) O principal problema...  
...de uma sociedade...

Quando se trata de cultura...

se ?

Qual é o objectivo que se tem em vista ? "Influenciar" ou "mudar" a cultura ? Face a estes objectivos, tão preconizados pela missionologia moderna, somos cépticos. Justificamo-nos: É verdade que a inovação ou a mudança cultural supõe que haja quem comece e tudo começa por um "desvio" à norma. Mas a cultura não é ou não devia ser um capricho da moda mas sim, como já vimos, o modo como um grupo humano responde às condições concretas, ambientais, físicas e humanas que lhe são impostas pelo contexto. Daqui conclui-se que são todos os elementos do grupo que são convidados a colaborar na formação e na evolução da cultura. Nesta tarefa e nestas condições não vemos bem a existência de um grupo de "produtores" e um outro de "consumidores"; a existência de "activos" e de "passivos"; de igual modo <sup>vemos</sup> não vemos bem que alguns se invistam ou que sejam investidos do título de "inovadores" da cultura. Com efeito, tal facto conduz ao profissionalismo e ao artificialismo e este, por sua vez, conduz ao absurdo e à alinação cultural, etc. Para melhor ilustrarmos o nosso pensamento tomemos um exemplo da moda no vestuário : Os grandes costureiros consideram-se como os responsáveis da moda diante da sociedade, isto é, responsáveis da criação e da evolução da maneira de se vestir. Mas num dia em que a imaginação e a criatividade estejam esgotadas ou porque a 'temperatura' da moral está baixa, os 'responsáveis' da moda vão propor não importa o quê e como o resto da sociedade é só consumidor, entregue aos caprichos dos "especialistas" que 'sabem' tudo, nada mais terá a fazer senão aceitar e suportar a "receita".

Por conseguinte, o equilíbrio e a sanidade da cultura resistem ao artificialismo seja qual for o seu pretexto. A cultura não é "programável" e não se fabrica em laboratórios mas é na busca de soluções de problemas concretos, existenciais que se forma e se faz evoluir uma cultura; uma busca sincera, desapaixonada mas permanente. Só assim a cultura reflectirá realmente a personalidade daqueles que a formaram e só assim ela será sólida, em vez de ser uma cultura de ocasião, caduca, fugaz. A cultura, vista desta maneira, aparece antes co



mo o resultado indirecto da busca de respostas aos problemas existenciais de uma sociedade da qual ela é a imagem colectiva. Assim, nós resistimos ao principio dos "inovadores culturais" e,consequentemente,à formação de grupos especializados na formação e na mudança cultural. Aliás,outro inconveniente de uma cultura forjada por um grupo é a formação de um gueto cultural,pois,o resto da sociedade pode recusar um certo comportamento proposto por um grupo minoritário.

c) OS AUTOCTONES - Será que os autoctones dos "países de hoje,oriental ou missão",isto é,não europeus,são capazes de exprimir à sua maneira,a Mensagem cristã ? Sobre este assunto há um cepticismo quase generalizado mesmo nos espiritos mais liberais não só entre os ocidentais mas,paradoxalmente,mesmo entre os próprios autóctones. Tomando um exemplo de um ocidental,eis o que diz Luzbetak,que é um desses optimistas e liberais :

" Entre os problemas que hoje preocupam as missões poucos são tão graves que o problema do sincretismo.

.....  
Os negros das Canárias identificaram muitas das suas divindades aos santos católicos ou as suas representações,as suas imagens,as suas estátuas.

.....  
A virgem Maria,geralmente pintada com as vestes reais,foi identificada a Erzúlia,uma deusa da água que tem a mão estendida sobre todas as riquezas."(29)

Enfim,tenha-se presente a fobia de muitos "bons" cristãos sobretudo da ala intelectual,face à religiosidade popular ... Para responder ao problema do sincretismo é preciso não perder de vista a História do cristianismo desde da sua origem : o que é que se passou quando o cristianismo chegou aos judeus da diáspora, aos gregos,aos romanos e a todo o mundo ocidental ? Quando a festa do Natal foi fixada no dia 25 de Dezembro,substituindo a festa do deus Sol será que os cristãos ocidentais de então viam bem a diferença entre o Menino Jesus e o deus Sol ? Onde é que a igreja foi inventar as vestes que enfiou sobre os bispos,padres,etc. ? Não<sup>São</sup>vas vestes a-

(30) Cf. J. DOUBNET, *Les origines du christianisme*, Paris, L'Arche, 1963, p. 196.

(29) L. LUZBETAK, o. c., pp. 260-261.



benoçadas pelos tribunos, senadores e imperadores romanos? Em relação ao texto que acabamos de citar, é caso para perguntar a Luzbetak quem é que disse aos ocidentais ou aos orientais para vestirem a Virgem Maria com as vestes reais. É assim que se vestia a pobre de Nazaré? Não continuemos mais, senão acabamos restituindo tudo aos donos e as Igrejas ocidental e oriental ficariam vazias e nuas, tanto no plano material como no plano intelectual, espiritual (objectos do culto, simbologia, representações mantais, etc.). Tudo isto não é sincretismo ou não passou por um período de sincretismo? No entanto, um cristão de hoje, oriental ou ocidental, não pensam nas divindades "pagãs" e nos ídolos sobre os quais repousa a sua fé. Ora, se os orientais e os ocidentais foram capazes de viver o seu sincretismo e de o ultrapassar, com a ajuda do tempo, como é que os africanos, os asiáticos, etc., não terão também o direito de viver o seu sincretismo e como é que eles não serão também capazes de ultrapassá-lo?

Como Jacques Dournes, nós consideramos que o sincretismo é um mal necessário porque sinal de uma transição, de uma caminhada consciente e segura da qual a fé em Cristo só tem a aproveitar em todos os sentidos (30). Portanto, diremos que é indispensável que cada indivíduo convertido ou a converter viva o seu sincretismo, que um povo convertido viva o seu sincretismo.

Assinalamos também que o medo do sincretismo manifestado pelos ocidentais é, em parte, um sinal da falta de confiança aos povos evangelizados e deve ser ocasião para eles se interrogarem sobre a sua acção evangelizadora. Sobre estes dois aspectos o P. Henry diz, citando literalmente Houang:

" Não tendo sido capazes de atingir os letrados chineses, eles contentaram-se por endoutrinar os paisanos, sem ver que se os chineses tivessem sido verdadeiramente tocados pelo cristianismo, eles mesmos teriam forjado uma língua e um pensamento não só susceptíveis de enunciar o cristianismo, mas ainda de o exprimir." (31)

(30) Cfr J. DOURNES, *Dieu aime les païens*. Paris, Montaigne 1963, p

(31) A. - M. HENRY, o. c., p. 215.



O que se diz aqui a propósito dos chineses pode ser dito em relação a todos os povos supostos "pagãos", africanos, indíanos, etc.

Concluiremos dizendo que os evangelizados são muito bem capazes, sem manipulações de qualquer espécie, de exprimir e dizer o Evangelho à sua maneira; eles são capazes de determinar o que é "bom" na sua própria cultura. É preciso que o evangelizador faça um exercício de confiança neste domínio. Negar aos evangelizados esta capacidade é duvidar da sua sinceridade e, sobretudo, é negar-lhes o bom senso. Mas se há falta de sinceridade da parte deles, é caso para se perguntar o porquê. Maldade ontológica? Se sim, o evangelizador só tem duas hipóteses: ou repetir perpetuamente a oração do antigo missionário das regiões do Zambeze, o P. Meynharth:

"Nós lamentamos todos os pecados pelos quais a vossa divina Majestade tem sido ofendida por estes povos e seus antepassados, a partir daqueles do infeliz Cham (pretendido ascendente dos negros) até aos nossos dias." (32)

Ou, a segunda hipótese, talvez seja melhor que o evangelizador mude de profissão, em vez de estar perdendo o seu tempo e saúde.

7 - CRITÉRIOS DO DISCERNIMENTO. Até aqui temos feito considerações sobre os elementos exteriores do discernimento, ou seja, as condições exteriores exigidas pelo acto de discernimento e vimos quão importantes e complexos eles são. Continuando a nossa 'escavação', vamos tentar agora precisar o critério último que entra no discernimento e que é já o próprio discernimento para determinar o que é "bom" e compatível com o Evangelho. Qual é esse critério? É a própria cultura? É o próprio cristianismo, isto é o Evangelho ou uma outra filosofia?

Face a estas perguntas, que não fazem senão uma só pergunta, a resposta parece fácil e imediata, à primeira vista, pois,

(32) P. CHARLES, "Les noirs, fils de Cham le maudit", citando Meynharth: Amende honorable au Sacré Coeur de Jésus pour les negres de l'Afrique. na Nouvelle Revue Théologique, Tomc 55, 1929, pp. 721-739.



bastaria dizer que o critério é o Evangelho. No entanto esta resposta não é senão o começo de uma resposta mais longa, a mais verídica e completa. Com efeito, depois daquela resposta imediata, falta precisar o que é o Evangelho. É que nós vemos quantas vezes o Evangelho é confundido com uma determinada cultura. Será o Evangelho tal como ele é posto em prática no Ocidente? Mas os ocidentais tiveram que assimilá-lo para depois exprimi-lo em actos concretos e culturais, melhor ou pior. Será o Evangelho tal como o viveu a comunidade judeo-cristã? Mas mesmo lá nesse contexto e época as coisas não se desenrolaram tão monoliticamente como se poderá imaginar: veja-se e tenha-se em conta o Evangelho vivido por um cristão judaizante e um cristão da diáspora. Enfim, falar de Evangelho exige uma reflexão sobre o mesmo. E o que vamos tentar fazer, embora de uma maneira muitíssimo breve, apenas para nos sensibilizarmos sobre a questão.

a) A SAGRADA ESCRITURA - O que é que a exige nos ensina a propósito da Bíblia? Scharbert diz-nos :

" Judeus e cristãos sempre tiveram a consciência de que a Bíblia consistia em livros escritos por homens como qualquer obra literária. Regra geral os hagiógrafos trabalhavam de tal maneira que nem sabiam estarem sob a moção do Espírito Santo. Por exemplo, quando Paulo escreveu a Timóteo pedindo-lhe que viesse a Roma e trouxesse os livros, apetrechos de escrivão e o manto perdido em Tróade (2 Tm, 4, 13), certamente não se exprimia movido pelo Espírito Santo. (33)

Eis uma informação pertinente, susceptível de pôr em crise a nossa fé. Mas se esta declaração é capaz de nos mergulhar numa crise de fé nas Escrituras isso tem alguma coisa a ver com os fundamentos, com os alicerces da nossa fé e é caso para nos pormos as seguintes perguntas: em que terreno ela lança as suas raízes? O que pensamos que seja a inspiração divina? Não é questão de fazermos uma dissertação sobre a inspiração divina. No entanto, sem irmos assim tão longe, podemos tirar a seguinte conclusão da declaração de Scharbert,

(33) J. SCHARBERT, O Mundo da Bíblia, Petrópolis, Vozes, 1965. p. 127.



que é a opinião generalizada de todos os exegetas, teólogos e de toda a Igreja em geral : os autores bíblicos escreveram como homens conscientes e estavam motivados por problemas reais e concretos, existenciais. As suas obras tinham destinatários bem determinados. Isto é mais evidente nos livros do Novo Testamento :

" O Evangelho de Mateus foi escrito para comunidades de origem judaica porque a crítica interna desse Evangelho demonstra o colorido hebraizante e palestinese. "(34)

Lucas declara ele mesmo quem é o destinatário do seu Evangelho, logo no primeiro capítulo, assim como o dos Actos dos Apóstolos. E que dizer das cartas ? Veja-se a Carta aos Hebreus, aos Filipenses, etc. Portanto, os livros bíblicos são dirigidos "a"; não são um produto de consumo posto ao acaso no 'mercado' para quem quiser. Eles "visam" alguém por "alguma" coisa .

Abordando problemas concretos de todo o genero (morais, políticos, religiosos, etc.) os autores faziam apelo às suas convicções religiosas e era em nome destas convicções que eles interpelavam os seus compatriotas e contemporâneos, que partilhavam as mesmas convicções, também.

b) A NECESSIDADE DE INTERPRETAR AS ESCRITURAS - Se os livros bíblicos são livros situados, dirigidos "a" por caude "de", que terão eles a dizer-nos a nós, hoje e na nossa vida ?

Em primeiro lugar eles têm alguma coisa a dizer-nos porque partilhamos as mesmas convicções e crenças que os homens de então, grosso modo. Em segundo lugar diremos que eles têm alguma coisa a dizer-nos porque nós somos solidários com os homens de então, destinatários primeiros, queiramos ou não, directa ou indirectamente : o nosso destino é semelhante ao deles; pisamos a mesma terra que ele pisaram; usufruimos o património cultural, artístico que eles nos deixaram como heran

(34) J. NEVES, Jesus de Nazaré, quem és tu ? Braga, editoria franciscana, 1980. p. 43.



ça. Breve, a nossa existência comporta elementos e problemas semelhantes aos que impregnavam a existência deles de tal maneira que o mundo e a sua história parecem estar num movimento de eterno retorno.

Por tudo isto, é do nosso próprio interesse o sabermos qual é o conteúdo daqueles livros. Simplesmente, pegando neles é preciso que tenhamos consciência de que nós não somos os primeiros destinatários, no tempo, e, portanto, que nós somos destinatários indirectos. Peguemos neles para ver o que é que eles dizem e até que ponto a sua mensagem ilumina a nossa existência em todas as dimensões. É o que fizeram já os primeiros cristão :

" Tal como os judeus, faziam a leitura da TANAK e comentavam as Escrituras. Neste contexto e ambiente surgiram necessariamente atritos entre judeus e judeo-cristãos sobre a interpretação das Escrituras quando estes últimos os aplicavam ao acontecimento de Jesus." (35)

Os primeiros cristão já "interpretavam". O tempo passara e novas experiências da Fé tinham sido vividas e a mensagem das Escrituras exigia uma releitura, pois, o que viviam estes primeiros cristãos não era em vão, o "acontecimento" de Jesus tinha um sentido, que não era totalmente o mesmo sentido que antes de Jesus.

c) DISCERNIMENTO E RELEITURA DAS ESCRITURAS - Que ensinamentos nos dão os exemplos como os que acabamos de citar ? Diremos, em forma de conclusão, que o discernimento não consiste só em remexer e questionar a cultura de um povo, para que esta forneça "sinais de abertura" e positivos face ao Evangelho e para que ela se "converta". Não consiste em procurar elementos "positivos" e "compatíveis" com a vida "cristã". O discernimento não é um movimento unilateral, unívoco mas biunívoco. Ele incide sobre o próprio Evangelho, pois, como já vimos, Ele tem sido frequentemente confundido com as culturas a onde Ele che-

(35) J. NEVES, o. c., p.23.



gou, especialmente com a cultura ocidental, sob o pretexto da unidade eclesial, da universalidade, por exemplo. Por isso, é preciso interrogar ao Evangelho donde é que Ele veio e por onde Ele passou, porque há falsos evangelhos; é preciso interrogar-Lhe sobre o que Ele quer dizer, porque muito disseram em seu nome o que Ele jamais quis dizer; é preciso perguntar-Lhe sobre o seu portador, porque muitos portadores apresentaram-se no lugar do Evangelho, usurpando-Lhe o lugar e o nome; é preciso perguntar-lhe se o que Ele diz numa linguagem "bárbara" não poderá ser dito numa outra língua: ronga, xitswa, swahile, xisena, etc., por exemplo. Enfim, é preciso que o Evangelho também se "converta", para tomar um rosto humano, sobretudo o rosto do Homem africano, neste caso.

Mas para que assim seja, é preciso que o africano se conheça a si mesmo, a sua própria linguagem, a sua própria História e a sua realidade do presente, doutra forma como é que ele vai "ensinar" ao Evangelho o que ele próprio ignora? É preciso que o africano saia da sua timidez e mutismo e que ele abra os olhos e a boca para ler o Evangelho numa linguagem que é a sua, na sua simbologia e expressão. Será assim fazendo que o africano poderá elaborar uma teologia que lhe seja própria, como o Ocidente e o Oriente elaboraram e estão aperçoando continuamente a sua própria teologia. Mais adiante voltaremos ao assunto.

Dentro desta linha que temos vindo falando Jean-Marc Ela escrevia, em 1977, um artigo intitulado: "O direito à diferença ou a questão de fundo das Igrejas locais da Africa Negra." (36). Neste artigo, o autor denuncia vigorosamente o constrangimento sobre o qual se encontram submetidas as Igrejas africanas a pretexto da "comunhão universal". Dentro desta linha gostaríamos dizer um pouco mais dizendo que mais do que um direito é uma OBRIGAÇÃO de se ser diferente em nome

(36) Cfr J.- M. ELA, "Le droit à la difference ou l'enjeu actuel des Eglises de l'Afrique Noire em Civilisation noire et Eglise catholique, Paris, Présence Africaine, 1978. pp. 204-217.



e para o bem da própria catolicidade, como o afirma a teologia actual :

" A catolicidade faz necessariamente referência a esta única verdade divina que, graças à inserção da Igreja na diversidade de culturas, brilha de maneiras diferentes, sendo una." (37)

Sem diferenças é absurdo falar-se na unidade. Mas para que a diferença seja sólida é preciso que ela se construa e se confronte com as Escrituras, o que implica a releitura e interpretação das mesmas. Tudo isto exige um engajamento dos interessados e supõe liberdade para o fazer, liberdade reclamada pelo mesmo Jean-Marc Ela quando disse :

" Em vez de condenar as comunidades locais a repetir o passado, era preciso ensinar-lhes a ter confiança na sua própria capacidade de iniciativa criadora." (38)

8 - A CONVERSÃO : EM QUE CONSISTE ? Ao longo da nossa reflexão várias vezes veio à superfície a questão da "conversão" e nós prometemos uma palavra sobre o assunto. Esta palavra consiste, antes tudo em fazer lembrar todas as posições que nós tomamos a propósito de outros temas já tratados. Tais posições se não são respostas claras e directas à questão da "conversão" elas são, ao menos, um esboço que indica a direcção para onde tendemos e a qui não faremos outra coisa senão explicitar.

Logo à partida deve-se sublinhar a antiguidade, a extensão e a complexidade deste assunto e, por isso, a nossa resposta ou a nossa palavra será modesta e conforme à nossa medida, na verdade, há toda uma teologia que se pode desenvolver, uma teologia da conversão.

(37) J. LACHAGA, Eglise Particulière e minorités ethniques Paris, Centurion, 1978. p. 63.

Cfr L. BOFF, Eglise en genèse, Paris, Disclée, 1978. pp. 41-45.

(38) J.-M. ELA, Le cri de l'homme africain, Paris, l'Harmattan, 1980. p. 132.

(38) J.-M. ELA, Le cri de l'homme africain, Paris, l'Harmattan, 1980. p. 132.



Quando se trata das questões da inculturação e do ecumenismo, não faltam bons missionários que se sentem preocupados e muitos bons cristãos ficam desorientados e isto para não falar dos integristas imovíveis (padres e leigos, missionários e autoctones). Uns vêem as fronteiras a apagarem-se e a ficarem difusas e não conseguem referenciar-se ou situar-se, não vêem a diferença entre "nós" e os "outros"; outros ficam furiosos porque não vêem outra coisa senão uma confusão diabólica. É verdade que, felizmente, tais "inquiéticos" não significam hoje senão uma minoria e a maioria já não fica assustada diante de termos de "inculturação", "adaptação", "ecumenismo", etc. No entanto o medo ou as reservas dessa "minoria" não devem ser desprezadas, elas são uma interpelação para uma reflexão mais aprofundada sobre a questão e para não julgar que já está tudo adquirido... Haverá razão para um tal receio?

Se se admite que Deus está presente em todas as religiões e culturas, se se admite que a revelação divina é possível "fora da religião cristã" (no sentido largo do termo), tais afirmações não minam pela base a obra da evangelização, isto é, não é negar a própria evangelização?

Estamos persuadidos de que o maior peso da questão recai sobre o termo "conversão" e ao conceito a ele subjacente, conceito que é uma cristalização de toda uma quantidade de muitas outras concepções. É por que a resposta à questão não pode ser dada de imediato, sem ter em consideração dos outros assuntos que gravitam à volta. Há, pois, necessidade de uma esplanção prévia, desenvolvida e aprofundada, o que não podemos nós aqui fazer e contentar-nos-emos em traçar aquilo que nós consideramos como linhas gerais da questão.

Para responder à questão sobre a conversão é preciso responder, primeiro, a perguntas como estas: Quem é que precisa de se converter e em relação a quê? O que é preciso para se ser salvo e quais as "vias" que conduzem à salvação? Em que consiste a "conversão" e o que quer dizer "mudança" de vida? a lista de perguntas pode ser continuada...

(39) J. DOURNÉE, o. s. a., pp. 30-31.



A resposta à questão da conversão aparecerá como uma conclusão lógica das respostas às perguntas que acabamos de formular agora, pois, tais respostas ditam e influenciam decisivamente a praxis que se vai seguir depois delas. Quando a evangelização se transforma numa cruzada para a "conquista" das almas é porque está-se convencido de que há só uma "via" para a salvação. Mas que significa "via" ? Igreja ou Cristo ? Com efeito, as duas coisas não se confundem uma com a outra. Confundindo-as é assim que a missão se pode transformar numa guerra santa, por exemplo. Com efeito, a partir daí todos os meios são válidos desde que a intenção é boa e como a intenção consiste em salvar as almas pode-se matar o corpo, desde que o objectivo seja para 'salvar' a alma...

Se a conversão consiste na "mudança" de vida, as culturas dos povos podem estar ameaçadas e o ecumenismo transformar-se numa "caça" mútua dos crentes das diferentes religiões : o católico "caçará" o muçulmano ou o protestante e vice-versa e, assim, cada um entrincheira na "sua" religião procurando surpreender o "adversário" nos seus pontos fracos, da sua falsa religião. Uma autêntica guerrilha.

A História da evangelização é tecida de milhares e milhares de exemplos de todo o tipo, uns felizes e outros infelizes. Eis um deles, que não resistimos à sua citação :

"O tambor é um dos móveis principais da casa jörai, é um objecto consagrado pelo seu uso estritamente ritual. Ele anuncia um acontecimento, convida a se reunir, acompanha a música e a dança e acompanha o homem até ao túmulo. Como chamar os catecúmenos a se reunir para a instrução ? Eu proponho aos catecúmenos a utilização do tambor da casa onde nos reunimos : O olhar deles fecha-se, o silêncio deles é uma resposta. Em seguida eles explicam. " Não é preciso mandar-nos tocar o tambor, isso recordar-nos - ia os sacrifícios e o tempo já lá vai."

.....  
Eu pedi, por isso, que os catecúmenos tocassem o tambor como teste da sua fé. As primeiras vezes, isto foi muito tímido, como que lamentando. A 17 de Setembro de 1959, os tambores de Piöi-Pa tocam o Angelus, primeiro na casa onde era a reunião, depois em cada casa dos que vêm à instrução; os tambores espalham-se em todas as aldeias. Agora é uma tradição." (39)

(39) J. DOURNES, o. c., pp. 98-99.



O texto que acabamos de citar alimentaria muitas e longas reflexões e meditações. Na verdade, ele levanta muitas interrogações : Que competência tinha o missionário para insistir se os próprios autóctones estavam contra, eles que, melhor do que ninguém, conheciam o significado do tambor ? Vê-se em que sentido se orientou a sua insistência ? É anormal...

É questão para se perguntar até que ponto os evangelizandos podem "renunciar" sinceramente os elementos da sua própria cultura. É questão para se perguntar sobre quão se pode basear uma tal renúncia e por quanto tempo ela pode durar. Na verdade, o exemplo que acabamos de ver testemunha que a "renúncia" pode ser irreflectida, fruto de um cristianismo idealizado e do entusiasmo inicial que, geralmente, pouco dura, por que irrealista e desincarnado.

Se fosse um outro missionário ou qualquer outro agente pastoral menos vigilante, obcecado pela "mudança" e pela "conversão", a primeira coisa que ele faria numa circunstância como a que relata o nosso texto seria ficar como vivo perante o facto e este figuraria numa boa revista missionária ou europeia, para 'canonizar' a gentinha tão 'santa' e 'sincera' e seria uma bela proeza de evangelização para um tal missionário ou agente pastoral. Sim, sim. Mas volvidos os anos o mesmo missionário se queixaria da "inconstância" da sua gente... O que estamos dizendo é um facto que constitui a realidade actual e quotidiana, palpável em "terras de missão" e que a literatura dos últimos anos tem feito largamente eco qual de sencanto de muitos missionários e agentes pastorais locais outrora eufóricos (40)

Nós estamos persuadidos de que a conversão é, antes de tudo, fazer de Deus o Centro ou um dos centros principais de referência de toda uma existência pessoal de tal maneira que De

(40) Cfr S. SEMPORA, "Les Églises d'Afrique entre leur passé et leur avenir." na Concilium, nº 126 1977. pp. 11-24.



us possa impregnar esta existência, profundamente e em todas as dimensões. O resto é uma consequência e uma hipótese. Com efeito, se o Homem fôr verdadeiramente tocado por Deus tudo é possível e a "mudança" de vida será qualquer coisa que virá do interior e a religião será uma forma de expressão daquilo que se vive interiormente e não um fim em si, capaz de fanatizar um indivíduo que a pratica.

O evangelizador terá de jogar muitas vezes o papel de moderador, pois, o convertido tende sempre a queimar as etapas. Infelizmente, a maioria dos evangelizadores peca por omissão neste aspecto e, pelo contrário, são eles os primeiros a exigir "renúncias". Lembre-se o ritual do Baptismo, sobretudo de há poucos anos atrás. Mas, os resultados estão aí à vista: Conversões em massa. Muitas destas conversões, senão mesmo todas elas, são sinceras à partida. No entanto, a intemperança, a imprudência e a precipitação, próprias de um recém-convertido, fizeram delas presas do esgotamento e do desamparo no meio das 'acrobacias' imprudentes e alienantes de toda a espécie mas, sobretudo, no plano cultural.

A evangelização, em vez de ser um "desbravamento das trevas", uma libertação de uns desgraçados 'inriéis', prisioneiros do 'erro', ela deve ou deveria ser um diálogo num mundo pluralista, onde a verdade se encontra espalhada. Segundo esta visão, a conversão aparece como uma tomada de consciência por parte do homem convertido da sua própria situação concreta e em todas as dimensões.

Por outro lado, todos nós somos chamados a uma conversão permanente e o apelo a esta conversão vem-nos de todos os lados : quantas vezes não se ouve dizer : "encontrei um 'pagão' que me fez pensar..." ou, encontrei um protestante, um muçulmano, etc. que falou de tal maneira, ou vice-versa em relação ao católico ?

Concluindo diremos que, para nós, o problema da relação entre a fé em Jesus Cristo e a Cultura é decisivo, complexo, implicando também uma reflexão complexa cultural e teológica -

(10) Cfr. S. KENNEDY, "Les Églises d'Afrique noire", Paris, 1977, pp. 11-12.



mente e dela depende a solidez da Fé. Infelizmente esta reflexão tem sido bastante negligenciada no contexto não ocidental e tem-se falado facilmente da "renúncia", entendendo-se por aí o desenraizamento cultural e isto tem tido consequências bastante negativas, expressas pela 'incontância' na fé, se não mesmo pela rejeição aberta à Fé cristã, pois, esta aparece como implicando a renúncia da identidade cultural do crente africano, por exemplo.

Para que uma conversão seja autêntica é preciso que o indivíduo saiba o que é que renuncia e, para isso, é preciso que o implicado entre em si mesmo, como indivíduo situado culturalmente, para se dar conta do que constitui a sua personalidade mais profunda, onde repousa o seu próprio ser e que não pode ser alienado. Este extracto profundo nunca pode estar em alternativa com a Fé e se ele fôr alienado inconscientemente, no dia em que o indivíduo se der conta deixará cair a 'fé' para retomar a sua personalidade. Mesmo se este extracto cultural comporta aspectos negativos em todos os sentidos, é preciso que o indivíduo diga, conscientemente ADEUS aos seus ídolos, antes de empreender a grande VIAGEM da Fé, pois, se esse "adeus" não fôr pronunciado conscientemente, o "remorso" persistirá e toda a caminhada da Fé estará comprometida, salvo se houver um milagre.



No Cristianismo o cordeiro é um animal cheio de simbolismo, herança da antiguidade oriental. ...Para os Vandawu este animal é tão sagrado que nem se come.

na posse imprecisa das palavras, pronunciadas e em... as dimensões. O texto é um documento e um... efeito, as o házet for verdadeiramente... possível e a "renúncia" de vive não... de interior e a religião não... que se vive interiormente e não... rar os indivíduos que a praticam.

O evangelizador tem de jogar muitas vezes a... deador, pois, a conversão não... anfitrião, a maioria dos evangelizadores... neste aspecto e, pelo contrário, não... "renúncia". Porém, no ritual de... há poucas anos atrás. Mas, a... versões em massa. Muitas destas... elas, não nasceu à partida, no... prudência e a precisão, porém... fizeram delas, pressões do... há "renúncia", porém, a... nas, sobretudo de planeamento.

A evangelização, em vez de ser... "renúncia" de um indivíduo, porém... os do "adeus", ela deve... pluralista, onde a verdade se... ta visão, e conversão... por parte de quem converte... creta e as todas as dimensões.

Por outro lado, todas as... permanente e o espírito... dos: quantas vezes não se... que se faz pensar... no, etc., que falou de... católicos?

Concluindo, talvez... trar a fé em Jesus Cristo e a... quando também uma religião...



### CAPITULO 10

#### URGENCIAS PASTORAIS PARA HOJE

Quando alguém lê ou escuta reflexões como as que acabamos de fazer e sobre um assunto tão candente como é o da inculturação, impellido pela necessidade de agir, fatalmente diz: E agora, como agir na prática? Os problemas estão aí e exigem uma atitude e uma resposta urgente e pronta, não se pode esperar que a ciência faça o seu caminho para poder fornecer soluções perfeitas e ideais, pois, senão nunca se faria nada...

Sim, criticar é fácil e qualquer um pode fazê-lo mas fazer o contrário daquilo que se critica, isto é, fazer bem e melhor, não é para todos. Por isso, neste capítulo vamos tentar encarar esta questão da práxis, isto é, da prática pastoral a curto prazo. Trata-se de propostas de atitudes pastorais imediatas face aos problemas quotidianos da inculturação. Entretanto, não prometemos nenhuma casuística nem receitas de qualquer tipo, tal está fora dos nossos propósitos. O que propomos aqui são princípios que têm o valor de pistas de acção, princípios que são fruto da maneira como nós vemos e nos apercebemos do assunto. Breve, as nossas propostas são o fruto de uma visão.

1 - E AGORA, COMO AGIR? Aqui está a pergunta típica de quem acorda do sono das reflexões, que não só não trouxeram nenhuma receita ou solução prática e concreta aos problemas mas, pelo contrário, sublinharam ou mesmo dramatizaram as dificuldades: "...as coisas são mais complexas do que aparecem à primeira vista...", dizem muitas vezes os especialistas. Se bem que esta expressão e outras do mesmo tipo sejam necessárias para advertir os ingé-



nuos, elas são também sinistras e desencorajadoras, lançando o ouvinte num pesadelo e no embaraço. Mas vejamos a questão mais de perto, para ver o que ela tem de justo e certo e quanto ela é expressão de uma pedagogia pastoral que hoje merece reparos não menos importantes e serios.

Quando um individuo formula semelhante pergunta, às vezes pode isso significar que ele está convencido de que é ele, como agente pastoral, quem 'deve' fornecer respostas aos problemas das "suas ovelhas", daí a angústia quando ele não vê claro. Mas a pedagogia moderna e a experiência pastoral mostraram suficientemente a ineficácia ou, ao menos, a fragilidade deste princípio e o princípio consiste em ver o agente pastoral como alguém que sabe tudo. Mas a novidade que a pedagogia e a experiência testemunham consiste em afirmar precisamente o contrário. Na verdade, não é o agente pastoral, qualquer que seja a sua categoria, quem "deve" arranjar soluções para os diversos problemas e casos que afectam os crentes e isto tanto no plano individual como comunitário. Tocamos aqui um problema do acompanhamento pastoral muito importante. Infelizmente não podemos explaná-lo suficientemente como merece, dada a sua extensão e o seu caracter. No entanto, temos um espaço que nos permite dizer que o agente pastoral (catequista, padre, etc.) apenas pode AJUDAR a alguém ou a uma comunidade cristã a encontrar a solução para este ou para aquele problema. De resto, o individuo ou grupo de individuos implicado no problema permanece sendo ele o primeiro responsável de si mesmo. Isto é uma novidade; na verdade, não se pensava desta maneira há algum tempo para cá e os cristãos interiorizaram esta convicção e maneira de conceber as coisas de tal maneira que quando vão "consultar" um agente pastoral esperam deste uma resposta e uma resposta "clara": um sim ou um não. Assim, procura-se uma receita já feita, esquecendo-se, muitas vezes, que um problema está sempre em conexão com todo um mundo de coisas e questões que só o individuo implicado pode dizer a última palavra.



É a maturidade e a responsabilidade que estão em causa e duas alternativas são possíveis : ou o agente pastoral permanece um eterno substituto dos outros, contribuindo para a preguiça dos seus " protegidos ", mas privando-lhes de poderem gozar da felicidade de serem maduros e adultos na vida. Eles permanecerão, então, na imaturidade, na dependência, na infância, não sendo capazes de tomar uma decisão a respeito de si mesmos. Ou, então, o indivíduo aceita de tomar a responsabilidade de si mesmo, aprendendo a correr o risco e renunciar à possibilidade de encontrar fora de si mesmo os responsáveis dos seus próprios fracassos ou êxitos.

Não estamos contra o aconselhamento ou acompanhamento pastoral, esperamos que nos entendam bem neste ponto. Simplesmente nós queremos dizer que, no aconselhamento pastoral, os papéis não sejam invertidos, que cada um saiba o que aí procura. Portanto, o que nós pomos em causa é uma certa forma de aconselhamento ou acompanhamento, gerador da dependência, imaturidade e de irresponsabilidade, para não dizer, também, do medo do risco que a maturidade comporta, etc. Somos contrários a este tipo de acompanhamento porque os indivíduos que vivem sob este clima não são os principais autores das decisões vitais que afectam a sua própria vida mas sim "executores". Mais do que decisões, ao agente pastoral, só se lhe pede uma visão de conjunto, das implicações que um problema pode ter e pede-se-lhe para "partilhar" o problema ou a solução em perspectiva, segundo a iniciativa do implicado. Breve, ao agente pastoral pede-se-lhe a "opinião" e o "estar com".

Encarando as coisas segundo este princípio que acabamos de esboçar, uma boa parte da angústia que muitas vezes assalta o agente pastoral desaparecerá.

O princípio esboçado é válido para todo o tipo de problemas mas nos da inculturação o princípio é, segundo a nossa maneira de ver, ainda mais importante, sobretudo para quem não conhece uma determinada cultura.



É a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...

...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...

...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...  
...a autoridade a ser questionada e a ser desafiada...

2 - O AGENTE PASTORAL. Não obstante tudo quanto temos di-  
gido "claras", universalmente até aqui, a pergunta formulada  
pelo agente pastoral permanece e sempre se faz ouvir e muito  
justamente : E agora, como agir ? Esta insistência é justa e  
compreensível, pois, também é necessária a competência do agen-  
te apstoral, constatemente interpelado, directa ou indirecta -  
mente : os casos da 'feitigaria' estão aí, circulando em noti-  
cias da aldeia ou outro meio social; as pessoas vêm ter com  
o agente pastoral, alarmadas ou escrupulosos, para "saber se...";  
na própria comunidade cristã os "casos" não faltam e toda a  
gente olha o agente pastoral como o responsável da comunida-  
de, aquele que 'possui' uma visão mais esclarecida das coisas,  
mesmo se a comunidade deve engajar-se decididamente na condu-  
ção da sua própria vida e a de cada um dos seus membros. Que  
atitude deve, então, tomar o agente pastoral ?

O problema é agravado pelo facto de a Igreja, no passado,  
ter usado um discurso moralizador e, na maioria das vezes, con-  
denatório, puritano e mesmo repressivo em relação às práticas  
culturais tradicionais tais como a religião tradicional. Es-  
te tipo de discurso traumatizou e culpabilizou as pessoas e,  
por isso, elas vão perguntar à "Mestra" da verdade se esta ou  
aquela prática é ou não é boa e compatível com a "vida" cris-  
tã ou, então, fazem as coisas clandestinamente.

Ao longo desta nossa reflexão fomos vendo como o verda-  
deiro e o falso, isto é, o Bom e o Mau se misturam na religião  
tradicional. Será preciso dizer isto às pessoas, por exemplo,  
na catequese ou na homilia ? Para responder a esta pergunta  
fazemos lembrar a nossa síntese e conclusão feita no capítu-  
lo da parapsicologia, onde nós adiantamos algumas propostas  
que vão na linha da resposta à pergunta que nos pomos neste  
momento. Sem as re-produzirmos aqui, nós retomamo-las inteira-  
mente.

No fundo, esta questão de "como agir", e de "que dizer" a u-  
ma pessoa que busca em matéria cultural não é diferente das  
muitas outras que se põem à consciência cristã nos outros do-  
mínios da vida humana : o aborto, o engajamento político, etc.,



...o agente pastoral... a tarefa de justificar a religião tradicional... deve "fabricar" um discurso para dizer que a religião com - porta esta ou aquela verdade e aspectos positivos, que ela comporta este ou aquele contra-valor. É a própria religião tradicional que deve explicar-se e mostrar valor e a auten - ticidade que são os seus, isto é, são os indivíduos que a in - carnaram que devem explicar-se sobre aquilo que eles sabem e a - creditam. O agente pastoral deve estar entre aqueles que se interrogam sobre o fenómeno e não deve ter a pretensão de se fazer passar por "sábio" e conhecedor do assunto quando não.

Para dizermos isto, partimos da hipótese de que o agente pastoral não está informado sobre a religião tradicional, no entanto e neste caso, o agente pastoral deve ser um dos pri - meiros a querer saber, a se interrogarem e a procurarem infor - mar-se sobre o assunto, sem vergonha de mostrar a sua ignorân - cia, pois, tem mais valor uma ignorância confessada do que um

Entretanto, se o agente pastoral fôr bem informado sobre o assunto, o problema não se põe e se se põe, é já num outro nível ou aspecto, que será o nível da pedagogia, isto é, o pro - blema situa-se no "como" dizer ou agir. Neste domínio do "co - mo", também não há receitas feitas, tudo depende de cada caso e circunstâncias. Mas o agente pastoral deverá ter oem pre - sentes dois princípios, entre outros: o primeiro é de se lem - brar de que não basta "saber" e "dizer" as coisas mas que a "maneira" como se diz é decisiva para o bom êxito, princípio que é valido em todo o contacto humano. O segundo princípio é que o agente pastoral deve guardar-se de tomar decisões i - mediatas (se alguma decisão tem que tomar) e que não deve bru - talizar as pessoas seja de que forma fôr. O agente preocupar

Entretanto podemos dizer o seguinte : Não é à Igreja, isto é, o agente pastoral ou mesmo a comunidade cristã, que cabe a tarefa de justificar a religião tradicional; mesmo se se tra - tar de um agente pastoral local não é ele que, forçosamente, deve "fabricar" um discurso para dizer que a religião com - porta esta ou aquela verdade e aspectos positivos, que ela comporta este ou aquele contra-valor. É a própria religião tradicional que deve explicar-se e mostrar valor e a auten - ticidade que são os seus, isto é, são os indivíduos que a in - carnaram que devem explicar-se sobre aquilo que eles sabem e a - creditam. O agente pastoral deve estar entre aqueles que se interrogam sobre o fenómeno e não deve ter a pretensão de se fazer passar por "sábio" e conhecedor do assunto quando não.

por isso não podemos exigir e esperar uma resposta ou propo - sição "claras", universalmente válidas para todas as circuns - tâncias possíveis e imagináveis.

Entretanto podemos dizer o seguinte : Não é à Igreja, isto é, o agente pastoral ou mesmo a comunidade cristã, que cabe a tarefa de justificar a religião tradicional; mesmo se se tra - tar de um agente pastoral local não é ele que, forçosamente, deve "fabricar" um discurso para dizer que a religião com - porta esta ou aquela verdade e aspectos positivos, que ela comporta este ou aquele contra-valor. É a própria religião tradicional que deve explicar-se e mostrar valor e a auten - ticidade que são os seus, isto é, são os indivíduos que a in - carnaram que devem explicar-se sobre aquilo que eles sabem e a - creditam. O agente pastoral deve estar entre aqueles que se interrogam sobre o fenómeno e não deve ter a pretensão de se fazer passar por "sábio" e conhecedor do assunto quando não.

Para dizermos isto, partimos da hipótese de que o agente pastoral não está informado sobre a religião tradicional, no entanto e neste caso, o agente pastoral deve ser um dos pri - meiros a querer saber, a se interrogarem e a procurarem infor - mar-se sobre o assunto, sem vergonha de mostrar a sua ignorân - cia, pois, tem mais valor uma ignorância confessada do que um

Entretanto, se o agente pastoral fôr bem informado sobre o assunto, o problema não se põe e se se põe, é já num outro nível ou aspecto, que será o nível da pedagogia, isto é, o pro - blema situa-se no "como" dizer ou agir. Neste domínio do "co - mo", também não há receitas feitas, tudo depende de cada caso e circunstâncias. Mas o agente pastoral deverá ter oem pre - sentes dois princípios, entre outros: o primeiro é de se lem - brar de que não basta "saber" e "dizer" as coisas mas que a "maneira" como se diz é decisiva para o bom êxito, princípio que é valido em todo o contacto humano. O segundo princípio é que o agente pastoral deve guardar-se de tomar decisões i - mediatas (se alguma decisão tem que tomar) e que não deve bru - talizar as pessoas seja de que forma fôr. O agente preocupar



-se-á, acima de tudo, em expôr a Mensagem cristã com toda clareza e deixar que a Mensagem faça o seu trabalho, isto é, que se realize o diálogo entre o Homem e o Evangelho. Um agente experimentado e prudente não só não vai impor renúncias incondicionais mas também não se deixará embalar com conversões bruscas que se exprimem através de renúncias e mudanças 'radicais' da vida, pelo contrário, ele deve ser o último a enveredar por este caminho e a falar em "mudanças", como já vimos mais atrás. Enfim, achamos que já permenorizamos bastante com o risco de sermos tomados à letra.

3 - O DISCERNIMENTO EM COMUNIDADE. A vida em Jesus Cris

to é uma vida em comunidade e, como tal, ela exige e implica regras de funcionamento, como qualquer outra vida em grupo. Assim sendo, ela não pode estar totalmente dependente do livre arbítrio de cada um dos seus membros. Quem dela fizer parte terá que experimentar um certo constrangimento, por ter que renunciar, à sua maneira de ser pessoal que não se coaduna com o espírito ou com os objectivos perseguidos pelo grupo.

Assente o princípio de que cada indivíduo é o respensável de si mesmo e de que, conseqüentemente, pertence a ele dar a última palavra sobre os seus problemas, o indivíduo deve saber também que a comunidade constitui um organismo vivo e unificado e, como tal, ela tem o direito de velar sobre si mesma e de se defender de tudo o que concorre ou que pode concorrer à deformação da sua imagem interna e externamente, deformação que poderá ir até à sua total destruição. Por isso, o discernimento que um indivíduo terá que fazer, fá-lo-à na Comunidade e com a Comunidade, sobretudo em tudo o que toca muito directamente a esta. Isto significa que o discernimento realiza-se em dois momentos ou níveis interdependentes: o discernimento pessoal, no qual a pessoa olha para si própria e toma decisões e o discernimento em que o indivíduo toma em conta a Comunidade ou que a própria Comunidade pode intervir por sua própria iniciativa. Esta intervenção da Comunidade tem, essencialmente dois objectivos: 1º objectivo, será pa-



ra AJUDAR o membro em questão a ver claro as coisas; 2º ob -  
 jectivo, será fazer valer e respeitar os interesses essencia -  
 is comuns que podem estar ameaçados. A fidelidade ao Evange -  
 lho permanece o primeiro desses interesses, daí a necessidade  
 de a Comunidade saber o que é o Evangelho e qual é a sua es -  
 sência, para não confundí-Lo com outra coisa. Portanto, o dis -  
 cernimento é um movimento dialético entre o individuo e a Co -  
 munidade.

Esta caminhada ou processo é realizável no contexto chan -  
 gano-chope ? Respondemos afirmativamente. Não só é realiza -  
 vel no contexto changano-chope mas também em todo o Moçambi -  
 que, onde as Comunidades cristãs são uma realidade, graças aos  
 novos esforços investidos na formação de Comunidades que não  
 só possuem estruturas materiais e humanas mas, sobretudo, são  
 o lugar onde se exercem os diferentes Ministérios. Face a es -  
 ta realidade e na linha da sua concretização cada vez mais a -  
 cabada, os Bispos moçambicanos diziam na Carta Pastoral de 19  
 76 :

Progressivamente, os quadros da Igreja em Moçambique  
 se vão africanizando. As dioceses vão sendo confia -  
 das a Bispos moçambicanos; paróquias e casas religio -  
 sas passam a ser orientadas por clero e religiosas  
 moçambicanos. As próprias Comunidades Cristãs sen -  
 tem-se mais responsáveis da sua fé e começam a exer -  
 cer vários ministérios..." (1)

Mas se em 1976 os bispos moçambicanos falavam em termos  
 de "começar", em relação às Comunidades cristãs, em 1980 e em  
 relação às mesmas, eles já falavam de uma realidade adquirida  
 e constatável :

" Ouvindo os relatórios das dioceses, temos de dar  
 graças a Deus pelo crescimento e vitalidade de um  
 grande número de Comunidades. Este crescimento ma -  
 nifesta-se sobretudo na organização das comunida -  
 des com os respectivos ministérios e serviços, na  
 fidelidade à celebração dominical e zelo em assis -  
 tir aos pobres e doentes, no ensino da catequese,  
 na perseverança em testemunhar a fé e no compro -  
 misso por uma sociedade mais justa e mais frater -

(1) CONFERENCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE, Viver a fé no Mo -  
çambique de hoje. (Carta Pastoral), 1976, p.  
 6, nº 20.



na. Tanto os responsáveis das comunidades como os outros cristãos adultos, homens, mulheres e casais cristãos sentem a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos religiosos para responderem às exigências da vida cristã. Para socorrer a estas necessidades é que em várias dioceses se organizam, ao longo do ano, cursos de aprofundamento doutrinal. Aconselhamos a todos, e particularmente aos animadores, que aproveitem estes cursos, mesmo que não sejam neoprópria diocese." (2)

Para não nos limitarmos a estas declarações oficiais, genéricas ou globais, que podem envernizar uma realidade tosca, como todas as declarações oficiais, é importante e interessante escutar um testemunho que vem directamente de uma dessas Comunidades, através de um dos seus membros. Mais do que uma simples testemunha, a citação que vamos fazer dar-nos-à um retrato mais perfeito de uma Comunidade em plena actividade, profunda e seriamente engajada cristamente, tomando conta de si em todos os sentidos, sobretudo no discernimento, assunto da nossa reflexão neste momento:

" A nossa Comunidade viveu a penitência Quaresmal nesta maneira. Logo antes da quaresma fizemos um encontro de oração, no qual combinamos concretizar a nossa Quaresma fazendo alguma coisa para os mais pobres da povoação. Construimos duas palhotas para as pessoas doentes, e recolhemos também algumas ofertas seja nas sextas-feiras seja no domingo da Páscoa. Depois do baptismo de adultos, com aquelas ofertas fizemos uma refeição fraternal. Como daquela experiência os outros irmãos gostaram bastante, de modo particular os pobres, eles até queriam entrar no catecumenado. Mas a Comunidade mentalizou-os desta maneira :

A obra da caridade que fizemos não é para pescar as pessoas para entrar no catecumenado nem para nos gloriarmos; mas é nosso dever ajudar os homens como cristãos. Entrar no catecumenado é uma questão de fé em Jesus Cristo: requer uma decisão global; é uma entrega livre e séria; é uma questão de responsabilidade. O contrário disto é uma ilusão, a ruína da Comunidade e da própria pessoa. A Comunidade está com os braços abertos para receber quem quiser entrar e fazer parte dela; mas depois de uma longa reflexão profunda.

Todos ficaram calados para ouvir e ver. As pessoas estavam bem ladeadas, os olhos acesos como archotes e todos sensibilizados e impressionados até ao fim." (3)

(2) CONFERENCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE, As Comunidades Cristãs de Moçambique. (circular) 8-12-1980 p. 1.

(3) R. SAIDE, "A Páscoa de uma Comunidade", na Vida Nova, nº 6 de Junho de 1979, p. 10.







temos os dois critérios que orinetam o discernimento de muita gente : ser "cristão", ser "civilizado" ou ser "evoluído". Mas o problema é que se perguntamos em que consiste tudo isto a resposta não nada clara. Mas a vida concreta encarrega-se de pôr as coisas no seu devido lugar que é a terra dos Homens.

Assim, em vez de a Comunidade se considerar perfeita, ela deve reconhecer-se imperfeita e ignorante face ao Evangelho e face à Cultura tradicional. Os Cristãos da África têm muito que pedir desculpas à sua própria Cultura tradicional, que não só a ignoraram mas também a 'esbofetearam' e a 'cuspiram', embalados numa ideia de um cristianismo e de uma civilizaçãc vagos e desincarnados.

Deste modo, se a Comunidade deve desempenhar a função magisterial (mestra e doutora), ela deve também ser capaz e estar pronta, preparada para descer à condição de discípula, de aprendiz e de criança, deve saber deixar-se intepelar e ensinar. Ora este ensinamento vir-lhe-á de dois lados : de cima, isto é, de Cristo, através da Sua mensagem e, por outro lado, do Homem, o que subentende que do Homem moçambicano também, com todas as suas ambiguidades e imperfeições de todo o género mas que estão misturadas com a verdade e com um profundo humanismo.

A comunidade cristã deve olhar cada "caso" que surgir no seu seio ou no contexto social em geral não apenas como "escândalo" mas também e sobretudo como uma interpelação para que ela repense a sua concepção do Evangelho, a sua concepção de cristão e a sua relação com a cultural.

Poder-se-á objectar a pretexto da "fragilidade" humana. O homem procura sempre boas razões para justificar as suas acções..., argumenta-se. É verdade, mas podemos também replicar e dizer que isto constitui também uma outra interpelação e desafio à capacidade pedagógica e à "sabedoria" da comunidade, de cada um dos seus membros : se o mentiroso triunfa é sinal de que ele é mais astuto do que o juiz.

Por tudo isto vê-se que o discernimento não se fará sem dores de parte a parte. É um discernimento que se faz numa

...o discernimento... a vida... a terra dos Homens... a resposta não nada clara... a vida concreta encarrega-se de pôr as coisas no seu devido lugar... Assim, em vez de a Comunidade se considerar perfeita, ela deve reconhecer-se imperfeita e ignorante face ao Evangelho e face à Cultura tradicional... Deste modo, se a Comunidade deve desempenhar a função magisterial (mestra e doutora), ela deve também ser capaz e estar pronta, preparada para descer à condição de discípula, de aprendiz e de criança, deve saber deixar-se intepelar e ensinar... Ora este ensinamento vir-lhe-á de dois lados : de cima, isto é, de Cristo, através da Sua mensagem e, por outro lado, do Homem, o que subentende que do Homem moçambicano também, com todas as suas ambiguidades e imperfeições de todo o género mas que estão misturadas com a verdade e com um profundo humanismo... A comunidade cristã deve olhar cada "caso" que surgir no seu seio ou no contexto social em geral não apenas como "escândalo" mas também e sobretudo como uma interpelação para que ela repense a sua concepção do Evangelho, a sua concepção de cristão e a sua relação com a cultural... Poder-se-á objectar a pretexto da "fragilidade" humana. O homem procura sempre boas razões para justificar as suas acções..., argumenta-se. É verdade, mas podemos também replicar e dizer que isto constitui também uma outra interpelação e desafio à capacidade pedagógica e à "sabedoria" da comunidade, de cada um dos seus membros : se o mentiroso triunfa é sinal de que ele é mais astuto do que o juiz... Por tudo isto vê-se que o discernimento não se fará sem dores de parte a parte. É um discernimento que se faz numa

...o discernimento... a vida... a terra dos Homens... a resposta não nada clara... a vida concreta encarrega-se de pôr as coisas no seu devido lugar... Assim, em vez de a Comunidade se considerar perfeita, ela deve reconhecer-se imperfeita e ignorante face ao Evangelho e face à Cultura tradicional... Deste modo, se a Comunidade deve desempenhar a função magisterial (mestra e doutora), ela deve também ser capaz e estar pronta, preparada para descer à condição de discípula, de aprendiz e de criança, deve saber deixar-se intepelar e ensinar... Ora este ensinamento vir-lhe-á de dois lados : de cima, isto é, de Cristo, através da Sua mensagem e, por outro lado, do Homem, o que subentende que do Homem moçambicano também, com todas as suas ambiguidades e imperfeições de todo o género mas que estão misturadas com a verdade e com um profundo humanismo... A comunidade cristã deve olhar cada "caso" que surgir no seu seio ou no contexto social em geral não apenas como "escândalo" mas também e sobretudo como uma interpelação para que ela repense a sua concepção do Evangelho, a sua concepção de cristão e a sua relação com a cultural... Poder-se-á objectar a pretexto da "fragilidade" humana. O homem procura sempre boas razões para justificar as suas acções..., argumenta-se. É verdade, mas podemos também replicar e dizer que isto constitui também uma outra interpelação e desafio à capacidade pedagógica e à "sabedoria" da comunidade, de cada um dos seus membros : se o mentiroso triunfa é sinal de que ele é mais astuto do que o juiz... Por tudo isto vê-se que o discernimento não se fará sem dores de parte a parte. É um discernimento que se faz numa

...o discernimento... a vida... a terra dos Homens... a resposta não nada clara... a vida concreta encarrega-se de pôr as coisas no seu devido lugar... Assim, em vez de a Comunidade se considerar perfeita, ela deve reconhecer-se imperfeita e ignorante face ao Evangelho e face à Cultura tradicional... Deste modo, se a Comunidade deve desempenhar a função magisterial (mestra e doutora), ela deve também ser capaz e estar pronta, preparada para descer à condição de discípula, de aprendiz e de criança, deve saber deixar-se intepelar e ensinar... Ora este ensinamento vir-lhe-á de dois lados : de cima, isto é, de Cristo, através da Sua mensagem e, por outro lado, do Homem, o que subentende que do Homem moçambicano também, com todas as suas ambiguidades e imperfeições de todo o género mas que estão misturadas com a verdade e com um profundo humanismo... A comunidade cristã deve olhar cada "caso" que surgir no seu seio ou no contexto social em geral não apenas como "escândalo" mas também e sobretudo como uma interpelação para que ela repense a sua concepção do Evangelho, a sua concepção de cristão e a sua relação com a cultural... Poder-se-á objectar a pretexto da "fragilidade" humana. O homem procura sempre boas razões para justificar as suas acções..., argumenta-se. É verdade, mas podemos também replicar e dizer que isto constitui também uma outra interpelação e desafio à capacidade pedagógica e à "sabedoria" da comunidade, de cada um dos seus membros : se o mentiroso triunfa é sinal de que ele é mais astuto do que o juiz... Por tudo isto vê-se que o discernimento não se fará sem dores de parte a parte. É um discernimento que se faz numa



tempo de hoje, a tensão entre a cultura e a mensagem cristã. Esta tensão é inevitável e o que se pode desejar é que ela se desenrole sem grandes conflitos capazes de criar exclusivismos e disjunções, que o Homem tenha consciência deste carácter dialéctico do discernimento.

Terminamos observando que o que acabamos de dizer sobre a função da comunidade confirma os princípios que enunciámos mais atrás sobre a atitude do agente pastoral : que não é ele quem "deve" dar soluções aos problemas.

A comunidade cristã não é uma entidade fechada, mas sim um espaço aberto ao diálogo e ao encontro. É neste espaço que se realiza a missão da Igreja, que é a de anunciar o Evangelho a todos os homens e mulheres, sem distinção de raças, culturas ou condições sociais.

Neste capítulo vamos tentar esboçar algumas linhas gerais sobre a função da comunidade ecuménica de Caulmont.

1 - REVISÃO DA CULTURA TABAR...  
Nada é por acaso, nada é gratuito, a cultura determina as formas de expressão humana, inclusive a expressão religiosa.

...  
...  
...

tempo de hoje, a tensão entre a cultura e a mensagem cristã. Esta tensão é inevitável e o que se pode desejar é que ela se desenrole sem grandes conflitos capazes de criar exclusivismos e disjunções, que o Homem tenha consciência deste carácter dialéctico do discernimento.

Terminamos observando que o que acabamos de dizer sobre a função da comunidade confirma os princípios que enunciámos mais atrás sobre a atitude do agente pastoral : que não é ele quem "deve" dar soluções aos problemas.

A comunidade cristã não é uma entidade fechada, mas sim um espaço aberto ao diálogo e ao encontro. É neste espaço que se realiza a missão da Igreja, que é a de anunciar o Evangelho a todos os homens e mulheres, sem distinção de raças, culturas ou condições sociais.

Neste capítulo vamos tentar esboçar algumas linhas gerais sobre a função da comunidade ecuménica de Caulmont.

1 - REVISÃO DA CULTURA TABAR...  
Nada é por acaso, nada é gratuito, a cultura determina as formas de expressão humana, inclusive a expressão religiosa.

...  
...  
...

A cruz da Comunidade ecuménica de Caulmont



Cristo de Nowa Huta



Nada é por acaso, nada é gratuito, a cultura determina as formas de expressão humana, inclusive a expressão religiosa.



# CAPITULO 11

## PERSPECTIVAS PASTORAIS A LONGO PRAZO

Se se quer que a inculturação seja autêntica e duradoira, é preciso que ela seja feita em profundidade e não se limitar a soluções de problemas quotidianos, doutra maneira seria um trabalho de subsistência, desencorajador. Sem negligenciar o presente, a pastoral deve ter os olhos postos e voltados para horizontes mais vastos, para o futuro e deve ter um plano a longo prazo e permanente, consciente de que uma inculturação não se faz de um dia para o outro nem de uma só vez para sempre, ela é permanente. Isto porque a Cultura não é uma coisa estática, mas ela está em contínua transformação - o movimento da Cultura. O que hoje é bom, amanhã pode não sê-lo; o que hoje é tido como um valor inestimável, amanhã poderá vir a aparecer como uma alienação humilhante e opressora. Disto todos temos consciência e experiência concreta, em todos os domínios da vida humana

Neste capítulo vamos tentar esboçar algumas linhas gerais daquilo que achamos que deve figurar num plano pastoral a longo termo no domínio da Cultura.

1 - REDESCOBRIR A CULTURA TADICIONAL. A nossa reflexão que fizemos até aqui permite ver quanto a Cultura moçambicana traz as marcas da sua História, como já vimos. Na verdade, a colonização, a evangelização, o encontro com as outras culturas (a ocidental sobretudo), o encontro com a tecnologia, obrigaram-na a evoluir de uma forma tão rápida que anormal. Esta anormalidade manifesta-se, principalmente, pela marginalização de muitos valores e pelas rupturas bruscas, daí a desconexidade da própria Cultura no seu todo orgânico : muitos valores ou práticas que ainda



se conservam perderam o nexo e muitos deles se enquistaram, isolando-se do conjunto do sistema cultural. Um dos exemplos das práticas que se desligaram do resto do sistema cultural é o lobolo "dote". Na verdade, um bom número de gente não estará à altura de explicar o sentido do lobolo além do sentido material, económico, para não dizer comercial. Ele aparece a muitos como um fim em si, uma prática tradicional que é rendosa. Perdeu-se o seu simbolismo e a sua relação com todo o sistema cultural no qual ele encontrava a sua justificação e explicação : o regime familiar, o sistema social, político, etc.

Somos partidários de que a Cultura deve evoluir, até porque é impossível impedi-lo. Com ereito, assim como uma pessoa não pode permanecer criança eternamente mas que deve crescer, assim também a cultura deve evoluir, que é a sua maneira de crescer. Apenas nós pomos o problema sobre a forma como essa evolução se opera. É que uma evolução que se opera aos turbilhões, às marteladas, corre o risco de ser despersonalizante, desumanizante e alienante, como já dissemos, pois, não há assimilação sã e equilibrada, o que torna os próprios indivíduos vulneráveis em todos os sentidos e dimensões da sua existência, sobretudo na sua personalidade colectiva : a cultura é a alma de um povo de tal maneira que para conquistá-lo, dominá-lo e explorá-lo primeiro mata-se-lhe ou desorganiza-se-lhe a Cultura e, desta forma, um tal povo torna-se insensível e anestesiado em relação aos males que lhe afligem.

Igreja

Se o Evangelho e a devem-se incarnar nas culturas aonde eles chegam é preciso que uma tal Cultura exista e tenha consciência de si mesma. Por isso, antes de se falar da "inculturação" fale-se da Cultura em si mesma, senão, seria o mesmo que marcar um encontro entre duas pessoas uma das quais não existe. Assim, impõe-se a necessidade de REDESCOBRIR a Cultura moçambicana e para fazê-lo não há ninguém senão os próprios moçambicanos.

É uma tarefa ingente e sem prazo mas é uma condição sem a qual falar em "identidade moçambicana" não terá nenhum sentido nem uma concretização possível e consciente, pois, uma Cultura ultrapassa o aspecto folclórico (instrumentos, danças,



etc.). que é ambíguo, como já tivemos ocasião de o demonstrar no capítulo sobre a Cultura. Na verdade, manda-se cantar e dançar ao oprimido para o entreter e fazê-lo esquecer a opressão em que se encontra. É uma técnica já antiga:

" Junto dos rios de Babilónia  
estamos sentados e chorando,  
lembrando-nos de Sião.  
Ali, sobre os salgueiros,  
suspendemos as nossas harpas.  
Era lá que eles nos pediam  
- os nossos carcereiros - cânticos;  
os nossos verdugos alegria :  
" Cantai para nós cânticos de Sião."  
Como cantar os cânticos do Senhor  
numa terra alheia ?  
Se de ti, Jerusalém, eu me esquecer,  
seja ressequida a minha dextra. " (1)

Como se vê, o problema, neste caso, não era o do espaço físico ou alguma interdição mas era uma questão de sentido: naquelas condições o cantar seria um folclore sem nenhum sentido senão o da alienação, seria um ópio.

A perda do sentido cultural pode não ser só a obra da opressão política ou um outro tipo de opressão mas por culpa própria de um povo que se entregar a uma vida superficial, sem reflexão, correndo atrás das novidades e do imediato. Por tudo isto e porque vivemos, no passado muito recente, uma situação colonial que nos alienou e nos desenraizou, impõe-se a necessidade não só de repensar a Cultura moçambicana mas também a necessidade de redescobri-la tanto nas suas práticas como no significado destas. Por exemplo, na música e na dança, não bastam só os gestos, os movimentos e os próprios instrumentos mas também e sobretudo o seu significado : o tamanho, o formato e o ritmo do tambor, por exemplo, não são indiferentes, cada um deles tem uma mensagem; o tamanho, o formato e o ritmo de um tambor para batuque ou para tingoma são diferentes e mesmo existem as mesmas diferenças entre os tambores para os diferentes tipos de batuques. Eis um pequeno exemplo que ilustra e ajuda a compreender o problema, pois, este exemplo muito simples pode ser transposto para outros casos mais complexos e sérios.

(1) Salmo 137, 1-5a.



Portanto e por diferentes razões, pode existir uma ignorância dos moçambicanos em relação à sua própria Cultura ou o seu conhecimento pode ser desarticulado(2)

Felizmente, depois da Independência nacional do nosso país as estruturas competentes, desde da primeira hora, preconizam a "renascença" da Cultura, em todos os sentidos e é com muita alegria que vemos o Povo, animado, a engajar-se nesta obra da "reconstrução" cultural. Só podemos fazer votos para que tal reconstrução ou redescoberta se prossiga e se faça em profundidade e extensão.

2 - O QUE É QUE SE PROCURA ? Que se entende por "redescobrir" ou "reconstruir" a Cultura moçambicana ? A pergunta tem interesse decisivo para nós, pois, da sua resposta depende muito a imagem e o sentido de todo este nosso trabalho.

Ao falarmos em "redescobrir" e em "reconstruir" nós não preconizamos um simples e puro regresso ao passado, um regresso ao passado sem condições. Isto seria obsoleto e seria querer navegar contra a maré da História e seria querer negar que se esteja no século XX com tudo o que lhe caracteriza.

Quando nós empregamos estes dois termos não se trata de tentar "ressuscitar" os "mortos", a não ser que alguns deles tenham sido enterrados vivos e ainda tenha vida, aí, então, mais do que sugerir ordenaríamos que ele fosse desenterrado imediatamente...

Nós empregamos os dois termos em dois sentidos : 1º Trata-se de tentar re-encontrar o verdadeiro SENTIDO e a história de muitos gestos, práticas e costumes que nós corremos o risco de repetir maquinalmente, se é que ainda nos lembramos

(2) Esta ignorância de um Povo à sua Cultura é um fenómeno universal, normal. Em 1981, em Bruxelas, a TV belga entrevistou a diversas pessoas que se encontravam numa das praças da cidade onde se celebravam as festividades do aniversário da Coroa Real. Entre os entrevistados apenas um foi capaz de dizer correctamente porque estava ali presente. Os outros nem sabiam o motivo da festa. Um exemplo entre muitos.







Ao falar em "redescobrir", e em "reconstruir" excluimos, também o puritanismo cultural nas nossas intenções, pois, além de ser impossível seria promover um egoísmo colectivo que é tão nocivo como a permissividade. Nós temos muitas coisas a aprender dos outros, muitos valores a adquirir. Mas para que para que a aquisição seja justa e equilibrada e consciente é preciso que conheçamos primeiro o que é nosso, o que somos. Com efeito e tomando um exemplo, seria triste se alguém, desconhecendo a sua própria roupa, agarrasse nas calças do vizinho pensando que fossem suas e se apresentasse diante dos outros como trazendo umas calças suas e exclusivas. É o risco que representa a ignorância da própria Cultura.

3 - AGENTES DA REDESCOBERTA. Quem é ou quem são os agentes desta redescoberta cultural que nós preconizamos? Encontramos aqui, sob outra forma, a mesma questão que nos apareceu ao tratarmos a questão dos "inovadores" da cultura. Nessa altura, manifestamos a nossa oposição à formação de grupos "especializados" para tratar da cultura e isto como princípio. Aqui não tomaremos outra posição e para responder à questão que nos pomos neste momento diremos simplesmente que os agentes da redescoberta cultural somos nós todos, é cada um de nós. Este é o princípio básico.

É verdade que o trabalho que aqui propomos toca de perto a esfera da ciência ora, pretender que todos sejam aí obreiros não será pretender que toda a gente seja cientista? Não será isto uma utopia das utopias? Sim, é uma utopia, mas utopia não é sinónimo de "irrealizável". Será preciso, talvez, rever o nosso conceito de "ciência" e o das possibilidades da sua realização.

Por outro lado, se esta objecção vier de alguém de um país não revolucionário tal se compreenderá mas na boca de um moçambicano, a objecção não teria sentido. A Revolução Moçambicana revelou-nos a força misteriosa do Povo simples em muitos sentidos; a praxis é a primeira e a mais importante escô



la. De resto, subestimar a capacidade do Povo nesta tarefa se-  
ria manifestar um conceito duvidoso da Cultura que, na nossa  
opinião, seria considerá-la como um produto de especialistas  
a consumir pelos não-especialistas, conceito que nós rejeita-  
mos. Com efeito, o etnólogo e o antropólogo não inventam as  
práticas que eles descrevem e interpretam, aliás, eles não fa-  
zem muito mais do que retratar, ordenar e tornar mais claros  
princípios que regem uma Cultura. De resto, se eles querem  
ser objectivos e verdadeiros (que é o dever deles) não podem  
prescindir do "Zé povinho", segundo a expressão popular. Só-  
crates não filosofou com o seu criado 'ignorante' ?

4 - O ESPECIALISTA. As posições que tomamos atrás podem  
deixar entender que nós somos contra  
a especialização no campo cultural, o que não é verdade. Quan-  
do dissemos que não pretendemos transformar toda a gente em  
cientista é porque admitimos a existência de gente especiali-  
zada. Mas, mais do que admitir nós achamos que tal é indispen-  
sável e, por isso, desejamo-lo e encorajamo-lo, pois, há razões  
para tal : A Cultura é objecto e exige um estudo científico,  
isto é, um estudo sistematizado, o que implica métodos, rigor,  
etc., não compatíveis com o amadorismo e o voluntarismo; nos  
ultimos tempos a etnografia e a antropologia, para não falar-  
mos da sociologia e das outras ciências sociais, conheceram  
um desenvolvimento e interesse bastante grandes por constitu-  
irem uma fonte de informação muito preciosa para as outras  
ciências, além do valor a si próprias inerentes. Na verdade,  
ao tecnico não basta a construção de engenhos, ao médico não  
basta o curar doenças biológicas, ao filósofo, ao teólogo etc.  
não bastam os raciocínios subtis e bem construídos mas, antes  
de tudo, é importante e indispensável saber a quem se desti-  
nam tais realizações. Quantos planos de desenvolvimen-  
to e de promoção não fracassaram ou não tiveram senão resul-  
tados medíocres simplesmente só porque os seus executores ou  
autores se esqueceram do aspecto cultural, contextual. Com e-  
feito, os projectos e a sua concretização podem fracassar  
por irem contra uma Cultura ou por lhes faltar uma pe-  
dagogia e o respeito. Tais erros pagam-se muito caro, a curto  
ou a longo prazo.







5 - UM LUGAR PARA UMA TEOLOGIA AFRICANA. A etnologia, a

antropologia e a sociologia são as ciências sociais por excelência e a cultura é o seu objecto privilegiado. A importância destas ciências levou-nos a apresentá-las como "fontes" de informação e de fundamentação para as outras ciências. Entre as ciências beneficiárias desta informação é a teologia. Mas o que será a teologia? Sem pretendermos dar definições magistras e acabadas, diremos simplesmente que a teologia é o esforço reflexivo que busca um aprofundamento e uma melhor compreensão da fé; é a Fé que se interroga a si mesma. A partir desta compreensão vê-se que não é preciso imaginar a teologia como uma arte oculta, uma linguagem doutro mundo que trata das coisas doutro mundo mas sim como uma linguagem de gente deste mundo, gente concreta e historicamente situada.

Este aspecto da historicidade do Homem e da teologia levanta o problema cultural, pois, o Homem concreta e historicamente situado é marcado ou é caracterizado pela Cultura que o define. Sendo assim, a teologia não será apenas uma reflexão sobre a Fé no espaço, no vácuo, mas no interior de uma Cultura.

Se a África possui uma Cultura e uma mundividência características e definíveis no vasto conjunto das Culturas que estão e pululam sobre o planeta, conclui-se que a África deve ter uma teologia que corresponda a maneira como o africano aborda o problema de Deus e de toda a realidade do além segundo a sua Cultura e mundivisão.

Mas para que uma teologia seja africana não basta que seja um africano a falar mesmo utilizando uma língua africana das mais exóticas se um tal discurso iôr uma simples tradução da teologia ocidental ou oriental, etc. Infelizmente as coisas têm se passado assim na maioria dos casos; o que se tem chamado "inculturação", "adaptação", "africanização", etc., não tem sido outra coisa senão caiar ou pintar um muro velho com a cor africana mas o interior do muro continua ocidental ou oriental.

Trata-se de uma ciência que se desenvolveu a partir de uma preocupação com a cultura e a sociedade. A etnologia e a antropologia são as ciências sociais por excelência e a cultura é o seu objecto privilegiado. A importância destas ciências levou-nos a apresentá-las como "fontes" de informação e de fundamentação para as outras ciências. Entre as ciências beneficiárias desta informação é a teologia. Mas o que será a teologia? Sem pretendermos dar definições magistras e acabadas, diremos simplesmente que a teologia é o esforço reflexivo que busca um aprofundamento e uma melhor compreensão da fé; é a Fé que se interroga a si mesma. A partir desta compreensão vê-se que não é preciso imaginar a teologia como uma arte oculta, uma linguagem doutro mundo que trata das coisas doutro mundo mas sim como uma linguagem de gente deste mundo, gente concreta e historicamente situada.

O problema da teologia africana é um problema de cultura e de sociedade. A teologia não é apenas uma reflexão sobre a fé, mas uma reflexão sobre a fé no interior de uma cultura. Sendo assim, a teologia não será apenas uma reflexão sobre a fé no espaço, no vácuo, mas no interior de uma cultura. Se a África possui uma cultura e uma mundividência características e definíveis no vasto conjunto das culturas que estão e pululam sobre o planeta, conclui-se que a África deve ter uma teologia que corresponda a maneira como o africano aborda o problema de Deus e de toda a realidade do além segundo a sua cultura e mundivisão.

Um facto etnográfico, porém, nos ensina que a teologia africana não é apenas uma tradução da teologia ocidental ou oriental, etc. Infelizmente as coisas têm se passado assim na maioria dos casos; o que se tem chamado "inculturação", "adaptação", "africanização", etc., não tem sido outra coisa senão caiar ou pintar um muro velho com a cor africana mas o interior do muro continua ocidental ou oriental.

Para que uma teologia seja africana não basta que seja um africano a falar mesmo utilizando uma língua africana das mais exóticas se um tal discurso iôr uma simples tradução da teologia ocidental ou oriental, etc. Infelizmente as coisas têm se passado assim na maioria dos casos; o que se tem chamado "inculturação", "adaptação", "africanização", etc., não tem sido outra coisa senão caiar ou pintar um muro velho com a cor africana mas o interior do muro continua ocidental ou oriental.



Só surgirá uma teologia cristã africana(4) quando se utilizarem as categorias africanas e a sua simbologia, imagens, conceitos religiosos e uma linguagem africana para pensar a Fé em Jesus Cristo, tal como fez desde que o Ocidente recebeu o Cristianismo nascente.

Se são estas as condições para uma teologia africana conclui-se que só num ambiente como o que nós aqui evocamos ou esboçamos e preconizamos ela será possível, pois, só este ambiente fornece elementos para uma verdadeira teologia africana. Alguém disse que todo o Homem é filósofo e o dito tornou-se um adágio no mundo da filosofia. Se esta afirmação é verdadeira, também é verdade que todo o Homem é teólogo e, logicamente, também o africano.

Se a teologia é uma especialidade, também será preciso dizer ao teólogo o que dissemos aos cientistas ou especialistas da etnologia, antropologia e dos outros ramos do saber: que o teólogo africano não vá inventar a simbologia, os conceitos e a linguagem da sua teologia. Estes são fornecidos pela Cultura e encontram-se no 'laboratório' cultural, lá onde se vive e se reflecte sobre a Cultura.

Se a Comunidade cristã é um dos lugares eminentemente culturais, conclui-se que ela é também um lugar eminentemente teológico, aliás, a Comunidade é a primeira teóloga e o teólogo é como um secretário da redacção, o coordenador do pensamento da Comunidade.

Mas esta dependência do teólogo em relação à Comunidade não impede que o teólogo possa e deve interpelar a Comunidade. É verdade que a teologia deve ser tomada como serviço à Comunidade e o teólogo deve ser escutado como membro da mesma Comunidade, antes de tudo, e que dá a sua opinião. Mas nes

(4) O que se pretende numa teologia africana deve ser uma teologia CRISTÃ africana, pois, tomando a teologia como reflexão sobre a relação do Homem com Deus, com o Transcendente, podemos dizer que existe uma teologia africana porque o africano sempre reflectiu sobre a realidade do além.



ta linha da diaconia a teologia é também profecia e, como tal ela deve interpelar a Comunidade na sua maneira de conceber e viver a Fé. O que se nega é a teologia do quarto. Assim, o teólogo não deve ser um "balão" perdido no ar mas um homem enraizado na Comunidade e esta deve funcionar como uma fonte de inspiração. Breve, deve existir uma tensão salutar entre o teólogo e a Comunidade e cada um(o teólogo e a Comunidade) deve estar maduro e preparado para viver esta tensão de uma forma positiva

Dentro desta linha de uma teologia africana, não temos orgulho em podermos falar de uma teologia africana em Moçambique. Ora, se é verdade que não poderá existir uma teologia africana ao nível de toda a África senão através do empenho de todos os africanos, a nossa pobreza faz de Moçambique um ponto fraco no conjunto da África. Desse facto conclui-se, também, que a teologia africana não chegará a Moçambique senão através dos moçambicanos. Mais do que consumir o que os outros nossos irmãos africanos produzem no campo da teologia africana, Moçambique deve procurar sentir a dignidade e a alegria de colaborar neste esforço em que toda a África é chamada a despender as suas melhores energias. A teologia africana deve ter também o seu berço em Moçambique. Eis a tarefa a que somos chamados porque ela cabe a nós mas que corre o risco de ser por nós desprezada, minimizada e marginalizada por ser julgada secundária ou mesmo inútil. A História é imparável e amanhã ela dir-nos-á se merecemos o nome que trazemos e o momento histórico que nós é dado viver. Nesse tempo de 'juízo final' nós seremos mudos e as nossas obras estarão lá para nos acusar ou absolver sem favoritismo de qualquer espécie. O resto da África está trabalhando a sério e já está usufruindo os frutos do seu trabalho. E nós, quando começarmos? Já não é assim tão cedo.

6 - O PROCESSO. O trabalho da redescoberta cultural que nós aqui propomos é um processo longo, que conhece fases ou etapas. Sem pretendermos ser casuísticos e pormenorizados, nós vamos agora tentar traçar as linhas gerais desse processo.



a) A NIVEL INDIVIDUAL - Todo o indivíduo deve interessar-se pelo problema cultural como sendo um problema pessoal e vital. Na sua vida quotidiana ele deve se pôr perguntas sobre isto e sobre aquilo, no sentido cultural; deve fazer da Cultura um assunto de conversa com aqueles que vivem ao seu lado e a partir de problemas concretos, mas não como quem anda a fazer inquéritos mas sim como quem mergulha na vida para "vivê-la", "compreendê-la" culturalmente e, por isso, que procura ir até ao fundo das coisas, o mais profundamente possível, sem se contentar com as pequenas respostas, com as respostas imediatas. Breve, é vivendo profundamente a vida que se compreenderá a Cultura.

Tudo isto exige muita atenção permanente porque os acontecimentos são como a água do rio que passa diante de nós. Ela está carregada de substâncias dissolvidas de tal maneira que não existe na natureza a água quimicamente pura, no entanto, não é qualquer indivíduo que é capaz de ver, de se dar conta de tais substâncias...elas são invisíveis e para as detectar precisa-se um método e uma técnica. Assim também são os acontecimentos da vida quotidiana: estão carregados de significado e tudo depende da nossa atenção e vigilância, pois, o sentido pode estar escondido num acontecimento ou num gesto tão insignificantes onde menos se espera.

b) A NIVEL COLECTIVO - Já que a Cultura é uma das coisas mais expostas ao subjectivismo, já que a Cultura varia de região em região, há toda a necessidade de as pessoas da mesma região trocarem as suas experiências e pontos de vista e de partilharem. Se assim dissemos em relação aos indivíduos da mesma região com muito mais razão se deve dizer para os indivíduos de regiões diferentes.

O trabalho e o contributo individual que nós preconizamos na alínea anterior muitas vezes não irá muito para além de uma recolha de material bruto e só no intercâmbio esse material será seleccionado, elaborado e interpretado validamente.



Como a nossa perspectiva aqui é pastoral, tomaremos a Comunidade cristã como modelo de um grupo onde uma reflexão cultural pode ter lugar.

Dentro de linha, a Comunidade fará de sua própria vida um objecto de estudo : quantos problemas não surgem e não circulam no seio da Comunidade e quantas vezes a Comunidade não se reúne para resolvê-los, para discutir, estudar ou para partilhar o Evangelho, etc. ? Aí estão ocasiões soberanas para a Comunidade se interrogar sobre os diversos assuntos culturais. Esta primazia da vida concreta que não nos cansamos em sublinhar deve-se ao facto de o Homem reagir diferentemente quando se tratar de problemas teóricos (que não chegam a ser problemas, portanto) e quando se tratar de problemas reais, vitais : pergunte-se a quem quer que seja e que passeia aí pela rua todo descontraído, o que é ser cristão, isto é, como é que deve ser um cristão ideal. Certamente que ele nos dará uma imagem de cristão bem esculpida e polida. Mas veja-se o que esse mesmo indivíduo (se ele fôr cristão) faz na vida real, talvez constataremos que ele nem põe em prática a metade daquilo que ele disse no seu discurso sobre um cristão ideal.

O mesmo se passa no plano cultural: a cada um, os "outros" é que são insensatos porque não guardam nem respeitam a tradição, eu é que sou o melhor. Quando nos metemos a "falar" sobre a Cultura tudo parece simples que se tem a impressão de que a desordem cultural terminou e amanhã tudo irá melhor... Por conseguinte, é preciso que haja um equilíbrio entre a teoria e a prática, entre a teoria e a realidade quando tratamos da Cultura, pois, a teoria costuma sobrepôr-se.

No entanto, quando falamos em vida concreta não é para transformar as pessoas em cobaias de estudo da Cultura. Que tudo se passe dentro da naturalidade, numa busca sincera e exclusiva de soluções dos problemas e o resto virá por acréscimo, aliás, quando falamos em "problemas" não são necessariamente problemas de X ou de Y, podem ser problemas comuns, que são numerosíssimos.



c) ALARGANDO AINDA MAIS - Entretanto, a Comunidade ou outro tipo de grupo que reflecte sobre a Cultura não pode ficar fechado sobre si, formando um guetto cultural. Ela tem a necessidade e o dever de partilhar as suas experiências e conclusões. Ela deve ser aberta em dois sentidos : 1º abertura em relação ao meio social onde ela está inserida e da qual ela faz parte integrante. O seu trabalho deve ser uma contribuição em benefício de todos. 2º Abertura em relação às outras Comunidades cristãs e a todos os outros grupos sociais que também trabalham na mesma linha. Desta abertura a Comunidade cristã só tem a ganhar, pois, o confronto com as outras opiniões será um incentivo, um correctivo e um complemento.

É dentro desta dinâmica que nós vemos a possibilidade de intercâmbio da reflexão cultural ao nível regional, interregional, nacional e internacional, sobretudo ao nível da Africa, aliás, o movimento que aqui preconizamos vai ao encontro do movimento intitulado "UM CONCÍLIO AFRICANO PARA O ANO 2000".

O movimento que nós preconizamos não interessa só à Comunidade cristã. Com efeito e como já vimos, a Africa é chamada a repensar não só o cristianismo mas também a repensar a ciência e a tecnica em linguagem africana e este intercâmbio não só permite uma entre-ajuda mas permite também evitar contradições graves.

É verdade que há muitas Culturas africanas mas este facto já é um motivo que justifica este intercâmbio. Por outro lado e sem negarmos a diversidade das Culturas africanas que remos dizer que a expressão "Cultura africana" (no singular) não é vã e, portanto, há toda a necessidade e urgência em verificá-la e confirmá-la, evitando assim as contradições que ameaçam a unidade da identidade africana. Como ? Nós propomos este método e este processo que aqui esboçamos.

Faremos o homem africano como o critério máximo e válido para todas as Culturas. Critério máximo e englobante de...



7 - AS PEDRAS DE TOQUE. Por "pedras de toque" referimo-nos aos critérios ou princípios que servem de ponto de referência para analisar e criticar uma Cultura, permitindo determinar o positivo e o negativo.

Logo à partida reconhecemos a dificuldade que representa uma tal tarefa, isto é, a tarefa de determinar tais critérios, pois, é preciso saber, entre outras coisas, se esses critérios são externos ou internos à Cultura em causa e em que é que eles se fundamentam, onde é que eles encontram a sua força moral para aprovar ou reprovar uma prática cultural. Vemos aqui uma porta aberta para uma discussão filosófica e o risco de se cair num círculo vicioso : critérios para determinar critérios da análise cultural... Para se escapar deste impasse achamos que se deve partir da compreensão da própria Cultura, isto é, da definição da Cultura.

Quando tentamos definir a Cultura vimo-la como sendo um modo de vida de um Povo ou de um grupo humano homogénio. Um modo de vida que é um pacto forjado na experiência concreta e relacional entre o grupo humano em questão com o seu ambiente físico aonde vive. Ora uma tal compreensão da Cultura abre a possibilidade de diferenciação da Cultura, para passar a falar-se em Culturas (no plural). Por sua vez a diversidade das Culturas leva-nos a admitir que não é fácil o estabelecimento de critérios universalmente válidos para todas as Culturas, sobretudo se descermos à realidade concreta das coisas

Mas difícil não é sinónimo de impossível e é por isso que nós estimamos ser possível encontrar algo que seja admitido por todas Culturas como um valor suprémo. Este algo funcionará como um critério comum, se bem que mesmo assim será preciso entrar em cada Cultura para verificar como esse critério funciona na prática, pois, teremos diferenças de uma Cultura para uma outra Cultura.

Para nós o Homem aparece como o critério máximo e válido para todas as Culturas. Critério máximo e englobante de mui-



... AS PRÁTICAS DE JUÍZO...  
... os critérios de juízo...

... a Pessoa humana é um valor suprémo e sagrado para qualquer Cultura mesmo nas Culturas tidas como 'primitivas', as mais 'bárbaras', mesmo naquelas em que a Pessoa humana pode servir como vítima sacrificial ou de alimento para os outros seres humanos (antropofagia). Sem, se se olhar de perto este problema compreender-se-á facilmente que não se trata aí de um desprezo da Pessoa humana e que se se sacrifica um ser humano não é por simples prazer masoquista mas, em parte, a aplicação do antiquíssimo princípio de que um pode morrer para salvar a muitos. Com este nosso modo de falar não defendemos nem aprovamos os sacrifícios humanos seja de que tipo eles forem e muito menos ainda a antropofagia. Apenas queremos dizer que tais práticas não provam que as Culturas onde elas são praticadas o Homem não constitui um valor suprémo, até pelo contrário: se se sacrifica um ser humano em benefício dos outros seres humanos é porque o Homem não pode ser salvo senão por um outro Homem. São Paulo iria muito mais longe neste raciocínio até dizer que não é o sangue dos animais que pode salvar o Homem; não é o sangue de qualquer homem que pode salvar o Homem mas é preciso o Sangue do Homem-Deus.

Quando tentamos avaliar a Cultura não nos dámos conta de que a vida de um povo não é um grupo humano homogêneo, de modo de vida que é um todo orgânico de estruturas e valores relacionais entre o grupo humano em questão com o seu meio físico e social. Ora, se tal concepção de cultura é verdadeira, a possibilidade de uma avaliação da cultura para passar a falar-se em 'valores culturais' é impossível. Por isso, não se deve falar de valores culturais, mas sim de valores humanos.

Para nós o Homem aparece como o critério último e válido para todas as Culturas. Critério máximo e definitivo de juízo para uma outra Cultura.

Para nós o Homem aparece como o critério último e válido para todas as Culturas. Critério máximo e definitivo de juízo para uma outra Cultura.

tos outros critérios de juízo. Ma que queremos nós dizer por este termo de Homem ? Queremos nos referir à Pessoa humana, aquilo que distingue singularmente o ser humano dos outros seres criados : o Homem no sentido pleno do termo. Na verdade, a Pessoa humana é um valor suprémo e sagrado para qualquer Cultura mesmo nas Culturas tidas como 'primitivas', as mais 'bárbaras', mesmo naquelas em que a Pessoa humana pode servir como vítima sacrificial ou de alimento para os outros seres humanos (antropofagia). Sem, se se olhar de perto este problema compreender-se-á facilmente que não se trata aí de um desprezo da Pessoa humana e que se se sacrifica um ser humano não é por simples prazer masoquista mas, em parte, a aplicação do antiquíssimo princípio de que um pode morrer para salvar a muitos. Com este nosso modo de falar não defendemos nem aprovamos os sacrifícios humanos seja de que tipo eles forem e muito menos ainda a antropofagia. Apenas queremos dizer que tais práticas não provam que as Culturas onde elas são praticadas o Homem não constitui um valor suprémo, até pelo contrário: se se sacrifica um ser humano em benefício dos outros seres humanos é porque o Homem não pode ser salvo senão por um outro Homem. São Paulo iria muito mais longe neste raciocínio até dizer que não é o sangue dos animais que pode salvar o Homem; não é o sangue de qualquer homem que pode salvar o Homem mas é preciso o Sangue do Homem-Deus.

Mas falar só em Homem não é suficiente. Com efeito, corremos o risco de imaginar um Homem saído do 'laboratório' filosófico : o Homem como essência, o Homem abstracto, imóvel, "imaculado" e a-histórico. Breve, o Homem da filosofia grega. Não é desse Homem de que nós falamos, pois, ele nunca existiu, nunca foi visto em parte nenhuma, ao menos nunca foi visto na África. Nós referimo-nos ao Homem concreto, situado no tempo e no espaço, historicamente e culturalmente situado. É por isso que ao termo Homem nós acrescentamos o adjectivo "feliz" ou a expressão "o Homem plenamente feliz". Assim, o critério para analisar e criticar uma Cultura é o Homem plenamente feliz, o Homem plenamente realizado. Todos os outros critérios subordinam-se a este princípio da Humanidade.



Mas até aqui ainda não saímos do mundo das ideias, o mundo das teorias. Com efeito, em que consiste realmente esta felicidade ou esta realização que torna o homem verdadeiramente Homem? Aqui a resposta já não pode ser teórica e não pode ser dada no interior de um quarto com a porta fechada. Será preciso descer ao concreto, lá onde se desenrola e se joga a existência humana. Isto significa que é preciso entrar em cada Cultura para saber como é que o Homem se sente e é considerado feliz e realizado. A partir do momento em que se fala de Culturas conclui-se imediatamente que há diversidade e isto significa que os critérios da felicidade vão variar segundo as Culturas: para um japonês a felicidade consistirá nisto mas para um indiano consistirá naquilo enquanto para o africano a felicidade terá outros critérios e outros sinais. Um cruzamento de caminhos, portanto.

Tomemos um dos caminhos e abordemos a Cultura changano - chope, que é o mesmo que dizer a Cultura moçambicana. Nesta Cultura em que consiste a felicidade e a realização plena de um Homem? Será que esta Cultura no-lo revela? Esta última pergunta a resposta é afirmativa. Consultando a sabedoria popular nós encontramos este provérbio:

"Kuveleka ukosi  
Kuyambala mavale"

Antes de tudo analisemos gramaticalmente esta frase que constitui o nosso provérbio:

a) "kuveleka" é o infinito do verbo kuveleka, que significa: gerar um filho; dar à luz um filho; dar origem a um ser humano ou a uma coisa; nascer. O verbo pertence, originariamente, à língua chope mas os machangana da região changano-chope adoptaram para certas expressões como o provérbio acima citado, pois, em changana o verbo kuveleka tem o seu correspondente que é o verbo "kupsala".

A partir das traduções que acabamos de fazer do verbo kuveleka vê-se que ele é genérico, com uso diverso, aplicável ao ser humano, às plantas e aos seres inanimados, sobretudo no sentido de "dar origem a".



...de que a palavra "kufemula" (bilingue), que significa, literalmente, "respirar". É um verbo que exprime delicadamente o acto de dar à luz um ser humano.

b) "Ukosi" (bilingue). Este termo é composto, resultando da fusão de dois termos: um da língua changana (uhosi) e outro da língua chope (ukoma) ambos os termos significam, em ordem cronológica da significação: realeza, riqueza material, poder ou autoridade e felicidade. Portanto, uhosi+ukoma > ukosi (uko+si). Morfologicamente o termo ukosi é nome ou substantivo comum, tal como realeza, felicidade, poder...

O termo chope de "ukoma" deriva do termo "Inkoma", que significa: rei, poderoso, rico, feliz. O termo changana de "uhosi" deriva do termo "hosi", com o mesmo significado que o termo chope. Notemos que a conotação de "felicidade" intervém em último lugar.

c) "kuyambala" ou "kuamoala" (bilingue). É o infinito do verbo "kuyambala", que significa "vestir" "usar". O bilinguismo deste termo é de segundo grau; com efeito, um changano ortodoxo diria antes "kudloka" para dizer vestir (o termo kudloka) traz a influência zulo, caracterizado pelo estalido da sílaba "dl" que é um pouco próximo do "lh" português. Portanto, o termo "kuyambala" é mais chope do que changana.

d) "Mavale". É um nome comum, plural de "vale", que é uma cana gigante que atinge o diâmetro de bambu mas não ocorre no interior embora bastante leve depois de seca. Diremos que ela assemelha-se à planta do milho, por dentro. "Vale" é uma cana que cresce nas planícies pantanosas da região changano-chope e serve para fazer portas das habitações, rolhas para garrafas, cabaças ou gaiolas para pintassilgos, dada a leveza e a moleza a ponto de se deixar furar por um pequenino pau aguçado ou mesmo uma unha. Arde com extrema facilidade quando seca. O termo "vale" (=singular) ou "mavale" (=plural) é changana e o seu correspondente em chope é "dhimbala" (singular) e "mambala" (=plural).

Há um verbo que é só aplicável ao ser humano, é o verbo "kuhefemula" (bilingue), que significa, literalmente, "respirar". É um verbo que exprime delicadamente o acto de dar à luz um ser humano.

b) "Ukosi" (bilingue). Este termo é composto, resultando da fusão de dois termos: um da língua changana (uhosi) e outro da língua chope (ukoma) ambos os termos significam, em ordem cronológica da significação: realeza, riqueza material, poder ou autoridade e felicidade. Portanto, uhosi+ukoma > ukosi (uko+si). Morfologicamente o termo ukosi é nome ou substantivo comum, tal como realeza, felicidade, poder...

O termo chope de "ukoma" deriva do termo "Inkoma", que significa: rei, poderoso, rico, feliz. O termo changana de "uhosi" deriva do termo "hosi", com o mesmo significado que o termo chope. Notemos que a conotação de "felicidade" intervém em último lugar.

c) "kuyambala" ou "kuamoala" (bilingue). É o infinito do verbo "kuyambala", que significa "vestir" "usar". O bilinguismo deste termo é de segundo grau; com efeito, um changano ortodoxo diria antes "kudloka" para dizer vestir (o termo kudloka) traz a influência zulo, caracterizado pelo estalido da sílaba "dl" que é um pouco próximo do "lh" português. Portanto, o termo "kuyambala" é mais chope do que changana.

d) "Mavale". É um nome comum, plural de "vale", que é uma cana gigante que atinge o diâmetro de bambu mas não ocorre no interior embora bastante leve depois de seca. Diremos que ela assemelha-se à planta do milho, por dentro. "Vale" é uma cana que cresce nas planícies pantanosas da região changano-chope e serve para fazer portas das habitações, rolhas para garrafas, cabaças ou gaiolas para pintassilgos, dada a leveza e a moleza a ponto de se deixar furar por um pequenino pau aguçado ou mesmo uma unha. Arde com extrema facilidade quando seca. O termo "vale" (=singular) ou "mavale" (=plural) é changana e o seu correspondente em chope é "dhimbala" (singular) e "mambala" (=plural).



Identificados os termos componentes do nosso provérbio estamos em condições de fazer a primeira tentativa de tradução, primeira porque é uma tradução literal:

"Kuveleka ukosi, kuyambala mavale"

"Ter filho(s) é a realeza, vestir-se é caduco"

Por outras palavras, o provérbio quer dizer que, literalmente, a maior riqueza e a maior grandeza é ter filho(s) e não em se vestir, isto é, em ter muitos bens materiais.

Buscando uma melhor compreensão - Será que este provérbio dá-nos uma compreensão de Homem realizado? Por outras palavras: Será que a plena realização ou a plena felicidade do Homem consiste em ter filhos? Não se corre o risco de marginalizar aqueles que, por infelicidade biológica ou alheia à sua vontade, não podem ter filhos? Não se corre o risco de relativizar o Amor conjugal condicionando-o à procriação? Por outro lado, se a segunda parte do provérbio tem a virtude de relativizar os bens materiais, estes são recuperados na primeira parte do provérbio pois, perguntando, os filhos não são vistos aqui como fonte de riqueza material? Com efeito, um homem com muitos filhos, todos a trabalhar, há muita riqueza que entra em casa de tal maneira que quanto mais filhos se tem mais rico se será (situamo-nos no contexto africano tradicional onde os filhos permanecem junto dos pais e são dependentes destes). Assim, desencadear-se-ia uma competição ou emulação da procriação e acentuar-se-ia a marginalização dos que não podem ter filhos. Portanto, ou o provérbio dá-nos uma compreensão negativa da felicidade ou ainda não — atingimos o seu verdadeiro e profundo sentido.

Creemos que ainda não atingimos o profundo sentido do nosso provérbio e, por conseguinte, devemos examiná-lo mais a fundo:

Já vimos que a segunda parte do provérbio tem a virtude de relativizar os bens materiais, o consumo. Assim, a questão residirá na primeira parte: "kuvelka ukosi" ou, mais precisamente, a questão está no verbo "kuvelka" que tra-



duzimos por "ter filhos". Que significa, na realidade e neste provérbio, o termo "filho" ?

Todos sabemos que os termos que designam o parentesco não têm o mesmo sentido, alcance, extensão e peso na boca e mentalidade de um ocidental e nas do africano. Na mentalidade ocidental os termos adquiriram uma 'especialização' e uma precisão que lhes encurta o raio da sua aplicação, consequência da concepção individualista da pessoa humana e da influência do Direito romano e jurídico. Assim, neste contexto, ninguém pode, rigorosamente, chamar "filho" a um indivíduo a quem ele não deu a vida biológica, a não ser por uma adopção jurídica mas mesmo assim, será preciso especificar este carácter de adopção. Inversamente, ninguém pode chamar "pai" a um indivíduo senão nas mesmas condições como as anteriores. O que se diz sobre os termos pai-filho diz-se também dos outros graus de parentesco. Breve, na mentalidade ocidental os termos de parentesco tendem mais para designar uma hierarquização da causalidade biológica e jurídica (propriedade jurídica) dos indivíduos : X é pai de Y, para um ocidental ou um ocidentalizado significa que X "deu" a vida biológica a Y.

Para um africano tradicional os termos sobretudo os termos para designar o parentesco são "qualitativos", simbólicos, poéticos. Eles designam a qualidade das relações interpessoais, por exemplo : dizer que X é filho de Y pode significar muito correntemente três coisas :

- 1ª Que Y gerou biologicamente X.
- 2ª Que X é sobrinho de Y, via masculina.
- 3ª Que as relações entre X e Y são tão íntimas como as relações entre pai e filho ou vice-versa.

Este terceiro sentido é de ter muito em conta porque é o mais frequente, embora possa parecer estranho. Na verdade, um indivíduo X (mais novo, ou aparentemente mais novo) que se dirige a um outro indivíduo Y (mais velho ou aparentemente), não existindo qualquer parentesco entre os dois, X chamará a Y Pai e Y chamará a X Filho, como sinal de respeito ou de intimidade. Se os dois tiverem ou aparentarem ter a mesma idade, chamar-se-ão irmãos.



Por conseguinte, os termos "pai" e "filho" são frequentes no contexto africano e, conseqüentemente, no contexto moçambicano e changano-chope e exprimem o respeito e a intimidade e muitas vezes os dois termos aparecem como qualificativos.

Importa também notar que o nosso provérbio geralmente é pronunciado como uma expressão de alegria, uma explosão de felicidade de um ancião ou anciã diante de um benefício recebido de um indivíduo qualquer, conhecido ou desconhecido e é uma forma de agradecimento e de louvor ao benfeitor. Por isso, o provérbio é cantado em circunstâncias festivas e alegres por gente idosa (madota ni masingalakati ou masungukati = anciãos).

Sendo assim, o verbo kuveleka não pode ser traduzido literalmente, por "ter filho(s)" no sentido biológico ou no sentido jurídico de adopção mas deve ser traduzido por "ter boas relações".

Depois desta nossa caminhada podemos já dar uma segunda versão à nossa tradução do provérbio, que já não será literal mas do conteúdo, do sentido :

"Kuveleka ukosi, kuyambala mavale"

"Ter boas relações é a maior das riquezas, ter bens materiais é caduco, não assegura a felicidade futura".

Podemos dizer, por outras palavras, que ninguém pode pagar o seguro da sua própria felicidade, esta depende dos outros.

Assim sendo, o que se exalta são as boas relações, a solidariedade : acolher e ser acolhido. Estas relações cordiais e irraternas são a suprema riqueza: mesmo quando o ouro e a prata nos faltarem, se houver quem nos acolha o mal estará reduzido ao mínimo. Quem tem a amizade tem tudo. Não se costuma dizer por aí ? Que encontramos na sabedoria bíblica? Que a memória do justo será eterna. Quem é o justo ?

Como se vê, este provérbio de quatro palavras encerra toda uma filosofia da vida e nele estão hierarquizados todos os outros valores humanos, morais e materiais.



Voltemos ao nosso assunto que é o de determinar os critérios de análise de uma Cultura. Se nós vamos analisar a Cultura changano-chope (melhor diremos se dissermos Cultura moçambicana) é preciso ter em conta esta máxima que acabamos de analisar e tomá-la como um critério básico de juízo para apreciar os diferentes aspectos da vida do Homem moçambicano e de todos os seus projectos. Tudo o que não contribui à sua concretização deve ser considerado um contra-valor. Se bem que a máxima não seja um critério absoluto, no entanto, ela permite-nos fazer uma hierarquização dos outros critérios, ela constitui um núcleo, uma síntese. Nada será neutro face a ela

Entretanto, o critério do "Homem plenamente realido", segundo a compreensão que acabamos de desenvolver e definimos, poderá, sem dúvida, deixar alguns espíritos inquietos, pois, parecerá a tais espíritos inaceitável que o Homem seja erigido como medida, pois, o que conta no homem é a dimensão horizontal, isto é, a dimensão puramente humana, que se satisfaz com as relações vividas terra-a-terra. Dirão que é um materialismo. Tal não é verdade, senão vejamos :

Já vimos atrás que as relações não são apenas unidimensionais, apenas horizontais mas sim bidimensionais : elas são horizontais e verticais, isto é, são relações com os outros Homens e são relações com o Transcendente. Ora se isto é verdade para qualquer ser humano, queira ou não, também o será para o Homem changano-chope e para o Homem moçambicano em geral.

Consequentemente, quando falamos de "boas relações" estas são bidimensionais, como acabamos de dizer. Estas duas dimensões são complementares e não se opõem, uma não pode ir sem a outra de tal maneira que elas devem ser vistas simultaneamente, assim como é simultânea a relação que um Homem entretem entre si, com os outros Homens e com Deus. Eliminar ou esquecer qualquer uma destas dimensões seria mutilar o Homem.

Com o critério que acabamos de enunciar duas pistas se abrem :

1ª A pista das relações horizontais, que nos permite abordar todos os aspectos humanos, sobretudo os profanos (relações



ções sociais: políticas e económicas).

2ª A pista das relações verticais, que nos permite abordar todos os aspectos humanos mas principalmente os aspectos especificamente religiosos que possam escapar ao olhar puramente humano. Será sobretudo segundo esta pista que a Mensagem cristã e a própria religião tradicional serão vistos e analisados.

Resumiremos assim : O critério ou "pedra" de toque para analisar a Cultura changano-chope é a PESSOA HUMANA plenamente realizada. A concepção e a concretização desta "realização" pode variar de uma Cultura para outra. Na Cultura changano-chope, a realização plena de um Homem consiste nas boas relações e solidariedade (crístamente falando diremos na "comunhão" que um Homem pode fomentar à sua volta, dando e recebendo, acolhendo e ser acolhido, nas duas dimensões : horizontal (com os outros Homens) e vertical (com Deus e com os antepassados. Breve com o transcendente). Tudo o que contrariar a concretização desta grande aspiração será tido como um contra-valor.

E verdade que uma novidade evangélica pode ser apercebida como perturbadora. Neste caso examinar-se-á a gravidade da perturbação antes de se fazer uma opção e o critérios do discernimento será que o verdadeiro Evangelho e do verdadeiro progresso humano não esmagam o Homem mas devem libertá-lo e fazê-lo crescer HARMONIOSAMENTE.



As máscaras não são fotografias mas sim expressões simbólicas. Por de trás de cada uma delas esconde-se um significado...



Se a parte das relações verticais, que nos permite...  
das todos os aspectos humanos nas relações...  
aspectos específicos da religião que podem...  
ao nível humano, são relações segundo...  
de que a mensagem cristã e a palavra religiosa...  
são vistas e analisadas.

Resumamos assim: O critério ou "pedra de toque" para...  
analisar a cultura é a presença ou ausência de...  
deveria ser a concepção e a concretização desta "palavra...  
que pode variar de uma cultura para outra. Na cultura...  
pessoal, a relação que se estabelece entre o homem...  
relações e solidariedades, e a palavra religiosa...  
mundo que se encontra a palavra religiosa...  
quando, acolhida e actuada, não é apenas...  
falamos de relações humanas e verticais...  
relacionadas. Deve ser o relacionamento...  
isto é, a relação que se estabelece entre...  
um critério.

A verdade que nos movemos evangelizar hoje...  
do como evangelizar. Hoje cada comunidade...  
de pastores, antes de se fazerem...  
discernimento, antes de se fazerem...  
to progresso humano não começa o homem...  
e faz-se crescer harmonicamente.



As mensagens...  
relacionadas...  
expressões...  
de...  
cada...  
cada...

RESUMO : Nesta quarta parte tivemos duas preocupações cen-  
trais : esboçar uma teologia da inculturação e  
propor pistas para uma acção pastoral.

Esboçando uma teologia da inculturação procuramos funda-  
mentar teologicamente a inculturação. Nesta busca, tentamos  
definir ou compreender teologicamente a Cultura e vimos que  
ela é a continuação da obra criadora de Deus, através do Ho-  
mem, este buscando o seu equilíbrio. Afirmamos que a Cultura  
humana é um lugar da revelação divina e isto levou-nos à aa-  
firmação de que todas as Culturas são portadoras da Mensagem  
divina. Esta afirmação decisiva lança-nos no discernimento  
para sabermos o que é sinal da presença divina numa Cultura  
e o que é contra-valor e negação dessa presença. Procuramos  
determinar os critérios deste discernimento e vimos que tais  
critérios variam conforme as Culturas. A inculturação levan-  
ta o problema da converção e, mais precisamente, o problema da  
ruptura. Considerando o problema nós afirmamos que a ruptura  
não deve ser imposta do exterior mas ela deve resultar do di-  
álogo íntimo que se estabelece entre o Homem evangelizado e  
a Mensagem evangélica. Mesmo vindo do interior do Homem con-  
vertido, a ruptura deve ser ponderada e equilibrada, sob o ris-  
co de a fé desfalecer e sucumbir debaixo de aventuras espiri-  
tuais, que podem ser duvidosas nas suas motivações e finali-  
dade.

Dado o carácter e o objectivo pastoral deste trabalho, u-  
ma parte prática se impunha. É por isso que os dois últimos  
capítulos são eminentemente práticos e com eles nós nos debru-  
çamos sobre as preocupações pastorais mais concretas. Atravé  
deles nós procuramos propor alguns princípios que, na nossa o-  
pinião, devem orientar um agente pastoral. Procuramos preci-  
sar o lugar e o papel do agente pastoral no interior de uma  
comunidade e a necessidade do discernimento em comunidade.

Dado que a inculturação não é um trabalho que se faz uma  
vez por todas mas um trabalho permanente, nós propomos pistas  
para um trabalho a longo prazo e procuramos determinar as ta-  
refas respectivas assim como os agentes que aí tomam parte  
activa bem como os métodos a seguir neste trabalho.



SINTESE

Discrevamos a Religião Tradicional dos Changano-chopes e para fazê-lo co-

Chegados ao fim da nossa caminhada nós vamos tentar uma síntese conclusiva e geral da nossa reflexão sobre a Religião Tradicional dos Changano-chopes e sobre o seu encontro com a Mensagem cristã. Uma reflexão complexa porque ela desenrolou-se em diversos níveis ou dimensões do pensamento humano. Esta diversidade de perspectivas da nossa reflexão pareceu-nos indispensável porque há questões que vêm de todos os lados e que se põem à Religião Tradicional e que não são questões para minimizar. Tentamos, portanto, respondê-las.

Logo no início nós sentimos a necessidade de reflectir sobre a Cultura em si e no seu sentido geral, numa busca da sua compreensão. Concluimos dizendo que ela tem várias dimensões: a dimensão política, a dimensão socio-económica e a dimensão religiosa ou ideológica. Estas dimensões influenciam-se mutuamente. Parte integrante da Cultura, a religião não pode ser suprimida ou esquecida sem que tal não provoque um desequilíbrio da própria Cultura, por lhe faltar esta sua parte importante que é a religião. Estas considerações vêm fundamentar o princípio por nós afirmado segundo o qual não se pode pensar nem falar da "inculturação" se não se toma em consideração toda uma Cultura em todas as suas dimensões das quais a religião é um dos componentes.

Evocamos uma situação histórica vivida pela Cultura moçambicana, uma situação marcada por dois fenómenos ou factos: a colonização e a evangelização, que se articularam tão harmoniosamente a ponto de serem confundidos e tomados como sinónimos. Constatamos que nesta situação a Cultura moçambicana sofreu um choque, uma marginalização e uma repressão. Tudo isto imprimiu na Cultura moçambicana um ritmo de evolução anormal. Este olhar sincrónico à história da Cultura moçambicana ajuda a compreender o presente e fundamenta as perspectivas para o futuro, que se querem concretas e que nós preconizamos ao longo deste nosso trabalho como sendo umas das tarefas em que a Igreja deve dar o seu contributo.



Descrevemos a Religião changano-chope e para fazê-lo começamos por precisar os seus elementos essenciais : o que é objecto de crença e de culto : os espíritos. Mas o termo "espírito" é bastante genérico que um africano e um europeu correm o risco de se engajar num diálogo de surdos e foi por isso que nós tentamos mostrar as diferenças que existem entre as duas maneiras de conceber e de se representar o espírito de um morto. O africano tende a conceber o espírito de uma forma mais existencial, isto é, não há grande ruptura entre a vida presente e a vida do além-túmulo de um indivíduo, este, mesmo depois da morte, continua a estar profundamente ligado e dependente da sua família e esta necessita historicamente do seu ente-querido morto. Esta maneira de conceber a morte não está está longe da concepção cristã a propósito dos Santos havendo apenas diferenças de aspectos que são acentuados num e noutro caso. A concepção ocidental do espírito acentua a ruptura de tal maneira que é difícil falar na continuidade entre o agora e o depois.

Segundo a cultura changano-chope existem princípios que permitem hierarquizar os mimoya dos mortos. Estes princípios são : a capacidade de kupfuka, o lugar onde o morto se manifesta (fora ou dentro da sua própria família) e a forma como o morto se manifesta (transe ou não transe). Estes princípios de hierarquização são de extrema importância, pois, eles permitem-nos fazer duas constatações importantes e decisivas : a influencia cultural de duas tribos sobre a Cultura changano-chope : a tribo dos Vanguu e a dos Vandawu; a segunda constatação é a sobreposição de dois cultos distintos. O culto dos tinguluve é o mais original, isto é o mais antigo culto desta região enquanto que, a partir da sua análise interna, o culto dos swikembu/sikwembu se revela mais recente e estrangeiro à região do nosso estudo.

Descrendo a Religião Tradicional foi preciso que nos dessemos conta desta hierarquização dos mimoya e desta existência de dois tipos de cultos e tudo isto impeliu-nos a caracterizar as duas tribos em questão e na descrição do ritual tivemos de descrever ritos de um e do outro culto. A descrição dos ritos é feita segundo um esquema da nossa concepção que



identificar  
 permite os seguintes elementos : o nível social em que o rito se realiza (clânico, familiar ou individual), o nome do rito em questão, o destinatário do sacrifício, quem toma a iniciativa para a realização do mesmo, a sua finalidade, o lugar onde se realiza o rito, o sacrificador, o tipo de participantes que aí tomam parte e o produto ou matéria utilizados na realização do rito (natureza da vítima). Tivemos ocasião de constatar que a função do sacrificador 'sacerdócio' é uma função que obedece aos princípios de hereditariedade (linhagem) e da idade sendo o sexo uma questão secundária, sobretudo no culto dos tinguluve, pois, no dos swikwembu/sikwembu entra em jogo o princípio da "eleição" e da especialização e isto já revela o carácter iniciático que marca este tipo de culto. Neste caso as funções variam assim como as figuras mas sejam quais elas forem, as figuras podem ser designadas genericamente por "n'anga", embora tal designação exija precisões posteriores. Todas estas práticas religiosas formam um sistema coerente e assentam sobre uma visão do mundo que considera o Cosmos como uma unidade hierarquizada nos seus elementos. Esta visão e este sistema permitem ao Homem changano-chope e a todo o africano tradicional de se auto-compreender e de se situar no conjunto dos seres criados.

Esta descrição e a forma como ela está feita é uma demonstração e uma proposta de como deve ser encarada e analisada uma religião e os seus ritos.

Entretanto, esta visão e esta sistematização não são estáticas mas dinâmicas, susceptíveis de evoluir e o passado provou-o. Na actual Sociedade Moçambicana existem elementos catalisadores desta mobilidade cultural inerente a toda a Cultura Humana. Mas, mais do que ver nisto um fatalismo ao qual o Homem deve-se entregar passivamente, o moçambicano deve reconhecer aí a sua vocação e tarefa de encontrar um equilíbrio entre o passado, o presente e o futuro, pois, doutro modo, seria uma capitulação inaceitável com consequências graves que se resumem na despersonalização do Homem moçambicano, ao perder a sua identidade. Na verdade, esta não se deve tanto ao que desejamos ser mas sobretudo ao que somos e donde viemos.



A terceira parte da nossa reflexão é como que uma reacção do Homem cristão diante da descrição do fenómeno da Religião changano-chope. Se bem que todo este nosso trabalho seja um diálogo permanente, caracterizado pela interrogação/resposta, nesta terceira parte este diálogo radicaliza-se e aprofunda-se. O diálogo gira à volta de quatro questões : a questão sobre Deus, sobre a mediação, sobre a Pessoa Humana, e sobre a comunidade. Para nós estas questões são vitais, definem uma religião e sintetizam muitas outras questões que podem ser postas à Religião Tradicional. Concluimos constatando o SILÊNCIO desta religião em relação ao nome de Deus. Sim, é antes um silêncio que uma ausência, pois, não só Deus não é ignorado nesta religião mas também Ele é o fundamento de tudo e é a resposta última de toda a pergunta que o Homem pode fazer sobre si mesmo e sobre toda a realidade concreta e pensável. Ele é o Alfa e o Omega. Simplesmente, a Religião changano-chope, como toda a Religião africana, está voltada para as urgências que afectam a existência do Homem e está ocupada na busca de respostas desta problemática humana, daí, em grande parte, a sua antropocentralidade. Não se trata dum culto ao Homem e isto a descrição dos diversos ritos o demonstrou suficientemente, mas sim procura proporcionar ao Homem um mínimo do bem-estar para uma existência feliz. Neste aspecto, a Religião Tradicional não merece tanta reprovação, se bem que uma interpelação lhe seja feita para que ela propocione um espaço a este Deus que na Cultura é nomeado sete vezes, para que tal Deus seja sentido mais presente no seu culto e que ela veja n'Ele ALGUÉM e o único capaz de dar uma resposta satisfatória à problemática humana. Mas isto não deve lançar o Homem e a Religião Tradicional na inactividade, esperando tudo de Deus, pois, Este age através do Homem. Breve, um equilíbrio entre a fé em Deus e a fé no Homem é indispensável.

Quanto à questão da mediação, concluimos constatando que o problema deve ser posto sobre a sua natureza e sobre a sua relação com Jesus Cristo, o Príncipe dos Mediadores. Esta ordenação dos Mediadores a Cristo não é coisa fácil de anunciar num contexto como o changano-chope, dada a divindade de Jesus Cristo mas deve ser uma das preocupações da evangelização.



A terceira parte de nossa reflexão é como um resumo  
 do tema cristão de acordo com o pensamento de Kant  
 e Hegel. De fato, para nós, a religião é um  
 fenômeno que se caracteriza pela sua historicidade,  
 e esta terceira parte trata da religião tradicional e  
 da religião cristã. A religião tradicional é a religião  
 que se encontra em todas as culturas e povos e que  
 se caracteriza pela sua historicidade e pela sua  
 diversidade. A religião cristã é a religião que se  
 encontra em uma única cultura e povo e que se  
 caracteriza pela sua historicidade e pela sua  
 unidade. A religião tradicional é a religião que  
 se encontra em todas as culturas e povos e que  
 se caracteriza pela sua historicidade e pela sua  
 diversidade. A religião cristã é a religião que  
 se encontra em uma única cultura e povo e que  
 se caracteriza pela sua historicidade e pela sua  
 unidade.

A sua solução está dependente da solução do problema da cris-  
 tologia e da maneira como ele fôr respondido. Entretanto, a  
 Religião Tradicional não deve esperar tudo mas ela deve tam-  
 bém dar um passo aceitando o Mistério.

Na questão sobre a Pessoa humana vimos que é, antes de tu-  
 do, um problema filosófico e, conseqüentemente, também um pro-  
 blema cultural. Por este facto, o problema está carregado de  
 subjectividade mas, concluimos dizendo que a antropocentrali-  
 dade da Religião Tradicional deve-se traduzir pelo respeito  
 do Homem e da sua dignidade de tal maneira que o homem se  
 sinta verdadeiramente Homem.

Na questão da Comunidade procuramos ver como a 'fé' é vi-  
 vida nesta religião e constatamos que ela é vivida individu-  
 al e colectivamente, sobretudo colectivamente, o que constitui  
 uma esperança. Nesta perspectiva pode-se, eventualmente, inter-  
 pelar a Religião Tradicional mas tudo será uma questão da vi-  
 são eclesiológica que fôr a nossa.

A Religião Tradicional assenta sobre os fenómenos tais  
 como: a comunicação entre os vivos e os mortos, os poderes oc-  
 cultos e a advinhação. Sobre estes fenómenos a parapsicologia  
 diz que há algo de verdadeiro, sobretudo na advinhação em que  
 alguma coisa é confirmada cientificamente. Concluimos formu-  
 lando votos para que a ciência progrida nas sua pesquisas e  
 que as ciências clássicas se guardem de todo o juízo condená-  
 tório e dogmático mas, pelo contrário, elas devem colaborar se-  
 gundo a sua especialidade. Pastoralmente, o agente pastoral  
 deve informar-se sobre este assunto e deve munir-se de uma  
 pedagogia que respeita a pessoa humana e a sua capacidade de  
 caminhar na compreensão da existência.

A inculturação levanta problemas teológicos que não po-  
 dem ser minimizados e esquecidos. Foi por isso que nós refle-  
 timos nesta linha, procurando fundamentar teologicamente a in-  
 culturação. A conclusão da nossa reflexão é que a teologia  
 da inculturação desenvolve-se no mesmo terreno que a teolo-  
 gia da Encarnação e a da Criação. Dentro destas perspectivas  
 a inculturação da Mensagem cristã aparece como a continua-  
 ção da Encarnação do Verbo nas diversas Culturas e a evange-



lização aparece como uma verdadeira Anunciação e o evangelizador o mensageiro, como outrora fora o Anjo Gabriel. Assim, o Evangelho deve nascer numa Cultura, tomando a sua "carne". Na perspectiva da Revelação divina vimos como esta se realiza sob a acção do Espírito Santo, que se antecipa a toda a acção humana. Na perspectiva da Criação a Cultura aparece como a continuação da acção criadora de Deus através do Homem. Todas estas considerações levaram-nos a concluir que a inculturação é um grave dever que cabe ao evangelizador, instrumento desta tarefa. Ele deve tomar consciência do seu papel e evitar a tentação de confundir o Evangelho com a sua própria vontade e a sua paixão pessoal. Ele deve "morrer" no seu desejo e deixar que o Evangelho tome a imagem do Povo evangelizado e não a sua própria imagem. Ele deve estar atento à acção do Espírito presente nos valores positivos da Cultura em questão, um Espírito que se antecipa a toda a acção humana, como já ficou dito, e ele deve procurar descobrir esta presença do Espírito, nos gestos e valores culturais que podem ser diferentes dos da sua Cultura a ponto de serem opostos em alguns casos

Tudo isto exige um discernimento, tarefa esta que tem critérios próprios. Nós vimos como estes critérios são condicionados pela Cultura de um povo. Mas os princípios atrás referidos (a Incarnação, a Revelação e a Criação) informam os critérios gerais que devem nortear o discernimento. Não é questão de imaginar um Evangelho abstracto e suspenso no ar mas sim um Evangelho incarnado numa cultura e num contexto bem determinados.

Portanto, uma situação dialéctica em que a Mensagem divina e a Cultura do Homem estão em tensão salutar de interpelação mútua : uma Cultura que é um lugar teofânico mas que deve-se converter e um Evangelho que quer-se incarnar.

Mas uma acção pastoral quer-se concreta. Numa busca de sermos concretos nós procuramos, evitando, no entanto, fazer uma casuística tão prejudicial, sobretudo no domínio como esta da inculturação e isto para o bem da própria pastoral que deve ser criativa e iniciadora, como dizíamos, procuramos propor apenas princípios gerais e básicos. Fizemo-lo em dois tempos:



Propomos pistas para enfrentar o imediato e concluímos dizendo que o papel do agente pastoral deve consistir, essencialmente, em ajudar os indivíduos a verem claro para poderem decidir eles mesmos. Para o discernimento a comunidade cristã deve ser um lugar privilegiado para o discernimento mas tal não deve dispensar o discernimento individual mas, pelo contrário, supõe-se.

Para uma acção a longo prazo nós propomos a elaboração de um plano pastoral que tenha em conta o problema da inculturação e propomos tarefas a longo prazo e o método para a sua concretização. Este plano pode-se resumir na Re-descoberta da Cultura local e uma reflexão para se fazer uma SÍNTESE. Com efeito, uma inculturação é um encontro ou supõe um encontro e este supõe a existência de dois, ao menos dois, protagonistas deste encontro. Ora, no encontro entre a Mensagem cristã e a Cultura moçambicana constata-se que este último elemento (a Cultura) não está em boa forma para que o diálogo seja verdadeiro e frutuoso para ambos os lados e isto devido à desorganização da Cultura Tradicional, efeito da evolução em condições como as descritas atrás.

Para esta gigantesca tarefa todos os moçambicanos são chamados a colaborar e, conseqüentemente, a comunidade cristã deve também contribuir. O método é concêntrico e dinâmico, isto é, começa do indivíduo singular e vai-se alargando em grupos cada vez mais extensos; é dinâmico porque envolve simples indivíduo que deve procurar tomar consciência da sua realidade cultural e envolve o especialista (etnólogo, antropólogo, etc.).

Os critérios deste processo serão fornecidos pelos valores positivos sempre presentes em qualquer Cultura humana embora a sua concretização tome diversas formas conforme a diversidade de Culturas. No contexto changano-chope estes critérios resumem-se no Homem Plenamente Realizado, isto é, aquele Homem que é capaz de cultivar à sua volta a fraternidade e a solidariedade entre os Homens num movimento de reciprocidade entre ele e os outros.



NUMA PALAVRA : O encontro entre a Religião Tradicional e o Cristianismo deve ser um diálogo de interpeção mútua e não uma "comparação" entre duas religiões. Este diálogo mais do que um simples encontro de duas religiões é um encontro de duas Culturas que assentam sobre categorias e visões do mundo diferentes. Por isso, a Religião Tradicional e cada um dos seus elementos não devem ser tomados separadamente, isolados do conjunto do sistema cultural ao qual eles pertencem e encontram a sua significação completa. Por tudo isto, um diálogo entre as duas religiões que se quer completo, profundo e sério é complexo porque requiere o concurso de diversas disciplinas que são os instrumentos intelectuais para desentranhar os segredos da realidade. Este diálogo deve seguir um método. De tudo isto este nosso trabalho é uma proposta, com toda a sua pequenez e limitações mas esperamos que ele seja um estímulo para os nossos Irmão e Compatriotas Moçambicanos, crentes e não crentes, cristãos e doutras confissões, porque todos devemos reflectir sobre a nossa Cultura, confrontada com as nossas múltiplas aspirações e todos somos poucos para uma tarefa que nunca terá fim.

\* \*  
\*

22 de Julho de 1982

Instrumentos e símbolos de libertação em duas culturas e em duas religiões.



T'chowa; instrumento de 'exorcismo'.



MINA PALAVRA : O encontro entre a religiosidade tradicional e a cultura moçambicana face à colonização e à evangelização. Este livro trata de que os rituais tradicionais de uma cultura não são simplesmente uma herança do passado, mas sim uma forma de resistência e de afirmação da identidade cultural face à dominação colonial e à imposição de valores estrangeiros. O autor analisa o papel da religião tradicional moçambicana no contexto da luta pela libertação nacional e pela construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

12 de maio de 1982

Instituições e indivíduos de referência em sua cultura e em sua religião.

de observação



INDICE

Bibliografia ... .. 4

Prólogo ... .. 8

Introdução ... .. 9

Preliminares ... .. 14

I PARTE : A CULTURA MOÇAMBICANA FACE À COLONIZAÇÃO E FACE À EVANGELIZAÇÃO... .. 19

CAPÍTULO 1 : A CULTURA E A SUA PLURALIDADE ... .. 20

1 O que é a Cultura ... .. 20

2 Religião : uma das dimensões da Cultura . . . . . 23

CAPÍTULO 2 : A CULTURA MOÇAMBICANA E A EVANGELIZAÇÃO NO CONTEXTO COLONIAL ... .. 27

1 As raízes de uma aliança . . . . . 27

2 O colonialismo e a Evangelização ... .. 33

3 O papel da Igreja neste contexto ... .. 36

4 A atitude da Igreja face à Cultura moçambicana 40

II PARTE : A RELIGIÃO TRADICIONAL NO CONTEXTO CHANGANO-CHOPE ... .. 46

CAPITULO 3 : OS ELEMENTOS DA RELIGIAO TRADICIONAL .. 47

1 Deus na Religião Tradicional .. .. 47

2 Os espíritos ... .. 50

3 A concepção ocidental e africana de espírito . 55

A- A concepção ocidental de espírito ... .. 56

B- A concepção changano-chope de espírito ... 62

CAPITULO 4 : CARACTERISTICAS E CATEGORIAS DOS ESPIRITOS ... .. 69

1 Princípios de hierarquização .. .. 69

2 Algumas características dos Vangunu ... .. 76

3 A tribo dos Vandawu . . . . . 81

4 Características comuns às duas tribos ... .. 86

5 Kugarurwa . . . . . 91

6 Kuyakeliwa ... .. 93

7 Tinguluve . . . . . 99

8 Os elementos catalisadores ... .. 105



ÍNDICE

1. A cultura dos Tsimba ... 1

2. A cultura dos Tsimba ... 2

3. A cultura dos Tsimba ... 3

4. A cultura dos Tsimba ... 4

5. A cultura dos Tsimba ... 5

6. A cultura dos Tsimba ... 6

7. A cultura dos Tsimba ... 7

8. A cultura dos Tsimba ... 8

9. A cultura dos Tsimba ... 9

10. A cultura dos Tsimba ... 10

11. A cultura dos Tsimba ... 11

12. A cultura dos Tsimba ... 12

13. A cultura dos Tsimba ... 13

14. A cultura dos Tsimba ... 14

15. A cultura dos Tsimba ... 15

16. A cultura dos Tsimba ... 16

17. A cultura dos Tsimba ... 17

18. A cultura dos Tsimba ... 18

19. A cultura dos Tsimba ... 19

20. A cultura dos Tsimba ... 20

21. A cultura dos Tsimba ... 21

22. A cultura dos Tsimba ... 22

23. A cultura dos Tsimba ... 23

24. A cultura dos Tsimba ... 24

25. A cultura dos Tsimba ... 25

26. A cultura dos Tsimba ... 26

27. A cultura dos Tsimba ... 27

28. A cultura dos Tsimba ... 28

29. A cultura dos Tsimba ... 29

30. A cultura dos Tsimba ... 30

31. A cultura dos Tsimba ... 31

32. A cultura dos Tsimba ... 32

33. A cultura dos Tsimba ... 33

34. A cultura dos Tsimba ... 34

35. A cultura dos Tsimba ... 35

36. A cultura dos Tsimba ... 36

37. A cultura dos Tsimba ... 37

38. A cultura dos Tsimba ... 38

39. A cultura dos Tsimba ... 39

40. A cultura dos Tsimba ... 40

41. A cultura dos Tsimba ... 41

42. A cultura dos Tsimba ... 42

43. A cultura dos Tsimba ... 43

44. A cultura dos Tsimba ... 44

45. A cultura dos Tsimba ... 45

46. A cultura dos Tsimba ... 46

47. A cultura dos Tsimba ... 47

48. A cultura dos Tsimba ... 48

49. A cultura dos Tsimba ... 49

50. A cultura dos Tsimba ... 50

51. A cultura dos Tsimba ... 51

52. A cultura dos Tsimba ... 52

53. A cultura dos Tsimba ... 53

54. A cultura dos Tsimba ... 54

55. A cultura dos Tsimba ... 55

56. A cultura dos Tsimba ... 56

57. A cultura dos Tsimba ... 57

58. A cultura dos Tsimba ... 58

59. A cultura dos Tsimba ... 59

60. A cultura dos Tsimba ... 60

61. A cultura dos Tsimba ... 61

62. A cultura dos Tsimba ... 62

63. A cultura dos Tsimba ... 63

64. A cultura dos Tsimba ... 64

65. A cultura dos Tsimba ... 65

66. A cultura dos Tsimba ... 66

67. A cultura dos Tsimba ... 67

68. A cultura dos Tsimba ... 68

69. A cultura dos Tsimba ... 69

70. A cultura dos Tsimba ... 70

71. A cultura dos Tsimba ... 71

72. A cultura dos Tsimba ... 72

73. A cultura dos Tsimba ... 73

74. A cultura dos Tsimba ... 74

75. A cultura dos Tsimba ... 75

76. A cultura dos Tsimba ... 76

77. A cultura dos Tsimba ... 77

78. A cultura dos Tsimba ... 78

79. A cultura dos Tsimba ... 79

80. A cultura dos Tsimba ... 80

81. A cultura dos Tsimba ... 81

82. A cultura dos Tsimba ... 82

83. A cultura dos Tsimba ... 83

84. A cultura dos Tsimba ... 84

85. A cultura dos Tsimba ... 85

86. A cultura dos Tsimba ... 86

87. A cultura dos Tsimba ... 87

88. A cultura dos Tsimba ... 88

89. A cultura dos Tsimba ... 89

90. A cultura dos Tsimba ... 90

91. A cultura dos Tsimba ... 91

92. A cultura dos Tsimba ... 92

93. A cultura dos Tsimba ... 93

94. A cultura dos Tsimba ... 94

95. A cultura dos Tsimba ... 95

96. A cultura dos Tsimba ... 96

97. A cultura dos Tsimba ... 97

98. A cultura dos Tsimba ... 98

99. A cultura dos Tsimba ... 99

100. A cultura dos Tsimba ... 100

CAPITULO 5 : O RITUAL ... 111

I O CULTO DOS TINGULUVE ... 115

A Um culto nacional ? ... 116

B A nível clânico ... 116

1 O nome da cerimónia ... 117

2 O destinatário ... 119

3 A iniciativa ... 120

4 A finalidade ... 121

5 O lugar da celebração ... 122

6 O sacrificador ... 123

7 Os participantes ... 124

8 A matéria do sacrifício ... 125

C No núcleo familiar ... 127

1 O nome da cerimónia ... 128

2 O destinatário ... 128

3 A finalidade ... 129

4 A iniciativa ... 132

5 O lugar do sacrifício ... 132

6 O sacrificador ... 133

7 Os participantes ... 133

8 A matéria do sacrifício ... 133

D A nível individual ... 134

II O CULTO AOS SWIKEMBU/SIKWEMBU ... 136

A Um culto nacional ? ... 136

B Ao nível clânico ... 137

1 O nome da cerimónia ... 138

2 O destinatário ... 140

3 A finalidade ... 140

4 O lugar do sacrificio ... 141

5 O sacrificador ... 143

6 Os participantes ... 144

7 A matéria do sacrificio ... 144

C No núcleo familiar ... 145

1 O nome da cerimónia ... 146

2 O destinatário ... 146

3 A finalidade ... 147

4 A iniciativa ... 148



5 O lugar do rito ... .. 149

6 O sacrificador . ... .. 150

7 Como se desenrola o rito ? ... .. 150

8 Os participantes ... .. 152

D A nível individual .. ... .. 154

III O SACRIFICADOR E O N'ANGA/ NYANGA .. ... .. 155

1 O sacrificador . ... .. 155

2 O n'anga/nyanga ... .. 157

3 Nyamusoro ..... .. 159

CAPÍTULO 6 : A RELIGIAO TRADICIONAL : UM SISTEMA COERENTE ... .. 162

I RELIGIAO TRADICIONAL UM SISTEMA COERENTE ? ... 162

1 Por uma resposta negativa ... .. 162

2 Por uma resposta positiva ... .. 166

3 Um sistema de referência e de representação .. 168

II - A

1 A cosmovisão do Homem changano-chope ... .. 170

2 A unidade cósmica ... .. 173

B

1 A Religião Tradicional:um sistema dinâmico ... 174

2 As interpelações da sociedade actual ... .. 175

3 O futuro da Religião Tradicional ... .. 180

Resumo ... .. 186

III PARTE : A RELIGIAO TRADICIONAL A LUZ DO EVANGELHO E DAS CIENCIAS HUMANAS ... .. 187

CAPITULO 7 : QUESTOES A RELIGIÃO TRADICIONAL . ... 188

A - A Religião Tradicional e o Deus revelado ... 189

1 O silêncio a respeito do Nome de Deus ... .. 190

2 O culto tradicional e a sua relação com DEUS . 191

B - A mediação ... .. 195

1 A existência dos mediadores ... .. 195

2 A natureza dos mediadores ... .. 192

3 A função dos mediadores .. ... .. 202



2 O lugar do ritual ... .. 206

3 O sacrifício ... .. 207

7 Como se desenvolve o ritual ... .. 211

8 Os participantes ... .. 213

D A nível individual ... .. 218

III O SACRIFICIO E O RITUAL ... .. 220

I O sacrifício ... .. 221

2 O significado ... .. 225

3 O ritual ... .. 228

IV PARTE : ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO ... .. 234

1 Por uma teologia negativa ... .. 236

2 Por uma teologia positiva ... .. 238

3 Um sistema de teologia e de teologia ... .. 243

II - 4 ... .. 246

1 A teologia da revelação ... .. 250

2 A unidade ... .. 255

3 A teologia da revelação ... .. 262

4 A teologia da revelação ... .. 267

III PARTE : A RELIGIAO TRADICIONAL A LUZ DO EVANGELHO ... .. 273

1 O evangelho e o sistema de Deus ... .. 276

2 O culto tradicional e a sua relação com Deus ... .. 278

3 - A mediação ... .. 284

1 A existência dos mediadores ... .. 287

2 A natureza dos mediadores ... .. 289

3 A função dos mediadores ... .. 290

C - A pessoa humana na Religião Tradicional ... .. 206

1 Sem dualismo nem pessimismo .. ... 207

2 A centralidade antropológica .. ... 211

3 A liberdade humana .. ... 213

D - O Homem em comunidade ... .. 218

CAPITULO 8 : A RELIGIAO TRADICIONAL A LUZ DAPPARA-  
PSICOLOGIA ... .. 220

1 O Os vivos e os mortos comunicam-se ? ... .. 221

2 Os poderes ocultos ... .. 225

3 A adivinhação ... .. 228

Resumo ... .. 234

IV PARTE : ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO  
E PERSPECTIVAS PASTORAIS ... .. 236

CAPITULO 9 : ESBOÇO DE UMA TEOLOGIA DA INCULTURAÇÃO 238

1 Cultura : criação e busca de equilíbrio . ... 238

2 Deus comunica com o Homem ... .. 241

3 Relação entre a Revelação universal e a Reve-  
lação Judeo-cristã ... .. 243

4 Relação entre o Evangelho e a Cultura ... .. 246

5 A necessidade do discernimento ... .. 250

6 A determinação do que é "BOM" . ... .. 255

7 Critérios de discernimento ... .. 262

8 Conversão, em que consiste ? ... .. 267

CAPITULO 10 : URGENCIAS PASTORAIS PARA HOJE ... .. 273

1 E agora : como agir ? ... .. 273

2 O agente pastoral ... .. 276

3 O discernimento em Comunidade . ... .. 278

CAPITULO 11 : PERSPECTIVAS PASTORAIS A LONGO PRAZO . 284

1 Re-descobrir a Cultura moçambicana . ... .. 284

2 O que é que se procura ? . ... .. 287

3 Os agentes da re-descoberta ... .. 289

4 O especialista . ... .. 290

5 Um lugar para uma teologia africana ... .. 292

6 O processo ..... .. 294

7 As pedras de toque .. ... 298

Resumo ... .. 307

SINTESE ... .. 308



308 ... ESTADO ...  
 307 ...  
 306 ...  
 305 ...  
 304 ...  
 303 ...  
 302 ...  
 301 ...  
 300 ...  
 299 ...  
 298 ...  
 297 ...  
 296 ...  
 295 ...  
 294 ...  
 293 ...  
 292 ...  
 291 ...  
 290 ...  
 289 ...  
 288 ...  
 287 ...  
 286 ...  
 285 ...  
 284 ...  
 283 ...  
 282 ...  
 281 ...  
 280 ...  
 279 ...  
 278 ...  
 277 ...  
 276 ...  
 275 ...  
 274 ...  
 273 ...  
 272 ...  
 271 ...  
 270 ...  
 269 ...  
 268 ...  
 267 ...  
 266 ...  
 265 ...  
 264 ...  
 263 ...  
 262 ...  
 261 ...  
 260 ...  
 259 ...  
 258 ...  
 257 ...  
 256 ...  
 255 ...  
 254 ...  
 253 ...  
 252 ...  
 251 ...  
 250 ...  
 249 ...  
 248 ...  
 247 ...  
 246 ...  
 245 ...  
 244 ...  
 243 ...  
 242 ...  
 241 ...  
 240 ...  
 239 ...  
 238 ...  
 237 ...  
 236 ...  
 235 ...  
 234 ...  
 233 ...  
 232 ...  
 231 ...  
 230 ...  
 229 ...  
 228 ...  
 227 ...  
 226 ...  
 225 ...  
 224 ...  
 223 ...  
 222 ...  
 221 ...  
 220 ...  
 219 ...  
 218 ...  
 217 ...  
 216 ...  
 215 ...  
 214 ...  
 213 ...  
 212 ...  
 211 ...  
 210 ...  
 209 ...  
 208 ...  
 207 ...  
 206 ...  
 205 ...  
 204 ...  
 203 ...  
 202 ...  
 201 ...  
 200 ...  
 199 ...  
 198 ...  
 197 ...  
 196 ...  
 195 ...  
 194 ...  
 193 ...  
 192 ...  
 191 ...  
 190 ...  
 189 ...  
 188 ...  
 187 ...  
 186 ...  
 185 ...  
 184 ...  
 183 ...  
 182 ...  
 181 ...  
 180 ...  
 179 ...  
 178 ...  
 177 ...  
 176 ...  
 175 ...  
 174 ...  
 173 ...  
 172 ...  
 171 ...  
 170 ...  
 169 ...  
 168 ...  
 167 ...  
 166 ...  
 165 ...  
 164 ...  
 163 ...  
 162 ...  
 161 ...  
 160 ...  
 159 ...  
 158 ...  
 157 ...  
 156 ...  
 155 ...  
 154 ...  
 153 ...  
 152 ...  
 151 ...  
 150 ...  
 149 ...  
 148 ...  
 147 ...  
 146 ...  
 145 ...  
 144 ...  
 143 ...  
 142 ...  
 141 ...  
 140 ...  
 139 ...  
 138 ...  
 137 ...  
 136 ...  
 135 ...  
 134 ...  
 133 ...  
 132 ...  
 131 ...  
 130 ...  
 129 ...  
 128 ...  
 127 ...  
 126 ...  
 125 ...  
 124 ...  
 123 ...  
 122 ...  
 121 ...  
 120 ...  
 119 ...  
 118 ...  
 117 ...  
 116 ...  
 115 ...  
 114 ...  
 113 ...  
 112 ...  
 111 ...  
 110 ...  
 109 ...  
 108 ...  
 107 ...  
 106 ...  
 105 ...  
 104 ...  
 103 ...  
 102 ...  
 101 ...  
 100 ...  
 99 ...  
 98 ...  
 97 ...  
 96 ...  
 95 ...  
 94 ...  
 93 ...  
 92 ...  
 91 ...  
 90 ...  
 89 ...  
 88 ...  
 87 ...  
 86 ...  
 85 ...  
 84 ...  
 83 ...  
 82 ...  
 81 ...  
 80 ...  
 79 ...  
 78 ...  
 77 ...  
 76 ...  
 75 ...  
 74 ...  
 73 ...  
 72 ...  
 71 ...  
 70 ...  
 69 ...  
 68 ...  
 67 ...  
 66 ...  
 65 ...  
 64 ...  
 63 ...  
 62 ...  
 61 ...  
 60 ...  
 59 ...  
 58 ...  
 57 ...  
 56 ...  
 55 ...  
 54 ...  
 53 ...  
 52 ...  
 51 ...  
 50 ...  
 49 ...  
 48 ...  
 47 ...  
 46 ...  
 45 ...  
 44 ...  
 43 ...  
 42 ...  
 41 ...  
 40 ...  
 39 ...  
 38 ...  
 37 ...  
 36 ...  
 35 ...  
 34 ...  
 33 ...  
 32 ...  
 31 ...  
 30 ...  
 29 ...  
 28 ...  
 27 ...  
 26 ...  
 25 ...  
 24 ...  
 23 ...  
 22 ...  
 21 ...  
 20 ...  
 19 ...  
 18 ...  
 17 ...  
 16 ...  
 15 ...  
 14 ...  
 13 ...  
 12 ...  
 11 ...  
 10 ...  
 9 ...  
 8 ...  
 7 ...  
 6 ...  
 5 ...  
 4 ...  
 3 ...  
 2 ...  
 1 ...  
 0 ...

Bibliothek  
 7369  
 Institut für Brasilienkunde  
 METTINGEN



**CEDIM**

Institut für Brasilienkunde I